



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

MICHELLY DA SILVA FERNANDES

**MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI E OS POVOS
ORIGINÁRIOS: um estudo sobre os saberes e modos de vida
indígenas na Amazônia**



**Belém-PA
2024**

MICHELLY DA SILVA FERNANDES

**MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI E OS POVOS
ORIGINÁRIOS:** um estudo sobre os saberes e modos de vida
indígenas na Amazônia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Roberto Moraes Corrêa.

**Belém-PA
2024**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) de acordo com o ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade do Estado do Pará

F363m Fernandes, Michelly da Silva

Museu paraense Emílio Goeldi e os povos originários: um estudo sobre os saberes e modos de vida indígenas na Amazônia / Michelly da Silva Fernandes. — Belém, 2024.
157f.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Roberto Moraes Corrêa Dissertação
(Pós-Graduação em Educação) - Universidade do
Estado do Pará, Campus I - Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE),
2024.

1. Museu Emílio Goeldi. 2. Educação museal. 3. Povos indígenas. I. Título.

CDD 22.ed. 370.9811

Elaborada por Priscila Melo CRB2/1345

MICHELLY DA SILVA FERNANDES

**MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI E OS POVOS
ORIGINÁRIOS:** um estudo sobre os saberes e modos de vida indígenas na
Amazônia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Roberto Moraes Corrêa.

Data da Aprovação: __/__/__.

Banca Examinadora:

_____ - **Orientador**

Prof. Dr. Sérgio Roberto Moraes Corrêa.

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (PPGCS/UFCG).
Universidade do Estado do Pará (PPGED/UEPA)

_____ - **Examinador (Interno)**

Prof. Dr. Reinaldo Matias Fleuri

Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

_____ - **Examinador (Externo)**

Profa. Dra. Ivanilde Apoluceno de Oliveira

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
Universidade do Estado do Pará (PPGED/UEPA)

DEDICÁTORIA

*A Deus.
À minha querida mãe e ao meu querido pai.
À minha inesquecível avó Natalina.
Aos Povos Originários por tanta sabedoria e (re) existência.
À equipe do Museu Paraense Emílio Goeldi.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre repousar Sua mão e cuidado sobre mim e minha trajetória. Por ser o melhor dos ouvintes e conselheiro, AquEle a quem recorro em momentos de aflição e incerteza, que conhece meu coração e sonhos melhor do que eu mesma. A Ele, que me direcionou pelos melhores caminhos diante das dúvidas e desafios.

Aos meus queridos pais, Mônica de Fátima Rodrigues da Silva e Dirceu José Fernandes, que sempre me conduziram por bons caminhos, meus primeiros orientadores na vida. Sem romantizar a realidade de milhares de brasileiros, estou aqui realizando este sonho graças às inúmeras abdições de meus pais, que não puderam viver plenamente seus próprios sonhos. Dedico esta conquista a vocês, que, mesmo sem entender completamente minhas escolhas, sempre estiveram ao meu lado como bons pais e amigos, sendo os primeiros a celebrar minhas conquistas, que são também de vocês.

À minha avó Natalina, que sempre estará em meu coração e pensamentos. Sua colaboração foi essencial para que eu me tornasse quem sou hoje. Mesmo afligida pelo mal de Alzheimer, seu sorriso nunca se apagou. Chegar até aqui é um mérito compartilhado com você, minha amada avó.

Aos queridos amigos Sra. Maria Francisca de Souza Bordalo e Sr. Alberto Leão Bordalo, que me acolheram em sua casa e se tornaram fundamentais nesta trajetória. Suas palavras e gestos de ânimo e afeto tornaram esta caminhada mais leve.

À equipe do Museu Paraense Emílio Goeldi, pela receptividade e colaboração com esta pesquisa. Vocês foram peças-chave para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos povos originários, cuja história e resistência foram a base e a motivação desta pesquisa. Sem vocês, isto não teria sentido.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Sérgio Roberto Moraes Corrêa, por compartilhar seus conhecimentos e sabedoria. Suas conversas, sejam em grupo ou individualmente, foram cruciais para a realização e efetivação deste trabalho.

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa em Pensamento Social e Educacional das Margens Amazônicas (GEPPSEMA), por seu papel essencial em ampliar o debate sobre as vozes subalternizadas e trazer suas histórias para o centro das discussões. A dedicação do grupo foi fundamental para enriquecer esta pesquisa e valorizar narrativas frequentemente marginalizadas.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará, pelo suporte acadêmico e administrativo. Um agradecimento especial ao Jorginho e ao Carlos, da secretaria, que sempre estiveram disponíveis para sanar nossas dúvidas e auxiliar nas atividades necessárias.

Aos meus colegas da turma 18, com quem compartilhei seminários, acolhimentos, afetos, risadas, conselhos, diálogos e sonhos. Agradeço pela companhia e pelo apoio mútuo ao longo desta jornada.

Ao meu companheiro de vida, Alberto Henrique de Souza Bordalo, que o destino me presentou através a vida acadêmica. Ter sua parceria tornou este momento não apenas mais

leve, mas também repleto de significado. Obrigada por estar ao meu lado, transformando essa travessia em algo mais bonito e especial.

Aos mais do que amigos, que cultivei ao longo desta caminhada: Luciene, Jesyan, Beatriz, Welison, Carmem, Beth, Karina, Sidnéia. Sou imensamente grata por tê-los em minha vida e por nossos caminhos terem se cruzado através da educação. Desejo muito sucesso e luz para cada um de vocês.

À amiga e parceira de orientação, Profa. Luciene Teixeira, com quem dividi a caminhada, sonhos, anseios, frustrações e os trabalhos da pós-graduação. Desejo o melhor e mais vivido sucesso para sua trajetória.

À Ivone Siqueira, uma amiga que, mesmo distante, sempre esteve presente em meu coração. Sua presença constante e seu incentivo foram fundamentais para que eu vivesse mais otimista o mestrado. Suas conversas e conselhos foram preciosos. Sua humildade e inteligência são características que admiro profundamente e me fazem sentir sorte em tê-la como amiga.

À banca examinadora, composta pelos professores Profa. Dra. Ivanilde Apoluceno e Prof. Dr. Reinaldo Fleury. É uma honra contar com a presença de vocês neste momento tão especial.

A todos que lutam por uma educação democrática. Esta é uma das maiores razões para a filha de uma empregada doméstica e de um operador de máquina estar diante de mais uma conquista, superando obstáculos sociais, políticos, econômicos e estruturais. Esta conquista não é apenas minha, mas de todo um coletivo. Cheguei à UEPA, mas antes passei pela UFPA, pela E.E.E.F.M. Ruth dos Santos Almeida e pela Escola Municipal Theodor Badotti, todas as instituições públicas que colaboraram com minha formação em todos os âmbitos. Sou “cria” do ensino público e da periferia do Tenoné, de Belém/PA.

À FAPESPA, pelo subsídio financeiro que colaborou para o desenvolvimento desta pesquisa e minha permanência durante o curso do mestrado.

Aos meus ancestrais, por suas árduas lutas e conquistas. Conseguimos mais uma. Conseguiremos muitas mais!

A todos que lutam todos os dias por suas liberdades, sejam elas quais forem. Àquela mãe de família que acorda cedo para arrumar e levar seus filhos à escola, ao pai de família que trabalha longas horas, ao filho que foi privado de lazer e do mínimo devido à condição financeira de sua família. Quebrem essa cadeia hereditária, se possível. Vivam, e não apenas sobrevivam! Vivam para realizar seus sonhos e não se permitam apenas sonhar!

RESUMO

FERNANDES, Michelly da Silva. **Museu Paraense Emílio Goeldi e os Povos Originários: um estudo sobre os saberes e modos de vida indígenas na Amazônia.** 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Estado do Pará – UEPA, Belém-PA, 2024.

Esta pesquisa se dedica a analisar os projetos e processos educativos desenvolvidos no Museu Paraense Emílio Goeldi, situado na região amazônica, com foco nos saberes e modos de vida dos povos indígenas pesquisados por essa instituição científica e educativa. A luta dos povos originários por autoafirmação é histórica, e eles têm cada vez mais demonstrado sua relevância ao denunciar a crise civilizatória que enfrentamos, além de apresentar caminhos possíveis e alternativos para sociabilidade e educação “outras”. A questão que se coloca é: as instituições científicas e educativas estão realmente atentas a esses saberes, mensagens e gestos? A presente pesquisa de mestrado é orientada pela seguinte questão de investigação: Sob que perspectiva o Museu Paraense Emílio Goeldi, por meio de seus projetos e processos educativos, tem tratado os saberes e modos de vida dos povos indígenas na sociedade brasileira, especialmente na Amazônia? O objetivo é compreender como o Museu Paraense Emílio Goeldi tem tratado esses saberes e modos de vida por meio de seus projetos e processos educativos, com ênfase na Amazônia. A investigação adota o método da fenomenologia social de Schutz (1979), priorizando uma abordagem qualitativa que valoriza e proporciona visibilidade às subjetividades dos participantes e colaboradores (as) envolvidos (as) nos projetos da instituição, por meio de entrevistas narrativas. Essa abordagem não perde de vista a relação com os processos históricos e estruturais da sociedade e da educação brasileira, onde esses povos permanecem marginalizados e invisibilizados. Nesse contexto, a corrente do pensamento decolonial e a contribuição de lideranças e intelectuais indígenas ocupam um lugar de destaque na pesquisa. Além disso, a pesquisa incluirá análise documental baseada nos projetos educativos do Museu que abordam essa temática, visando ampliar o campo de análise do fenômeno social em questão. Assim, refletir sobre a Educação Museal e os Povos Indígenas nos permite uma aproximação mais profunda com as memórias, culturas e saberes diversos que permeiam a sociedade.

Palavras-Chave: Museu Emílio Goeldi; Educação Museal; Povos Indígenas.

ABSTRACT

FERNANDES, Michelly da Silva. *Museu Paraense Emílio Goeldi and Indigenous Peoples: A Study on the Knowledge and Ways of Life of Indigenous Peoples in the Amazon.* 169 f. Dissertation (Master's in Education), Universidade do Estado do Pará – UEPA, Belém-PA, 2024.

This research is dedicated to analyze the educational projects and processes developed at the Museu Paraense Emílio Goeldi, located in the Amazon region, focusing on the knowledge and ways of life of the indigenous peoples studied by this scientific and educational institution. The struggle of indigenous peoples for self-affirmation is historic, and they have increasingly demonstrated their relevance by highlighting the civilizational crisis we face, as well as presenting possible and alternative paths for sociability and “other” forms of education. The question arises: Are scientific and educational institutions truly attentive to this knowledge, these messages, and these gestures? This master's research is guided by the following research question: From what perspective has the Museu Paraense Emílio Goeldi, through its educational projects and processes, addressed the knowledge and ways of life of indigenous peoples within Brazilian society, particularly in the Amazon? The aim is to understand how the Museu Paraense Emílio Goeldi has addressed these forms of knowledge and ways of life through its educational projects and processes, with a focus on the Amazon. The investigation uses Schutz's (1979) social phenomenology method, prioritizing a qualitative approach that values and provides visibility to the subjectivities of participants and collaborators involved in the institution's projects through narrative interviews. This approach does not lose sight of the relationship with the historical and structural processes of Brazilian society and education, where these peoples remain marginalized and invisible. In this context, decolonial thought and the contributions of indigenous leaders and intellectuals play a prominent role in the research. Additionally, the research will include bibliographic and documentary analysis based on the Museum's educational projects dealing with this theme, aiming to broaden the analysis of the social phenomenon in question. Thus, reflecting on Museum Education and Indigenous Peoples allows for a deeper engagement with the memories, cultures, and diverse knowledge that permeate society.

Keywords: Museu Emílio Goeldi; Museum Education; Indigenous Peoples.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Pesquisa realizada nos repositórios dos Programas de Pós-Graduação em Educação - UEPA, UFPA e do Museu Emílio Goeldi.....	29
Quadro 2. Pesquisa realizada nos repositórios dos Programas de Pós-Graduação em Educação - UEPA.....	30
Quadro 3. Pesquisa realizada no repositório do Programa de pós-graduação em Educação PPGED-UFPA (Pará).....	32
Quadro 4. Tese encontrada no repositório do Programa de pós-graduação em Educação PPGED-UFPA (Pará).....	32
Quadro 5. Pesquisa realizada no repositório do Museu Paraense Emílio Goeldi (Pará).....	32
Quadro 6. Pesquisa realizada no repositório da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED.....	33
Quadro 7. Trabalhos encontrados no repositório da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED.....	34
Quadro 8. Pesquisa realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.....	35
Quadro 9. Dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD-CAPES.....	36
Quadro 10. Dados em gráfico das produções acerca dos dados Quantitativo de teses e dissertações no Brasil.....	38
Quadro 11. Dados das pesquisas encontradas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD.....	39
Quadro 12. Dados das pesquisas encontradas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD.....	40
Quadro 13. Dados das pesquisas encontradas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD.....	41
Quadro 14. Dados das pesquisas encontradas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD.....	43
Quadro 15. Dados das pesquisas realizadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – CAPES.....	45
Quadro 16. Dados das pesquisas encontradas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD.....	45

Quadro 17. Dados das pesquisas realizadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – CAPES.....	46
Quadro 18. Dados das pesquisas realizadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – CAPES.....	49
Quadro 19. Dados das pesquisas realizadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – CAPES.....	50
Quadro 20. Dados das pesquisas realizadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – CAPES.....	50
Quadro 21. Dados das pesquisas realizadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – CAPES.....	52
Quadro 22. Dados das pesquisas realizadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – CAPES.....	52
Quadro 23. Dados das pesquisas encontradas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD.....	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Categorias principais das entrevistas.....	135
Tabela 2. Categorias principais das entrevistas.....	138
Tabela 3. Categorias principais das entrevistas.....	143
Tabela 4. Categorias principais das entrevistas.....	149
Tabela 5. Categorias principais das entrevistas.....	153

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Domingos Soares Ferreira Penna	55
Figura 2. Pavilhão Domingos Ferreira Pena (Rocinha)	56
Figura 3. Emílio Augusto Goeldi.....	57
Figura 4. Planta do Museu Paraense e seus anexos (Horto Botânico e Jardim Zoológico) e dos terrenos vizinhos a desapropriar (1896)	59
Figura 5. Interior do “elegante” viveiro de aves aquáticas ou “pernalta”, encomendado de Paris. A estrutura de ferro, com traços <i>art nouveau</i> , semelhante à gaiola existente no Parc de Saint Germain.....	60
Figura 6. Lago das vitórias-régias.....	61
Figura 7. Caixa d 'água cenográfica construída em 1901, junto ao lago das vitórias-régias. Sob o mirante, de onde era possível observar o Parque e a rua, criavam-se corujas.....	62
Figura 8. Público em dia de passeio no Museu Goeldi em 1900.	63
Figura 9. Jacques Huber (1867-1914)	64
Figura 10. Emília Snethlage (1868-1929)	66
Figura 11. Carlos Estevão (1880-1946).	67
Figura 12. A fachada do Museu Paraense Emílio Goeldi em 1949.	70
Figura 13. O linguista Nilson Gabas Júnior, atual diretor do Museu Goeldi.....	71
Figura 14. Dra. Ana Luísa Albernaz – Diretora do Museu Paraense Emilio Goeldi – Solenidade de posse.....	72
Figura 15. Fachada do Museu Paraense Emílio Goeldi atualmente.....	73
Figura 16. Parte da fachada do Museu Paraense Emílio Goeldi atualmente.	74
Figura 17. Entrada do Campus de Pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi.....	74
Figura 18. Estação Científica Ferreira Penna.....	75
Figura 19. Fachada do Pavilhão Domingos Soares Ferreira Penna (Rocinha).....	77
Figura 20. Parte interna da exposição do Pavilhão Domingos Soares Ferreira Penna (Rocinha)	77
Figura 21. Acervo da exposição do Pavilhão Domingos Soares Ferreira Penna (Rocinha)	78

Figura 22. Acervo da exposição do Pavilhão Domingos Soares Ferreira Penna (Rocinha)	78
Figura 23. Reinauguração do Centro de Exposições Eduardo Enéas Gustavo Galvão.....	79
Figura 24. Eduardo Enéas Gustavo Galvão.....	79
Figura 25. A entrada da Exposição "Diversidades Amazônicas"	80
Figura 26. Parte do acervo sobre "Origem", "Espécies" e "Ambientes" da Exposição "Diversidades Amazônicas"	81
Figura 27. Acervo sobre "Culturas" da Exposição "Diversidades Amazônicas"	81
Figura 28. Acervo sobre "Culturas" da Exposição "Diversidades Amazônicas"	82
Figura 29. Acervo sobre "Culturas" da Exposição "Diversidades Amazônicas"	82
Figura 30. Miniauditório do prédio Eduardo Galvão.....	83
Figura 31. Exposição "Diversidades Amazônicas"	83
Figura 32. Hall do prédio.....	84
Figura 33. Andar intermediário (Foto da Cerimônia de Abertura da Exposição Itinerante Nheé Porã)	84
Figura 34. Hall do prédio e o andar intermediário que comporta o espaço para exposições itinerantes.....	85
Figura 35. Indígenas em visita ao Museu Goeldi.	89
Figura 36. Sala de exposição da coleção arqueológica do Museu Goeldi.....	90
Figura 37. Sala de exposição da coleção etnográfica do Museu Goeldi.....	90
Figura 38. Diadema com plumas de guará.....	92
Figura 39. Pesquisa de Campo no Alto Xingu (Mato Grosso). Eduardo Galvão entre os Indígenas Kamayurá.....	93
Figura 40. Conferência de Abertura e Proclamação simbólica do Parque Zoobotânico como Território Indígena.....	98
Figura 41. Nice Tupinambá no dia da declaração oficial do Museu Paraense Emílio Goeldi como Território Indígena.....	99
Figura 42. Totem de Entrada da Exposição “Nhe’ê Porã: Memória e Transformação”.	101
Figura 43. Acervo da exposição Nhe’ê Porã.....	102

Figura 44. Acervo da Exposição.....	104
Figura 45. Acervo da Exposição.....	106
Figura 46. Réplica da Urna Funerária Marajoara.....	108
Figura 47. Parte do acervo da Exposição Nhe'e Porã (Maracá, copo de cachaça).....	109
Figura 48. Mapa tátil das Terras Indígenas reconhecidas no Brasil (acervo da Exposição Nhe'e Porã).....	110
Figura 49. Maracá e instrumentos musicais indígenas (acervo da Exposição Nhe'e Porã)	110
Figura 50. Ilustração (acervo da Exposição Nhe'e Porã).....	111
Figura 51. Atividade “Museus Goeldi Terra Indígena: quando a cidade invade a aldeia, ministrada por Kwahary Tenetehar.....	115
Figura 51. Pajelança realizada pela Associação Wika Kwara.....	114
Figura 53. Lançamento do livro “Guerreiras da Ancestralidade” no Museu Goeldi em 2024.....	114
Figura 54. Vendas de objetos, acessórios e pintura corporal como parte da programação do evento.....	115

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPED - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO

CAPES - COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR

CIMI – CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO

ECFPN- ESTAÇÃO CIENTÍFICA FERREIRA PENNA

IBRAM - INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS

ICOM - CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS

INPA- INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

IPHAN - INSTITUTO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

MCTIC- MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

MPEG - MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

PNEM - POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO MUSEAL

SPI - SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO ÍNDIO

UNESCO - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA

SUMÁRIO

1 PRIMEIRAS PALAVRAS: FUNDAMENTOS INICIAIS DA PESQUISA.....	17
1.1 MOTIVAÇÕES DA PESQUISA.....	17
1.2 TECENDO O CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	22
2 ESTADO DA ARTE: CONSTRUINDO O TERRITÓRIO EPISTEMOLÓGICO	28
2.1 DISSERTAÇÕES E TESES DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: PPGED/UFPA, PPGED/UEPA E OS REPOSITÓRIOS DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI, ANPED E CAPES	29
3 O MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI: TRAJETÓRIA HISTÓRICA, EDUCAÇÃO MUSEAL E A RELAÇÃO COM OS POVOS INDÍGENAS	54
3.1 MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI: UM POUCO DA TRAJETÓRIA DO MUSEU MAIS ANTIGO DA AMAZÔNIA	54
3.2 BREVE HISTÓRICO DA RELAÇÃO ENTRE O MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI E OS POVOS ORIGINÁRIOS	87
3.3 RECONHECIMENTO DA ANCESTRALIDADE E MODOS “OUTROS” DE EDUCAR E VIVER: AVANÇOS E DESAFIOS NA RELAÇÃO ENTRE O MUSEU EMÍLIO GOELDI E OS POVOS INDÍGENAS"	96
3.4 EDUCAÇÃO MUSEAL, MEMÓRIAS E POVOS INDÍGENAS	118
4. QUAL É O LUGAR DOS SABERES INDÍGENAS NO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI?.....	127
4.1 “NÃO TEMOS NENHUM TIPO DE ADESÃO NESSE ESPAÇO - NÃO SABIA QUE EXISTIA UMA REPRESENTATIVIDADE INDÍGENA”	130
4.2 “DESDE O SÉCULO 20, GOELDI JÁ TINHA ESSAS COLABORAÇÕES COM OS POVOS INDÍGENAS”.....	136

4.3 “OS OBJETOS REFLETEM UMA METODOLOGIA, TECNOLOGIA QUE ELES RECONHECEM, E ELES PODEM AJUDAR A EXPLICAR, POR QUE TEM ESSES BURQUINHOS, ESSA ALÇA”	139
4.4 “TEM POVOS QUE SIM, VÃO QUERER QUE SUAS PEÇAS ESTEJAM ALI, OUTROS QUE NÃO, E OUTROS QUE VÃO QUERER QUE SUAS PEÇAS SEJAM RETOMADAS”	144
4.5 “EU NÃO SABIA SOBRE O QUE QUE ERA O MUSEU, PARA MIM ERA SÓ SOBRE ALGUMA EXPOSIÇÃO E ATIVIDADE”	150
5. TECENDO SABERES: CONSIDERAÇÕES “FINAIS” E CAMINHOS POSSÍVEIS	154
REFERÊNCIAS	157
APÊNDICE A (ROTEIRO DAS ENTREVISTAS)	
APÊNDICE B (TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO/TCLE)	

Somos as sementes dos sonhos de nossos avós.

(Renata Machado Tupinambá)

1 PRIMEIRAS PALAVRAS: fundamentos iniciais da pesquisa

1.1 Motivações da pesquisa

Trazer à luz a presente temática de pesquisa emerge de minha trajetória acadêmica que inicia na Universidade Federal do Pará (UFPA), onde ingressei em 2017 no curso de Licenciatura Integrada em Matemática, Ciências e Linguagens pelo Instituto de Matemática e Científica (IEMCI/UFPA). Na graduação, integrei ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação em Ciências e Sustentabilidade na Amazônia, que discutia temas sobre as questões socioambientais nas sociedades contemporâneas, com enfoque no ensino de ciências, buscando analisar novas estratégias de ensino.

E o empenho por temas relacionados às questões socioambientais e educação ambiental fizeram com que participasse de outras formações, como: o Curso de Educação Ambiental pelo Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental na Amazônia. Posteriormente a isso, participei de projetos de pesquisa que abordavam a relação das questões socioambientais e educacionais. Em 2019, sou contemplada como bolsista de iniciação científica (PIBIC) com o projeto “Metodologias ativas dialógicas de ensino na apreensão das questões socioambientais da Amazônia”, em que a investigação objetivava trabalhar a temática socioambiental por meio de metodologias ativas-dialógicas na formação dos professores que ensinam ciências.

Ainda na graduação, minha trajetória como bolsista de iniciação científica continua por mais dois semestres, desta vez com o projeto “Educação/Formação de professores que ensinam ciências na perspectiva decolonial no cenário da crise socioambiental”. Esse projeto expandiu as discussões para além da temática socioambiental, abordando outros conteúdos, como diversidade cultural e ecologia de saberes, apontando para a necessidade de debates que atravessassem a educação multicultural e antirracista nos ambientes educacionais.

Ao longo dessas pesquisas, percebeu-se o carecimento em incluir as comunidades indígenas nos debates educacionais, bem como abordar questões relacionadas ao racismo estrutural e à invisibilidade das populações indígenas e afrobrasileiras na história do Brasil. Destacando assim, as leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que representam avanços significativos nesse sentido, todavia ainda não se pode negar que existe muito a ser feito para reconhecer e valorizar as contribuições desses povos e grupos para a sociedade brasileira.

Mediante a participação em uma disciplina optativa que analisava metodologias ativas mais eficazes em certas dinâmicas de ensino e aprendizagem, visitamos o Museu do Encontro,

localizado no Forte do Presépio, que compõe o Complexo Feliz Lusitânia, onde a vivência nesse espaço possibilitou ter novas ideias. E a partir do último projeto de iniciação científica, em consonância com a experiência dessa visita, mergulhei ainda mais fundo no universo dos museus. Desse modo, com este projeto em orientação, início a investigação assentada nas narrativas indígenas e europeias que se fazem presentes nesse Museu do Encontro, com o propósito de analisar essas narrativas numa perspectiva decolonial e compartilhar as compreensões, percepções e visões de mundo sobre os indígenas amazônicos.

Durante a pesquisa, foram estudadas as cosmovisões dos povos originários da região em contraste com as cosmovisões europeias sobre estes povos, uma vez que perpetuam ainda visões eurocêntricas sobre os povos amazônicos que foram disseminadas e passaram a moldar o pensamento social e histórico. Buscando romper com esse olhar eurocentrado hegemônico sobre os povos locais, a investigação se concentrou nas potencialidades educativas que o referido Museu oferece a partir das vivências de quem o visita e explora, colaborando conseqüentemente para uma melhor compreensão acerca dos saberes, crenças e cosmovisões dos povos indígenas, sendo impreterível para uma educação decolonial que transcende à matriz eurocêntrica. Assim, esse Museu mostra suas contradições e conflitos que envolvem essas cosmovisões.

Com base nas experiências adquiridas durante o mestrado, tive a oportunidade de aprofundar-me em estudos de autores como Walter Mignolo, Anibal Quijano e Boaventura Santos, cujas obras enriquecem as discussões abordadas neste trabalho, especialmente em relação aos estudos sobre a modernidade/colonialidade/ decolonialidade; as Epistemologias do Sul e entre outros. Participei de eventos acadêmicos, disciplinas optativas, minicursos, oficinas e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Pensamento Social e Educacional das Margens Amazônicas (GEPPSEMA/UEPA). Este grupo apresentou estudos e autores fundamentais para a construção do pensamento social brasileiro, o que contribuiu significativamente para a fundamentação epistemológica no reconhecimento e valorização dos saberes tradicionais e das práticas culturais das comunidades amazônicas, incorporando esses conhecimentos nas pesquisas e nas práticas educacionais.

Os museus ocupam um lugar central na preservação e valorização das culturas, línguas e memórias de diversas comunidades. Contudo, muitas dessas instituições ainda operam sob uma lógica norte-eurocêntrica, que tende a marginalizar as narrativas dos povos originários e das comunidades tradicionais da Amazônia. Esse contexto ressalta a importância de investigar como os museus, e particularmente o Museu Paraense Emílio Goeldi, podem romper com essa

visão hegemônica e promover um reconhecimento mais profundo dos saberes e modos de vida indígenas.

A pesquisa proposta, intitulada "Museu Emílio Goeldi e Povos Originários: um estudo sobre os saberes e modos de vida indígenas da Amazônia", busca explorar as práticas museológicas que desafiam essa perspectiva dominante. Tendo como escopo analisar tanto os avanços quanto os desafios enfrentados na construção de diálogos mais abertos entre o museu e as comunidades indígenas, contribuindo para uma museologia que seja mais próxima da realidade desses povos e mais justa.

O projeto de pesquisa dedicou-se a estudar os saberes e processos educativos em espaços museológicos da Amazônia, com foco nos modos de vida dos povos originários da região. O Museu Paraense Emílio Goeldi foi escolhido como lócus da pesquisa. A investigação foi orientada pela seguinte questão-problema: *sob que perspectiva o Museu Paraense Emílio Goeldi, por meio de seus processos educativos, tem abordado os saberes e modos de vida dos povos indígenas da Amazônia?*

Como objetivo central, essa pesquisa buscou compreender sob qual perspectiva o Museu Emílio Goeldi, por meio de seus processos educativos, aborda os saberes e modos de vida dos povos indígenas da Amazônia. Os objetivos específicos, são: (a) Analisar os processos educativos que permeiam o Museu Paraense Emílio Goeldi, que se concentram diretamente nas atividades/trabalhos sobre/com os povos originários; b) Estudar a relação entre o Museu Emílio Goeldi e as comunidades indígenas, incluindo a participação dos povos originários na curadoria e interpretação de suas culturas e; c) Investigar os avanços e desafios presentes na relação entre o Museu Emílio Goeldi e os povos indígenas, considerando o reconhecimento e a contribuição de sua ancestralidade para modos “outros” de educar e viver.

O método da pesquisa tem como enfoque a abordagem decolonial, privilegiando uma abordagem qualitativa que valorize e visibilize a experiência e subjetividade dos sujeitos envolvidos nos projetos da referida instituição.

Considerando os objetivos da pesquisa, optou-se em utilizar a entrevista narrativa, como ferramenta na coleta e construção dos dados, permitindo a adaptação das perguntas conforme o andamento da entrevista e garantindo a participação ativa dos entrevistados na estruturação da pesquisa. A escolha da entrevista narrativa partiu da elaboração de uma entrevista flexível, sendo este o coparticipante na estruturação da pesquisa, segundo Triviños (1987).

Além das entrevistas narrativas, foram empregadas técnicas da observação de campo, como a Observação Participante que se trata de uma técnica de observação simples e casual,

sendo muito útil para as etapas iniciais da pesquisa, se tratando de um método de investigação que tende a complementar outros processos de investigação (Gil, 1999; Sommer & Sommer, 2002). Esta técnica auxiliou na construção do acervo fotográfico da pesquisa e na coleta de informações complementares, incluindo registros em um diário de campo.

Para esta pesquisa, inicialmente, foram realizadas análises nos repositórios de teses e dissertações de diversos Programas de Pós-Graduação, incluindo UFPA, UEPA, UFAM, UFAC, UFRR, UNIR, UFT, UNIFAP, além dos repositórios do Museu Paraense Emílio Goeldi, do Banco de Teses e Dissertações (BDTD) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). O levantamento abrangeu dissertações e teses no período de 2017 a 2022, utilizando as seguintes palavras-chave: (1) Educação Museal; (2) Povos indígenas e; (3) Museu Emílio Goeldi.

O texto está organizado em cinco (5) seções, conforme descrito abaixo.

Na introdução, **seção 1, “Primeiras palavras: fundamentos iniciais da pesquisa”**, está estruturada com o objetivo de fornecer uma base sólida para sustentar a discussão proposta, apresentando as motivações, justificativas, questão-problema e os objetivos em relação ao fenômeno social de estudo, destacando a atuação do Museu Goeldi que se revela como uma complexa interação entre práticas científicas tradicionais, influências coloniais e esforços recentes para maior inclusão. Historicamente, a abordagem científica e museológica do museu muitas vezes se apoiou em paradigmas coloniais que distorciam e marginalizavam as culturas locais. A representação dos saberes indígenas e tradicionais, frequentemente feita de forma estereotipada e simplificada, não refletia sua verdadeira diversidade. Essa abordagem colonial resultou em práticas museológicas que frequentemente excluíam a participação ativa das comunidades representadas. O foco na objetividade e categorização científica muitas vezes ignorou ou subestimou as contribuições e perspectivas dos povos indígenas, evidenciando uma lacuna significativa na inclusão e respeito por outras culturas.

Na **seção 2**, realizou-se o estado da arte nos repositórios de teses e dissertações dos Programas de Pós-Graduação da UFPA, UEPA, UFAM, UFAC, UFRR, UNIR, UFT, UNIFAP e nos repositórios do Museu Paraense Emílio Goeldi, assim como no Banco de Teses e Dissertações (BDTD/CAPES) e no repositório da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). Nesta seção, acrescentamos a palavra-chave “Museu Indígena” e “Discurso museológico” com o intuito de ampliar a busca por trabalhos relevantes.

Na **Seção 3, “O Museu Paraense Emílio Goeldi: trajetória histórica, educação museal e a relação com os povos indígenas”**, convidamos o leitor a explorar conosco a rica

e complexa trajetória do Museu Paraense Emílio Goeldi, uma instituição que, ao longo de mais de um século, se estabeleceu como uma luz de conhecimento e pesquisa na Amazônia. Dividimos nossa análise em quatro subseções, cada uma abordando diferentes aspectos dessa instituição multifacetada e sua interação com os saberes e modos de vida dos povos originários.

Na **Subseção 3.1: "MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI: um pouco da trajetória do museu mais antigo da Amazônia"**, abordamos a história do Museu Goeldi desde sua fundação, destacando seu papel na construção do conhecimento científico e sua relevância como a instituição mais antiga da Amazônia. Vamos refletir sobre como sua trajetória moldou e foi moldada pelo contexto histórico e científico da região, e como isso impacta sua posição atual.

Na **Subseção 3.2: "Breve histórico da relação entre o Museu Paraense Emilio Goeldi e os Povos Originários"**, exploraremos a relação entre o Museu e as comunidades indígenas. Através de um olhar crítico, investigaremos como essa relação foi desenvolvida, as tensões e os avanços ocorridos, e como as práticas do Museu refletiram ou desafiaram as estruturas de poder colonial e as dinâmicas de representação dos modos de vida e saberes indígenas.

Na **Subseção 3.3: "Reconhecimento da ancestralidade e contribuições para modos “outros” de educar e viver: avanços e Desafios na Relação entre o Museu Emílio Goeldi e os Povos Indígenas"**, discutimos a recente declaração do Museu como território indígena, avaliando se essa medida representa um avanço real na reconciliação com os povos originários ou se é, em essência, uma reparação simbólica que não aborda as questões mais profundas dessa relação. Esta subseção buscará entender o impacto dessa declaração e os seus efeitos práticos sobre a relação entre o Museu e as comunidades indígenas.

Na **Subseção 3.4: "Educação Museal, memórias e povos indígenas"**, abordamos como a educação museal se entrelaça com as memórias e os saberes dos povos indígenas, destacando os avanços e desafios enfrentados na construção de um diálogo mais inclusivo e ético.

Através dessas subseções, pretende-se oferecer uma análise crítica do Museu Paraense Emílio Goeldi, refletindo sobre suas conquistas, seus desafios e suas complexas interações com os saberes e as histórias dos povos originários. A abordagem decolonial será fundamental para revelar as dimensões ocultas da colonialidade e promover uma compreensão mais profunda do fenômeno de estudo.

Na **Seção 4, "Qual é o lugar dos povos indígenas no Museu Paraense Emílio Goeldi?"**, descrevemos a técnica de coleta de dados utilizada na pesquisa, que consistiu em entrevistas narrativas com pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi e representantes indígenas. Escolhemos esse método para capturar de maneira detalhada as perspectivas e experiências dos participantes. As entrevistas foram conduzidas de forma a permitir flexibilidade e profundidade na exploração dos temas relevantes. Com os pesquisadores do museu, nosso objetivo foi entender suas percepções sobre a relação do museu com os povos indígenas e os desafios que enfrentam. Com os representantes indígenas, focamos em suas experiências e expectativas em relação ao museu. As conversas foram gravadas e transcritas para garantir uma análise precisa. Utilizamos a codificação temática para identificar padrões e temas nas narrativas, refletindo fielmente as diversas perspectivas e experiências dos participantes. Essa abordagem nos proporcionou uma compreensão aprofundada das interações entre o Museu Paraense Emílio Goeldi e os povos indígenas, alinhada aos objetivos da pesquisa.

A **seção 5, "Tecendo saberes: considerações "finais" e caminhos possíveis"**, buscou-se tecer as principais conclusões e aprendizados que emergiram do presente estudo, oferecendo uma visão integrada das descobertas realizadas. As análises revelam não apenas os avanços significativos alcançados, mas também as limitações e desafios enfrentados ao longo da pesquisa. No entanto, a conclusão deste trabalho não é um ponto final, mas uma abertura para novas reflexões e investigações.

1.2 Tecendo o caminho teórico-metodológico da pesquisa

Ao longo de mais de 500 anos, os povos indígenas foram frequentemente alvo de preconceitos e estereótipos, contribuindo para perpetuar uma visão que os considera como inferiorizados e desprovidos de direitos na sociedade não indígena. Essa marginalização persistente os mantém à margem da sociedade contemporânea, como se ainda estivessem presos a uma história distante e irrelevante.

Esse desconhecimento sobre a realidade atual dos povos indígenas resulta de um processo sistemático e intencional de apagamento, originado de um sistema-mundo moderno-colonial dominante (Quijano, 2005). A representação dos indígenas de forma simplista e folclórica na sociedade atual resulta de um processo histórico profundamente enraizado na narrativa colonial eurocêntrica e na literatura romântica do século XIX. As obras de autores como José de Alencar frequentemente perpetuam estereótipos ao descrever os índios como

figuras idealizadas e ingênuas, ou como guerreiros valentes e canibais ameaçadores (Silva, 2014, p. 28).

De maneira semelhante, as observações de Pero Vaz de Caminha sobre os povos nativos encontrados nas terras recém-descobertas eram frequentemente caracterizadas por uma abordagem exótica e superficial, descrevendo-os com base em suas vestimentas mínimas, adornos e a cor da pele como “cor de café”. Apesar de refletirem a perspectiva limitada e eurocêntrica da época, essas descrições oferecem uma perspectiva histórica significativa sobre como os primeiros encontros entre europeus e indígenas foram registrados e interpretados, contribuindo para a formação de estereótipos que ainda influenciam a percepção contemporânea.

O sistema mundo moderno/colonial impôs à sociedade um modo de ser/existir/pensar e configurou que a única forma de validar o conhecimento é através da ciência moderna, desconsiderando outros saberes e culturas, homogeneizando a diversidade indígena sob o rótulo genérico de “índios”. Segundo Mignolo (2007). A representação dos povos indígenas tem sido propagada de forma homogênea e folclorizada, e isso se deve ao processo de colonização que se iniciou com a invasão da América em 1492, onde se deu uma hierarquização de forma global que teve como critério: raça, cor e gênero (Quijano, 2005). Na qual os povos indígenas foram privados de suas identidades culturais e étnicas mediante a uma operação discursiva que homogeneizou todos os povos indígenas ao designá-los por um referente identitário que se tornaria a marca duradoura de sua inferioridade social; em que foram chamados de “índios” (Dussel, 1993; Quijano, 2000, p. 120).

É imprescindível enfatizar como o sistema-mundo-moderno-colonial-capitalista foi constituído sobre uma perspectiva eurocêntrica, que invisibiliza e inferioriza os povos originários dos territórios conquistados. Esse sistema perdura a ideia de superioridade da cultura europeia e busca “civilizar” e “modernizar” os povos colonizados, enquanto silencia suas vozes e cosmovisões.

E além de terem suas identidades culturais “encobertas”, foram despossuídos de suas terras e meios de sobrevivência e, no momento de constituição desse Sistema Mundo Moderno/Colonial, viram-se aprisionados por esse sistema a condições de subordinação e a um processo violento de dominação.” (Rezende e Nascimento, 2018, p.99).

Os museus, ao longo de sua história, desempenharam um papel central na construção e disseminação de discursos culturais, frequentemente favorecendo narrativas predominantes que refletem as perspectivas ocidentais. Esse predomínio de uma única narrativa tem

contribuído para o apagamento das trajetórias e saberes dos povos originários, um fenômeno identificado por Chimamanda Ngozi Adichie (2019) como o "perigo da história única". Adichie alerta que reduzir pessoas e culturas a uma única narrativa pode resultar na criação de estereótipos e na marginalização das vozes não ocidentais. Essa dinâmica de apagamento é uma consequência do domínio das narrativas colonizadoras sobre as histórias dos povos ameríndios, evidenciando não apenas uma violência epistemológica, mas também uma violência ontológica (Connell, 2012; Miglevichi-Ribeiro, 2022).

No entanto, é essencial reconhecer que o campo dos museus e das instituições culturais tem passado por mudanças significativas, e as críticas contemporâneas estão promovendo uma maior inclusão e valorização das múltiplas perspectivas culturais. Essa transformação busca superar as limitações das narrativas tradicionais e oferecer um espaço mais justo para a representação dos saberes e das histórias dos povos originários. Assim, ao examinar a trajetória dos museus e suas práticas, é importante considerar tanto os avanços quanto os desafios contínuos na busca por uma representação mais precisa e abrangente das diversas culturas e experiências.

Nesse contexto museal, as coleções etnográficas de comunidades indígenas têm o potencial de proporcionar acesso aos saberes e conhecimentos de inúmeros povos, além de contribuir para a disseminação, reconhecimento e preservação de seus modos de vida e saberes. No entanto, é precípuo reconhecer que a episteme ocidental traz consigo seus próprios valores, influenciando a imagem do "outro", o não ocidental. Todavia, deve-se ir além dessa "relação estrita de dominação e opressão de classes, estrutural, quanto de uma relação de poder de dominação puramente subjetivista e cultural" (Corrêa, 2021).

Tradicionalmente os espaços museológicos apresentam discursos unilaterais, reforçando visões eurocêntricas e forjando diversas representações sociais. É de suma importância que os museus possam se preocupar com as narrativas que trabalham em seus espaços, as memórias e histórias que são contadas, uma vez que se constituem como uma instituição de construção de subjetividades não só individuais, mas também, coletivas. As narrativas apresentadas a partir de uma única perspectiva moldam as diversas identidades sociais existentes (Costard, 2017).

Não obstante, o que permeia hegemonicamente nos museus é um discurso na perspectiva colonial, e que desvelar e desconstruir as relações de poder existentes ainda é um grande desafio. Desta forma, é inquestionável que a descolonização é uma possibilidade de incluir outras narrativas e saberes nos museus, colaborando para uma instituição democrática, participativa e com ações acadêmicas, educativas com/para a comunidade no geral.

A fenomenologia social, conforme desenvolvida por Alfred Schutz (1979), oferece uma abordagem para compreender as ações e interações humanas a partir do significado que elas têm para os indivíduos em seus contextos cotidianos. Schutz enfatiza a importância das construções subjetivas de sentido, que são moldadas pelas experiências e pelas relações sociais (Schutz, 1979). Neste estudo, a fenomenologia social é adotada para explorar como os povos indígenas percebem e atribuem significado às suas interações com o Museu Paraense Emílio Goeldi, bem como aos processos educativos ali desenvolvidos.

Para abordar o objeto deste presente estudo, adotou-se uma abordagem qualitativa, que permite explorar percepções, significados, crenças, valores associados às experiências individuais e coletivas (Minayo, 2016). Essa metodologia detalhada e rica em descrições auxilia na compreensão das relações entre o museu e os saberes e modos de vida dos povos indígenas.

A revisão da literatura é o ponto de partida desta pesquisa, explorando temas relacionados à educação museal, representação indígena nos museus e o discurso museológico sobre os povos originários. Para fundamentar epistemologicamente o estudo, recorreu-se a corrente de pensamento dos autores decoloniais do Movimento M/C, como Enrique Dussel (2005), Aníbal Quijano (2005), Mignolo (2007, 2008), buscando romper com as amarras coloniais e expandir espaço para “paradigmas outros”. Reconhecemos que a ideia não é desvalorizar o pensamento eurocêntrico, mas sim ampliar as perspectivas epistemológicas (Mignolo, 2003).

Além disso, incorporamos contribuições de autores brasileiros do ramo da museologia e indigenização dos museus, como Marília Xavier Cury (2017), Cláudia Leonor López Garcés (2021), e da literatura indígena representada por autores como Daniel Munduruku (2009), Ailton Krenak (2020), Jaider Esbell (2021), Denilson Baniwa (2021) e entre outros que oportunizem a presença indígena neste trabalho, conforme proposto na pesquisa.

Para a coleta de dados, adotou-se uma abordagem qualitativa, que, reconhecendo a complexidade do objeto de estudo, empregou métodos distintos, mas complementares. A entrevista narrativa permitiu captar as experiências e percepções subjetivas dos participantes, enquanto a observação participante proporcionou uma imersão direta no contexto estudado. Paralelamente, as técnicas de análise documental foram utilizadas para examinar os documentos institucionais e políticas do museu, oferecendo uma base sólida para a triangulação dos dados e assegurando a consistência das análises.

1. No âmbito da pesquisa qualitativa, as entrevistas narrativas foram introduzidas a partir do campo de estudo da sociologia, por Fritz Schütze (1980). Nesse contexto, o uso

desse método revela-se particularmente eficaz quando associado a pesquisa biográfica dos participantes. Segundo Alves (2020), o pesquisador que opta por utilizar entrevistas narrativas é incentivado a estabelecer relações horizontais com os participantes da pesquisa, pautadas pelo diálogo, escuta, empatia, alteridade, buscando uma postura compreensiva das narrativas apresentadas. Durante a condução das entrevistas narrativas, é estruturada uma questão norteadora para orientar a discussão e explorar o tema de interesse, seguindo etapas que garantam a validade científica do método (Pachá e Moreira, 2022). Portanto, a seleção dos participantes/colaboradores da pesquisa é realizada de forma criteriosa, visando garantir a representatividade de diferentes perspectivas e vivências, envolvendo a colaboração de funcionários do museu, pesquisadores colaborativos e integrantes de comunidades indígenas.

2. Por sua vez, a observação participante se destaca como uma técnica amplamente utilizada na pesquisa qualitativa, permitindo ao pesquisador se integrar ao contexto estudado por longos períodos (Queiroz, *et al.* 2007). A abordagem proporciona uma compreensão mais profunda do fenômeno em estudo, possibilitando uma visão direta e imediata dos dados por meio da participação ativa no ambiente da pesquisa.
3. Por fim, a análise documental complementa os dados obtidos por meio de outros procedimentos, como: as entrevistas, questionários e a observação participante. Essa técnica valida e aprofunda as informações coletadas colaborando para uma apreensão mais abrangente do fenômeno investigado (Ludke e André, 1986).

Para a análise de dados, introduziu-se a **Análise de Conteúdo** de Laurence Bardin (2011), um conjunto de instrumentos metodológicos em constante aperfeiçoamento, aplicável a diferentes tipos de discursos. O método é estruturado em três etapas: (1) **Pré-análise**, que envolve uma leitura flutuante do material para a seleção dos elementos mais relevantes; (2) **Exploração do material**, na qual ocorre a identificação e ocorrência das unidades de registro; e (3) **Categorização e sistematização dos dados**.

Nesta pesquisa, a categorização foi utilizada como o principal recurso da Análise de Conteúdo, desempenhando um papel essencial na organização e interpretação das informações. Esse procedimento possibilitou a identificação de padrões e significados no material investigado, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada dos dados.

Os resultados obtidos foram interpretados à luz dos objetivos da pesquisa, da questão central que norteou este estudo, das teorias relevantes e da revisão de literatura. A pesquisa buscou responder à seguinte questão: sob que perspectiva o Museu Paraense Emílio Goeldi,

por meio de seus processos educativos, tem tratado dos saberes e modos de vida dos povos indígenas da Amazônia? As entrevistas foram transcritas, analisadas e categorizadas para identificar padrões, bem como perspectivas divergentes e convergentes em relação a essa questão. Os dados foram então contextualizados no quadro teórico e histórico da pesquisa, reconhecendo suas implicações para a prática e ações colaborativas no contexto museal. Por fim, os resultados alcançados foram desdobrados no decorrer deste estudo, apresentando conclusões e reflexões que respondem à questão central e oferecem caminhos para estudos posteriores.

2 ESTADO DA ARTE: construindo o território epistemológico

Para garantir um levantamento teórico sólido, iniciamos a construção do Estado da Arte, seguindo o conceito definido por Romanowski e Ens (2006). Segundo os autores, o Estado da Arte contribui para a formação do campo teórico de uma área de conhecimento ao identificar as restrições da pesquisa, revelar lacunas e destacar experiências inovadoras que apontam para soluções de problemas práticos. Além disso, possibilita o reconhecimento das contribuições da pesquisa na área em foco. Assim, nossa abordagem envolveu a análise de periódicos, teses, dissertações e artigos relevantes ao tema, com o objetivo de oferecer uma visão abrangente e crítica da produção científica existente.

A busca por pesquisas relevantes foi realizada por meio de uma investigação minuciosa nos repositórios das principais instituições públicas de ensino do Brasil. Utilizamos palavras-chave específicas, como “Educação Museal”, “Povos Indígenas”, e “Museu Emílio Goeldi”, explorando os repositórios da Universidade do Estado do Pará (UEPA), da Universidade Federal do Pará (UFPA), do Museu Paraense Emílio Goeldi, além de outras instituições de ensino superior da região Norte. O objetivo desta etapa foi identificar estudos e pesquisas anteriores que se relacionam com o tema.

Apesar de termos encontrado alguns trabalhos com as palavras-chave mencionadas, muitos não estavam totalmente alinhados com os objetivos específicos deste estudo. Para superar essa limitação, apresentamos a seguir um resumo dos principais resultados obtidos a partir da análise dos repositórios dos Programas de Pós-Graduação em Educação da UEPA (PPGED/UEPA) e UFPA, do Museu Paraense Emílio Goeldi, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e da Biblioteca de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (BDTD/CAPES). Este resumo reflete tanto a produção científica existente quanto as lacunas identificadas, oferecendo uma base sólida para a continuidade do estudo e a formulação de novas investigações.

2.1 DISSERTAÇÕES E TESES DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: PPGED/UFPA, PPGED/UEPA e os repositórios do Museu Paraense Emílio Goeldi, ANPED e CAPES

Palavras-chave: Educação museal; Indígenas; Museu Emílio Goeldi, Museu e Discurso museológico.

Quadro 1. Pesquisa realizada nos repositórios dos Programas de Pós-Graduação em Educação - UEPA, UFPA e do Museu Emílio Goeldi

Repositórios - UEPA, UFPA e Museu Emílio Goeldi	
Palavras-chave	Nº de trabalhos
Educação Museal	1
Indígenas	2
Museu Emílio Goeldi	1
Museu	1
Discurso museológico	0
Quantitativo de trabalhos	4

Fonte: Elaboração dos autores (2023)

Para validar as palavras-chave selecionadas, foi realizado o vínculo ou entrelaçamento que poderiam ter com a perspectiva da pesquisa. Embora teriam sido identificadas outras pesquisas relacionadas às palavras-chave “Museu Emílio Goeldi e Povos indígenas”, estas não estavam alinhadas com o foco da investigação proposta. No entanto, foi encontrado um trabalho relevante, consistindo em uma tese disponível no repositório do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA.

Quadro 2. Pesquisa realizada nos repositórios dos Programas de Pós-Graduação em Educação – UEPA

Autor	Título	Ano	Tipo de documento	Resumo
DARCEL ANDRADE ALVES	A educação n'õ museu do marajó: ver - tocar - contextualizar	2009	Dissertação	A pesquisa trata acerca da aprendizagem n'õ Museu do Marajó, situado na maior ilha fluvial do mundo, na foz do rio Amazonas, no extremo norte do Brasil.
GIZA CARLA DE MELO BANDEIRA	Rituais associados à colheita de milho-verde na aldeia dos índios gavião k̄yikatêjê: aprendizagens em processos educativos interdimensionais.	2009	Dissertação	Com este estudo buscou-se identificar como os fazeres e dizeres, presentes nos rituais associados a colheita do milho-verde dos índios Gavião K̄yikatê-Jê (Bom Jesus do Tocantins – Pará - Brasil), integram elementos da Biodiversidade Amazônica e que processos educativos ensejam.
MARIA JOSÉ RIBEIRO DE SA	Saberes culturais Tentehar e educação escolar indígena na aldeia juçaral.	2014	Dissertação	A investigação possui o enfoque na relação entre os saberes culturais locais e os saberes escolares, com o propósito de contribuir para os estudos educacionais relacionados à educação e cultura, com foco na área de educação escolar indígena.
MARIA GORETE CRUZ PROCÓPIO	A festa do jacaré na aldeia indígena assurini trocará: espaço educativo e de manifestação de saberes	2015	Dissertação	A pesquisa busca ampliar as referências sobre a Festa do Jacaré dos índios Assurini do Trocará, mediante a produção de dados empíricos e a discussão teórica realizada, e possa vir a subsidiar novos estudos que busquem discutir as diferentes questões que envolvem a cultura indígena.
SUELI WEBER	Crianças indígenas da Amazônia: brinquedos, brincadeiras e seus significados na comunidade Assurini do trocará	2015	Dissertação	Com este trabalho tem-se o objetivo principal de revelar os saberes contidos nos brinquedos e nas brincadeiras das crianças indígenas da comunidade dos Assurini do Trocará, situada no Estado do Pará, a 3,5º graus ao sul do Equador.
JÚLIA CLEIDE TEIXEIRA DE MIRANDA	O ritual da festa do moqueado: educação, cultura e identidade na sociedade indígena tembé-tenetehara	2015	Dissertação	O estudo analisa o Ritual da Festa do Moqueado como um processo educativo que envolve a circulação e a apropriação de múltiplos saberes, contribuindo para a cultura e a identidade indígena.

Fonte: Elaboração dos autores (2023)

As dissertações analisadas abrangem um período de 2009 a 2015 e oferecem uma visão ampla sobre a relação entre práticas culturais indígenas e processos educativos. A dissertação que foca no Museu do Marajó, o maior guardião da cultura marajoara, destaca como o museu contribui para o conhecimento sobre o homem e a cultura da região, promovendo interações significativas entre esses saberes e os visitantes. Outras cinco dissertações concentram-se nas culturas indígenas e na importância de valorizar suas expressões culturais na Amazônia. Um estudo sobre os rituais de colheita de milho-verde na aldeia dos Gavião Kÿikatêjê revela a conexão entre os saberes indígenas e a biodiversidade local, evidenciando como a “megadiversidade amazônica” é um construto que une o mundo natural e o cultural.

A dissertação que examina os saberes culturais dos Tentehar e a educação escolar indígena na aldeia Juçaral traça um mapeamento dos saberes e práticas culturais no cotidiano dos Tentehar, mostrando como esses saberes são integrados nas práticas educativas, apesar de desafios como a presença predominante de professores não indígenas. Outro estudo sobre a Festa do Jacaré na aldeia Assurini Trocará destaca como os saberes tradicionais são fortalecidos pelas práticas socioeducativas dessa festa, ampliando a compreensão das manifestações culturais indígenas e subsidiando novos estudos. A dissertação que analisa as crianças indígenas da comunidade Assurini do Trocará mostra como a natureza está profundamente integrada na cultura infantil, com as crianças criando brinquedos e conhecimentos a partir da observação do ambiente e das interações sociais. Por fim, a pesquisa sobre o Ritual da Festa do Moqueado na sociedade Tembê-Tenetehara ilustra como o ritual serve como um processo educativo que fortalece a identidade cultural e integra diversos saberes, ressaltando a importância de compartilhar esses resultados com as comunidades indígenas para valorizar sua rica produção educativa.

Em suma, cada dissertação oferece uma perspectiva única em relação à educação, cultura, saberes e identidade, evidenciando a necessidade de legitimar e respeitar os saberes tradicionais de cada comunidade. No entanto, é importante ressaltar que essas pesquisas também revelam os desafios enfrentados pelos povos indígenas locais, contribuindo para a invisibilidade de suas práticas culturais e a marginalização de seus saberes. Isso evidencia o caminho árduo a ser percorrido em direção a promoção de uma educação verdadeiramente intercultural, que dialogue com as diferentes formas de conhecimento.

Quadro 3. Pesquisa realizada no repositório do Programa de pós-graduação em Educação PPGED-UFPA (Pará)

Programa de pós-graduação em Educação PPGED-UFPA (Pará)
<p>Não foram encontradas dissertações com nenhuma das palavras-chave acima no programa, somente uma tese intitulada “A Epistemologia da Educação Museal na Amazônia Paraense: um estudo sobre o Programa O Museu Goeldi de Portas Abertas”, autoria de Helena Do Socorro Alves Quadros, de 2019.</p>

Fonte: Elaboração dos autores (2023)

Quadro 4. Tese encontrada no repositório do Programa de pós-graduação em Educação PPGED-UFPA (Pará)

Autor	Título	Ano	Tipo de documento	Resumo
HELENA DO SOCORRO ALVES QUADROS	A Epistemologia da Educação Museal na Amazônia Paraense: um estudo sobre o Programa O Museu Goeldi de Portas Abertas.	2019	Tese	A pesquisa analisa as questões ligadas à cultura científica que perpassam o programa Museu Goeldi de Portas Abertas, no sentido da composição do campo da Epistemologia da Educação Museal.

Fonte: Elaboração dos autores (2023)

Foi identificada uma única tese no repositório de Teses e Dissertações do PPGED-UFPA, na qual a autora Helena Quadros (2019) investiga o “Programa Portas Abertas do Museu Emílio Goeldi”. A pesquisa de Quadros revela que o Programa “Museu Goeldi de Portas Abertas” atua como um espaço interdisciplinar, promovendo a socialização e popularização do conhecimento científico e envolvendo diversos segmentos da sociedade paraense em processos educativos. A exposição pedagógica de conhecimento científico proporcionada pelo programa contribui significativamente para o campo da Epistemologia da Educação Museal, enriquecendo e aprofundando a compreensão dos conceitos científicos e museológicos.

Quadro 5. Pesquisa realizada no repositório do Museu Paraense Emílio Goeldi (Pará)

Repositório do Museu Paraense Emílio Goeldi
<p>Não foram encontradas teses ou dissertações com as palavras-chave estabelecidas seguindo a direção da pesquisa.</p>

Fonte: Elaboração dos autores (2023)

No repositório do Museu Emílio Goeldi, não foram encontradas teses ou dissertações com as palavras-chave estabelecidas de acordo com a perspectiva da pesquisa.

Após uma análise dos trabalhos dos Programas de Pós-Graduação em Educação nos níveis de Mestrado e Doutorado, observou-se uma lacuna significativa nas pesquisas relacionadas à temática nos programas de pós-graduação da UEPA e UFPA, bem como no repositório do próprio museu.

A seguir, apresenta-se os quadros 6 e 7 que são resultados do levantamento de pesquisas com as palavras-chave: (1) Museu Emílio Goeldi; (2) Educação Museal, (3) Povos Indígenas, (4) Discurso museológico e foi acrescentado o (5) Museu Indígena.

REPOSITÓRIOS DA ANPED E CAPES

Quadro 6. Pesquisa realizada no repositório da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED

Repositório ANPED	Quantitativos de trabalhos
Educação museal	0
Povos Indígenas	2
Museu indígena	0
Museu Emílio Goeldi	0
Total de trabalhos	2

Fonte: Elaboração dos autores (2023)

Para a busca que foi realizada no repositório da ANPED exigiu-se uma ampliação das palavras-chave para tentar refinar a pesquisa. No entanto, mesmo com essa ampliação, o quantitativo de trabalhos ainda foi pequeno. No quadro a seguir, pode-se ter acesso aos trabalhos encontrados.

Palavra-chave: Povos indígenas

Quadro 7. Trabalhos encontrados no repositório da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED

Autor	Título	Ano	Tipo de documento	Resumo
IARA TATIANA BONIN	E por falar em povos indígenas... uma conversa sobre práticas pedagógicas que ensinam sobre identidades e diferenças	2007	Artigo	O objetivo da pesquisa era examinar os discursos produzidos sobre povos indígenas que, circulando em diferentes meios, são articulados em narrativas de estudantes do ensino superior.
BELENI SALETE GRANDO	Educação escolar indígena e o processo de “integração” dos povos indígenas à sociedade brasileira: um movimento histórico de luta e resistência cultural”	2000	Artigo	O estudo busca compreender como se estabelecem as relações entre a cultura indígena bororo e a cultura brasileira hegemônica, através das práticas corporais do Povo Bororo em Mato Grosso.

Fonte: Elaboração dos autores (2023)

A pesquisa realizada com a palavra-chave “Povos indígenas” resultou em somente dois trabalhos relevantes, conforme apresentado no quadro 7. É notável que esses artigos foram publicados entre os anos de 2000 e 2007, mas não estão diretamente relacionados à temática proposta para esta investigação.

Os dois estudos encontrados abordam a disseminação das questões indígenas na sociedade brasileira. O primeiro refere-se a uma tese de doutorado que investigou a formação inicial de docentes para séries iniciais e de outras licenciaturas, realizada com estudantes do Curso de Pedagogia. A autora analisou os discursos desses estudantes sobre os povos indígenas, com ênfase nas relações de poder/saber.

Na pesquisa de Iara Bonin (2016), são apresentadas algumas narrativas dos participantes da investigação sobre a proposta da dinâmica. Com base nessas narrativas, a autora salienta:

“A história nacional possui uma versão que é centrada em personagens como os colonizadores, os missionários, os bandeirantes e os imigrantes, fazendo com que estes constituem a identificação simbólica para a nacionalidade. Todavia, isso leva a um sentido de insignificância histórica aos povos indígenas. Desse modo, a produção histórica tem no centro um olhar eurocêntrico, colocando a narrativa ocidental como modelo. Onde existe um “nós” que se torna o centro, ao mesmo

tempo que existem “outros” que estão na periferia da história, das narrativas escolares e nas periferias da memória” (Bonin, 2016, p, 4).

No segundo trabalho, de autoria de Beleni S. Grando, são discutidas experiências relacionadas à formação de professores indígenas no estado de Mato Grosso, através do Projeto Tucum, durante o período de 1995 a 1999. A autora examina os estudos sobre a desocupação e ocupação do território que atualmente é conhecido como o estado do Mato Grosso, explorando como a política de pacificação e integração está relacionada à história da educação indígena e ao movimento de luta e resistência indígena no Brasil.

Resumidamente, Grando (2000) destaca como a escola tem sido utilizada para moldar a história oficial do país, buscando integrar culturalmente os povos indígenas ao restante da nação na perspectiva da cultura europeia (cristã e ocidental). No entanto, esses esforços têm servido, tanto no passado quanto no presente, aos interesses mercantilistas e capitalistas, em detrimento das comunidades indígenas.

Assim, ressalta-se que existe um discurso hegemônico e dominante na sociedade, difundido desde o período colonial, que ainda hoje é um dos motivos pelos quais as relações de opressão e dominação persistem na sociedade brasileira.

No quadro 8, a partir de um levantamento no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, foram destacados 75 trabalhos com base nas palavras-chave que foram listadas no quadro 8.

Quadro 8. Pesquisa realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

Repositório CAPES	Quantitativos de trabalhos
Educação museal	59
Povos Indígenas no museu	1
Museu indígena	4
Museu Emílio Goeldi	5
Discurso museológico	8
Total de trabalhos	75

Fonte: Elaboração dos autores (2023)

No Quadro 9, apresenta-se o resultado da pesquisa realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, onde foram identificados 59 trabalhos com a palavra-chave “Educação Museal”, provenientes de entre 31 instituições diferentes. Esses trabalhos se dividem em 38 Dissertações e 21 Teses. Todavia, observou-se que ainda não existiam trabalhos que abordassem diretamente a proposta da pesquisa.

Palavras-chave: Educação Museal

Quadro 9. Dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD-CAPES

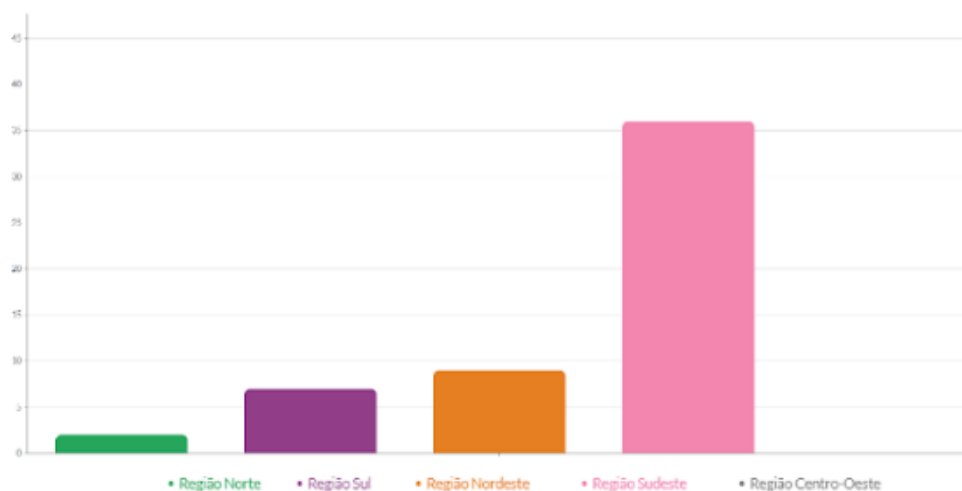
	Instituições	Quantitativo de teses e dissertações	Ano de defesas
1	Universidade Federal de Santa Catarina	1	2017
2	Universidade Federal de Pernambuco	2	2015, 2022
3	Universidade Regional de Blumenau	1	2015
4	Universidade Federal de São João Del-Rei	5	2017 (2), 2020, 2023 (2)
5	Universidade de São Paulo	5	2022 (2), 2020, 2021, 2011
6	Universidade Federal de Fluminense	4	2022 (2), 2019, 2018
7	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	4	2021, 2013 2021, 2022
8	Universidade Federal de São Carlos	1	2019
9	Museu de astronomia e ciências	1	2022
10	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2	2016, 2017
11	Universidade Estadual do Ceará	1	2019
12	Instituto Federal de Educação, ciência e tecnologia do Espírito Santo	2	2013, 2014

13	Universidade Federal do Rio de Janeiro	2	2022, 2013
14	Universidade do Extremo Sul Catarinense	1	2007
15	Universidade Federal do Ceará	1	2018
16	Universidade Federal do Espírito Santo	1	2014
17	Universidade Federal do Maranhão	2	2018, 2020
18	Universidade Federal da Bahia	3	2022, 2020, 2018
19	Fundação Oswaldo Cruz	2	2021, 2021
20	Universidade Presbiteriana Mackenzie	1	2014
21	Universidade Estadual de Feira de Santana	1	2016
22	Universidade Estadual de Campinas	1	2017
23	Universidade de Tuiuti do Paraná	1	2021
24	Universidade Estadual de Minas Gerais	3	2020, 2018, 2018
25	PUC-RIO	1	2018
26	Universidade do Estado de Santa Catarina	1	2019
27	UNIRIO	4	2018, 2020, 2019, 2010
28	PUC-MINAS	2	2019, 2020
29	Universidade Federal do Pará	1	2019
30	FGV-RJ	1	2019
31	Universidade Federal de Minas Gerais	1	2019
	TOTAL	59	

Fonte: Elaboração dos autores (2023)

No quadro 10, os dados são apresentados em formato de gráfico, referentes às produções de Teses e Dissertações no Brasil no período entre os anos de 2011 e 2023. Observa-se que o maior número de produções está concentrado na região Sudeste, enquanto há uma ausência de trabalhos na região Centro-Oeste.

Quadro 10. Dados em gráfico das produções acerca dos dados Quantitativo de teses e dissertações no Brasil



Fonte: Elaboração dos autores (2023)

No gráfico apresentado, é evidente a disparidade entre as regiões do Brasil em termos de produções relacionadas à temática em análise, com a região Sudeste destacando-se significativamente em números de publicações.

Essa discrepância pode ser atribuída a diversos fatores, como. Em primeiro lugar, a região Sudeste possui uma grande concentração de instituições de ensino superior e centros de pesquisas, o que colabora para uma quantidade maior de produções acadêmicas. Além do mais, a região abriga uma densa infraestrutura de apoio à pesquisa (bibliotecas, laboratórios e outros), que tendem a estimular e facilitar a realização de estudos.

Outro fator importante a considerar é o contexto socioeconômico e político da região Sudeste, que geralmente é menos negligenciado por parte do Estado. Em contrapartida, as outras regiões enfrentam desafios estruturais que dificultam a realização e a publicação de pesquisas, como a falta de recursos, infraestrutura precária, acesso limitado a fontes de informação e até mesmo questões culturais e políticas locais.

Portanto, a disparidade observada no gráfico pode refletir não apenas em desigualdades regionais em termos de produção e circulação acadêmica e estrutura de pesquisa, mas também socioeconômicas e políticas que influenciam a produção de conhecimento.

Abaixo, pode-se ter acesso aos trabalhos que foram defendidos, sendo que o ano de maior concentração de pesquisas acerca da temática foi em 2022.

Quadro 11. Dados das pesquisas encontradas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD

Instituição	Título	Autor(a)	Ano	Tipo de documento
Museu De Astronomia E Ciências Afins	Divulgação Científica E Preservação No Caso Da Luneta 46 Do Observatório Nacional	Juliana Vilaça Fonseca	2022	Dissertação
Universidade Federal Fluminense	Professoras Das Infâncias E Museus De Arte: Tecendo Encontros, Entrelaçando Saberes Na Rede	Simone Bibian	2022	Tese
Universidade Federal Do Rio De Janeiro	Experiência Para Emancipação: Arte E Experimentação Nos Projetos De Educação Do Museu De Arte Moderna Do Rio De Janeiro	Lais Zied Daflon	2022	Dissertação
Universidade De São Paulo	Diálogos Entre A Pinacoteca e A Luz Uma Reflexão Sobre As Práticas Educativas Do “Programa De Inclusão Sociocultural	Nathália Bevilacqua Aguiar	2022	Dissertação
Universidade Federal Do Pernambuco	Museu Do Homem americano: Descortinando A Educação Museal Sobre A Arte Pré-Histórica Em São Raimundo Nonato	Naliana da Silva Mendes	2022	Dissertação
Universidade Federal Fluminense	Práticas, Fundamentos E Conceitos Da Educação Museal: Um Estudo Sobre As Práticas Educativas Nos Museus Da República, Da Maré E Do Amanhã	Adrielly Ribas Morais	2022	Tese
Universidade Federal Da Bahia	A Mediação Cultural Online Como Estratégia Educativa: Um Estudo De Caso No Museu De Arte De São Paulo – Masp	Aylana Teixeira Pimentel Canto	2022	Dissertação
Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro	Educação, Memória E Esquecimento: Uma Análise Das Narrativas Museológicas Sobre A Escravidão	Vinicius Oliveira Pereira	2022	Tese

Universidade De São Paulo	Possibilidades De Aprendizagem De Pessoas Com Deficiência Intelectual Nos Museus De Arte Brasileiros'	Larissa Foronda	2022	Dissertação
---------------------------	--	-----------------	------	-------------

Fonte: Elaboração dos autores (2023)

No Quadro 11, é perceptível um aumento significativo no número de defesas registradas no repositório da CAPES no ano de 2022. Um destaque importante é a Tese intitulada “Educação, Memória E Esquecimento: Uma Análise Das Narrativas Museológicas Sobre A Escravidão”, de autoria de Vinicius Oliveira Pereira, publicada em 2022. Nesta pesquisa, o autor analisa o Museu da Escravidão, buscando estabelecer diálogos entre a historiografia e os movimentos sociais, com foco nas memórias relacionadas à escravidão.

Na sua tese, o autor tem como objetivo desvelar o impacto dessas interações no Museu da Escravidão, sob a ótica da educação museal, promovendo o fortalecimento do museu como um espaço de debate e reflexão crítica sobre o passado e o presente.

Essa abordagem colabora para uma compreensão mais profunda das complexidades históricas e sociais envolvidas na representação da escravidão em instituições museológicas, enfatizando também a relevância da educação museal como ferramenta de engajamento com a transformação social.

Palavra-chave: Povos Indígenas No Museu

Quadro 12. Dados das pesquisas encontradas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD

Instituição	Título	Autor	Ano	Tipo de Documento
Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul	Objetos De Coleção, Pesquisa E Educação: Representações Sobre Os Povos Indígenas No Museu Júlio De Castilhos (1901-1958)	Roberta Madeira de Melo	2019	Dissertação

Fonte: Elaboração dos autores (2023)

O trabalho intitulado “Objetos De Coleção, Pesquisa e Educação: Representações Sobre Os Povos Indígenas No Museu Júlio De Castilhos (1901-1958)”, de autoria de Roberta Madeira de Melo (2019), busca compreender as diversas narrativas que constituíram o Museu Júlio de Castilhos entre 1901 e 1958, especialmente as representações criadas sobre os povos

indígenas. A pesquisa procura refletir sobre os significados atribuídos às representações na coleção etnológica ao longo das quatro primeiras direções do museu.

Com base em sua investigação, a autora ressalta que os povos indígenas foram estudados sob o prisma da história natural, sendo compreendidos como objetos de estudo científico. Na perspectiva histórica-colonial, os indígenas eram percebidos como “primitivos”, “selvagens”, “folclóricos” e que deveriam ser “civilizados” pelo SPI (Serviço de Proteção aos Índios). A conclusão é que o museu, durante o período estudado, reproduziu uma imagem dos indígenas, como seres inferiores, o que demanda uma reflexão sobre a relação entre os museus e os povos originários.

Partindo das considerações da autora, propõe-se uma reflexão sobre a necessidade de descolonizar o museu, garantindo o direito e o acesso das culturas indígenas em seus acervos, pesquisas e estudos. Isso implica em reconhecer e respeitar as perspectivas indígenas sobre suas próprias histórias e culturas, além de promover a participação ativa das comunidades indígenas na gestão e curadoria dos espaços museológicos que as representam.

A perspectiva da pesquisa que desafia a concepção tradicionalmente enraizada sobre os povos indígenas nos museus sensibiliza e ajuda a compreender a diversidade cultural e histórica do Brasil. Essa abordagem promove questionamentos e a superação de estereótipos e preconceitos historicamente enraizados na sociedade, permitindo que as vozes e perspectivas indígenas sejam reconhecidas

Palavra-chave: Museu indígena

Quadro 13.Dados das pesquisas encontradas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD

Instituição	Título	Autor(a)	Ano	Tipo de documento
Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio De Janeiro	O Museu Indígena Pitaguary: Proposta De Incorporação Do Horto De Plantas Medicinais Na Coleção Museológica	Yasmine Martins Barbosa	2019	Dissertação
Universidade Federal Da Paraíba	Um Olhar Sobre O Museu Indígena Jenipapo-Kanindé: Território, Etnicidade E Patrimônio	Thaynara Martins Freitas	2015	Dissertação
Universidade Do Estado De Mato Grosso,	A Biblioteca E O Museu Na Educação Escolar Indígena Do Brasil: Concepções Teóricas'	Luiz Felipe Sousa Curvo	2020	Dissertação

Universidade Da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileira	Um Museu Indígena Como Estratégia Interdisciplinar De Formação Entre Os Kanindé No Ceará	Suzenilson Da Silva Santos	2021	Dissertação
---	---	----------------------------	------	-------------

Fonte: Elaboração dos autores (2023)

No quadro 13, quatro pesquisas são destacadas, todas contribuem para a proposta deste trabalho e são baseadas na palavra-chave “Museu Indígena”.

A primeira pesquisa, de autoria de Barbosa (2019), intitulada por “O Museu Indígena Pitaguary: Proposta De Incorporação Do Horto De Plantas Mediciniais Na Coleção Museológica”, aborda a relação do Museu Indígena Pitaguary com o Horto de Plantas Mediciniais, situado em Monguba, território Indígena, na cidade de Pacatuba, no Ceará. A autora enfoca questões de descolonização dos museus, a criação dos Museus Indígenas, a história da etnia Pitaguary, a função social do Horto e sua relação com a comunidade Pitaguary. A pesquisa visa incorporar o Horto de Plantas medicinais ao acervo do Museu, catalogando as plantas medicinais como instrumento para salvaguardá-las, colaborando para a existência do patrimônio cultural e da saúde local.

A segunda pesquisa, de autoria de Thaynara Freitas (2015) intitulada “Um olhar sobre o Museu Indígena Jenipapo-Kanindé: território, etnicidade e patrimônio”, trata do Museu Indígena Jenipapo Kanindé, um espaço de gestão comunitária gerido pelos próprios membros da comunidade. A autora destaca a importância dos museus de gestão comunitária como espaços adotados por grupos étnicos ou minoritários no Brasil.

A terceira pesquisa, com o título “A Biblioteca E O Museu Na Educação Escolar Indígena Do Brasil: Concepções Teóricas” de autoria de Luiz Felipe Sousa Curvo (2020), busca afinidades entre os conceitos de biblioteca e museu em seu caráter educacional, com o entrelaçamento entre a cultura, a educação e a informação, propondo uma indigenização desses instrumentos para colaborar com a autoafirmação cultural das comunidades indígenas.

Por fim, a pesquisa “Museu Indígena Como Estratégia Interdisciplinar De Formação Entre Os Kanindé No Ceará”, dissertação de autoria de Suzenilson Da Silva Santos (2021), enfatiza a potencialidade dos museus para as culturas indígenas, em que se torna um lugar de:

[...] resistências e reivindicações para uma educação diferente, de valorização dos processos tradicionais, de transmissão de conhecimento, de afirmação étnica, de construção de autorrepresentação e contra narrativas, de produção, difusão cultural e de luta pela demarcação do território, produzindo um processo de autonomia (Santos, 2021).

Nesse contexto, o autor explora a interação entre o povo Kanindé e a proposta de preservação dos seus ritos, saberes, fazeres e ecossistemas presentes em seu território nos processos museológicos.

As pesquisas enfatizam que os museus são espaços de fortalecimento étnico, de (re) existência, ressaltando a pluriversidade cultural e a importância das culturas indígenas para a sociedade.

Palavra-chave: Discurso museológico

Quadro 14. Dados das pesquisas encontradas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD

Instituição	Título	Autor(a)	Ano	Tipo de documento
Universidade Estadual Do Centro-Oeste - Guarapuava	História/Memória No Museu Visconde De Guarapuava: Visibilidades E Apagamentos Da Escravidão Negra'	Maria Lucimar Canalli	2020	Dissertação
Universidade Federal De Pernambuco, Recife	Um "Mix De Mixórdias": Ensaio Antropológico Sobre O Discurso Expositivo Do Museu Do Homem Do Nordeste.'	Neila Denise Macedo Teles de Pontes.	2012	Dissertação
Universidade De Brasília	Conexões Antropológicas Na Coleção Joaquim Paiva: Uma Antologia Fotográfica'	Ana Lucia Taveira	2017	Dissertação
Universidade De Brasília	O Impresso Na Arte: Uma Busca Pelo Fanzine	Luciana Ribeiro Do Nascimento	2017	Dissertação
Universidade De Brasília	O Mito Nu: Iconografia De "Moema" Entre Victor Meirelles E Claudia Andujar	Clarissa Da Silva Rodrigues	2020	Dissertação
Universidade De Brasília	Alfredo Ceschiatti Na Catedral Metropolitana De Brasília: O Valor Da Forma'	João Balbino Silva	2019	Dissertação
Universidade Federal De Viçosa	A Política E A Construção De Um Discurso Museológico E Arquivístico Em Carangola – Mg (1952-2020)	Luciana Do Carmo Narciso	2020	Dissertação
Universidade Federal De Pernambuco	A "Atmosfera Senhorial" No Museu Do Estado De Pernambuco: Um Ensaio Sobre A Exposição De Longa Duração Pernambuco Território E Patrimônio De Um Povo.'	Juliana Mesquita Zikan Franca	2019	Dissertação

Fonte: Elaboração dos autores (2023)

No quadro 14, dois trabalhos se destacam pela proposta da pesquisa:

(1) “História/Memória No Museu Visconde De Guarapuava: Visibilidades E Apagamentos Da Escravidão Negra”. Neste trabalho a autora Maria Lucimar Canalli foca sua análise no Museu Visconde de Guarapuava, localizado no Paraná, como um recorte temático sobre a escravidão negra. O objetivo da pesquisa permeia diante do discurso presente no museu, identificando o que é apagado, silenciado, o que tem visibilidade, o que não é dito, com base na historicidade. Canalli (2020) destaca o domínio diante das memórias e histórias que estão presentes no museu e na cidade, que ressoam mesmo depois de anos, revelando a relação de poder do período colonial, contribuindo para o apagamento de memórias “outras”, decorrentes da sociedade dominante. A autora salienta a presença das pessoas negras escravizadas no período da colonização e suas incumbências no desenvolvimento de Guarapuava, ressaltando que suas histórias e memórias são representadas a partir da visão do dominador, não registradas por eles próprios.

(2) Na pesquisa “A “Atmosfera Senhorial” No Museu Do Estado De Pernambuco: Um Ensaio Sobre A Exposição De Longa Duração Pernambuco Território E Patrimônio De Um Povo”, de Juliana Mesquita Zikan França (2019), propõe-se uma reflexão crítica sobre as abordagens antropológicas e museológicas em museus tradicionais. A autora analisa a exposição de longa duração “Pernambuco Território e Patrimônio de um Povo, do Museu do Estado de Pernambuco (MEPE), com o objetivo de apresentar os processos de construção do discurso museológico mediante a análise das narrativas expográficas e da experiência museal dos visitantes nas exposições. França observa a presença de elementos que induzem a percepção de discursos coloniais, que hierarquizam saberes.

Ambos os trabalhos enfatizam a importância de refletir sobre os discursos que ressoam nesses lugares, pois existem ideologias que se perpetuam no sistema dominante-colonial na sociedade, ocultando “outras” memórias, saberes e histórias.

Abaixo temos o quadro 14 que mostra, por sua vez, as pesquisas acerca da palavra-chave “Museu Emílio Goeldi”.

Palavra-chave: Museu Emílio Goeldi

Quadro 15. Dados das pesquisas realizadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – CAPES

Instituição	Quantitativos de Teses ou dissertações	Ano de defesas
Universidade Federal do Pará	3	2021, 2001, 2019
Universidade Federal do Piauí	1	2005
Total	4	

Fonte: Elaboração dos autores (2023)

Após a triagem foram encontrados 3 (três) dissertações e 1 (uma) tese que abordaram sobre o Museu Goeldi, como podemos ver no quadro abaixo.

Palavra-chave: Museu Emílio Goeldi

Quadro 16. Dados das pesquisas encontradas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD

Instituição	Título	Autor	Ano	Tipo de documento
Universidade Federal do Pará	A Epistemologia Da Educação Museal Na Amazônia Paraense: Um Estudo Sobre O Programa O Museu Goeldi De Portas Abertas	Helena do Socorro Quadros	2019	Tese
Universidade Federal Do Pará	Objetos Entre Contextos E Significados: As Coleções Etnográficas Do Museu Emílio Goeldi Entre 1894 E 1905	Matheus Camilo Coelho	2021	Dissertação

Fonte: elaboração dos autores (2023)

Nos mapeamentos dos repositórios da Capes, foram identificados os dois trabalhos destacados no quadro 15. No primeiro, a autora confirma em sua tese que o Programa do Goeldi “Portas Abertas”, colabora efetivamente para o campo epistemológico da Educação Museal na Amazônia Paraense.

No texto “Objetos Entre Contextos E Significados: As Coleções Etnográficas Do Museu Emílio Goeldi Entre 1894 E 1905”, de autoria de Matheus Camilo Coelho (2021), observa-se a importância do processo musealização diante da produção e coleta que formam

as coleções etnográficas dos museus. Isso ressalta a responsabilidade e o protagonismo dos pesquisadores, coletores e produtores envolvidos nessa dinâmica, auxiliando na reconstrução, ressignificação, documentação e catalogação dos artefatos.

REPOSITÓRIOS DE TESES E DISSERTAÇÕES DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA REGIÃO NORTE DO BRASIL (UFAM, UNIFAP, UFRR, UNIR, UFT, UFAC)

Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Quadro 17. Dados das pesquisas realizadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – CAPES

Autor	Título	Ano	Tipo de Documento	Resumo
Daniela Sulamita Trindade da Silva	O museu é coisa de Kokama: museu indígena Kokama e o fortalecimento da identidade étnica	2022	Tese	A proposta desta pesquisa, aborda os museus como espaços que colaboram para o fortalecimento da identidade étnica, enquanto lugares que constituem memória e produção de conhecimento. A autora destaca sobre a participação do povo Kokama de Manaus (AM) na criação de museus. Concluindo que o museu indígena é a materialização da memória do povo Kokama.
Roberta Ketllen Souza Duarte	“Aos confins dos selvagens”: a presença indígena na viagem de Spix & Martius ao Estado do Grão-Pará e Rio Negro (1819-1820)	2022	Dissertação	A pesquisa intitulada de “Aos confins dos selvagens”: a presença indígena na viagem de Spix & Martius ao Estado do Grão-Pará e Rio Negro (1819-1820)” analisa de forma linear as descrições realizadas por dois naturalistas acerca das populações indígenas que tiveram contato entre os anos de 1819 e 1820: (Johann Baptist von Spix - 1781-1826) e (Karl Friedrich Philipp von Martius - 1794-1868).
Nilza Silvana Nogueira Teixeira	Museu Magüta, uma trajetória Ticuna: a colaboração como método no estudo de coleções etnográficas e na formação de museus indígenas.	2022	Tese	A autora investiga sobre o processo de construção do mesmo por volta de 1980, e foi mediante a existência das coleções etnográficas que estão espalhadas pelo mundo que surgiram as reflexões acerca da trajetória da colaboração indígena para manter o museu em atividade, sendo realizada a coleta de objetos que fortalecem a identidade do povo Ticuna.
Carolina Brandão Gonçalves	Museus, espaços promissores à divulgação da Ciência: o caso do Museu	2012	Dissertação	A autora com base em um estudo de caso investiga o museu em questão como um ecossistema comunicacional, na expectativa de identificar seus mecanismos reguladores

	Amazônico da UFAM			que são utilizados para produzir e reproduzir-se e qual é o papel do museu na divulgação científica.
Anne Karoline da Silveira Cabral	Do material ao imaterial: design de serviço para a transposição virtual do acervo do Museu Amazônico	2021	Dissertação	A autora discute sobre a importância do acesso aos museus, mediante as exposições disponibilizadas de forma virtual na internet, pois assim podem ampliar o acesso aos acervos, diminuindo a distância entre o museu e os visitantes, oportunizando que se possa conhecer ainda mais sobre a localidade que o museu está inserido.

Fonte: Elaboração dos autores (2023)

Na tese intitulada “O museu é coisa de Kokama: museu indígena Kokama e o fortalecimento da identidade étnica”, os museus são abordados como espaços que colaboram para o fortalecimento da identidade étnica, enquanto lugares que constituem a memória e produção de conhecimento. A autora destaca a participação do povo Kokama de Manaus (AM) na criação de museus, concluindo que o museu indígena é a materialização da memória do povo Kokama.

Na pesquisa “Aos confins dos selvagens”: A presença indígena na viagem de Spix & Martius ao Estado do Grão-Pará e Rio Negro (1819-1820)”, são analisadas as descrições realizadas por dois naturalistas acerca das populações indígenas que tiveram contato entre os anos de 1819 e 1820: (Johann Baptist von Spix - 1781-1826) e (Karl Friedrich Philipp von Martius - 1794-1868).

Por sua vez, na pesquisa “Museu Magüta, uma trajetória Ticuna: a colaboração como método no estudo de coleções etnográficas e na formação de museus indígenas” de Nilza Silvana Nogueira Teixeira, investiga-se o processo de construção do Museu Maguta por volta de 1980. A partir das coleções etnográficas espalhadas pelo mundo, surgem reflexões acerca da trajetória da colaboração indígena para manter o museu em atividade, com a coleta de objetos que fortalecem a identidade do povo Ticuna.

Na dissertação “Museus, espaços promissores à divulgação da Ciência: o caso do Museu Amazônico da UFAM”, a autora, com base em um estudo de caso, investiga o museu em questão como um ecossistema comunicacional, na expectativa de identificar seus mecanismos reguladores que são utilizados para produzir e reproduzir-se e qual é o papel do museu na divulgação científica.

Já na dissertação intitulada “Do material ao imaterial: design de serviço para a transposição virtual do acervo do Museu Amazônico”, discute-se a importância do acesso aos museus, através das exposições virtuais disponibilizadas na internet, ampliando o acesso aos acervos e diminuindo a distância entre o museu e os visitantes, oportunizando um maior conhecimento sobre a localidade em que o museu está inserido.

Com base nas pesquisas mencionadas, é possível compreender que os museus desempenham uma função vital na preservação de identidades étnicas, na promoção do conhecimento e na divulgação cultural, especialmente no contexto indígena. Através de iniciativas como a criação de museus indígenas, a participação ativa das comunidades nos processos curatoriais dos espaços museológicos e a utilização de tecnologia para ampliar o acesso aos acervos.

Para tanto, é imprescindível reconhecer que os museus tendem a refletir ideologias coloniais e perpetuam discursos excludentes, sendo necessário um olhar crítico diante das narrativas apresentadas nos museus.

Concisamente, as pesquisas destacam a essencialidade dos museus como agentes de preservação e promoção da diversidade cultural, ao mesmo tempo em que ressaltam a necessidade de ruminação e ação na garantia que esses ambientes colaborem para uma sociedade igualitária e respeitosa com todas as manifestações culturais.

Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

Quadro 18. Dados das pesquisas realizadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – CAPES

AUTOR	TÍTULO	ANO	TIPO DE DOCUMENTO	RESUMO
Juliane Silva Giusti da Rocha	Para além do nheengatu: políticas de educação linguística para povos indígenas do amapá (1974-1988)	2022	Dissertação	O estudo evidencia que, durante um período de Ditadura, o Cimi adotou um novo modelo de educação escolar que visava valorizar a diversidade linguística dos indígenas. Por outro lado, dentro do recorte examinado, o Estado instituiu uma política educacional que buscava desencorajar a preservação da cultura indígena e impor o monolingüismo em português.
Igor Barros Santos	Lideranças indígenas no norte amazônico: vozes do processo de formação	2021	Dissertação	A pesquisa teve como objetivo identificar os processos educacionais envolvidos na formação das lideranças indígenas e analisar como as experiências e saberes, tanto escolares quanto não escolares, contribuem para que esses líderes exerçam o papel de porta-voz de suas comunidades.

Fonte: Elaboração dos autores (2023)

No texto “Para além do nheengatu: políticas de educação linguística para povos indígenas do amapá (1974-1988)”, a autora analisou textos elaborados pelo Estado do Amapá, pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e pelos povos Karipuna e Galibi-Marworno entre os anos de 1974 e 1988 com o intuito de elucidar as práticas de educação linguística que eram adotadas. Conclui-se que enquanto o CIMI valorizava a diversidade linguística dos povos indígenas, por sua vez o Estado buscava impor o monolingüismo em português/Br. Assim, o trabalho realizado revela historicamente a invisibilidade e violência que essas comunidades vêm sofrendo acerca das políticas educacionais e linguísticas.

Na dissertação “Lideranças indígenas no norte amazônico: vozes do processo de formação”, o autor busca compreender o processo de formação das lideranças indígenas, inferindo sobre quais foram os processos educacionais escolares ou não escolares que colaboraram para o desenvolvimento de sua identidade étnica e sua maior participação política. Partindo das narrativas das lideranças, salienta-se que a educação informal foi a mais significativa para a formação das lideranças, através do repasse de saberes e convivência com as outras lideranças da comunidade. No entanto, não se descarta a importância da educação não formal, que também colaborou para a formação das lideranças entrevistadas. As

lideranças indígenas ressaltam a importância da educação formal, destacando a conduta do professor e da prática oratória, ao invés do conteúdo e da proposta curricular adotada.

A partir das pesquisas coletadas no repositório da UNIFAP, observam-se as práticas educacionais presentes nas investigações, que atravessam o protagonismo dos povos originários e a legitimação das suas subjetividades. Realçando a importância em pensar e efetivar políticas públicas que não apaguem esses povos.

Em síntese, urge reconhecer e respeitar a variedade linguística e étnica dos povos indígenas, promovendo políticas educacionais mais inclusivas que valorizem suas subjetividades e caminhem em direção à promoção da visibilidade e participação plena destes na sociedade.

Universidade Federal de Roraima - UFRR

Quadro 19. Dados das pesquisas realizadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – CAPES

Repositório de Teses e Dissertações da UFRR
Não foram encontradas teses ou dissertações nesse repositório que contemplassem a pesquisa.

Fonte: Elaboração dos autores (2023)

No repositório da Universidade Federal de Roraima (UFRR) não foram encontradas teses ou dissertações com as palavras-chaves desta pesquisa.

Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Quadro 20. Dados das pesquisas realizadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – CAPES

Autor	Título	Ano	Tipo de Documento	Resumo
MARIA ISABEL ALONSO ALVES	Identities indígenas: um olhar para o curso de licenciatura em educação básica intercultural de	2014	Dissertação	O estudo analisou a interculturalidade na produção de identidades fluidas e diversas no âmbito da formação de professores indígenas, destacando o reconhecimento das diferenças culturais e étnicas pelas equipes docentes.

	Rondônia			
FERNANDA RUSCHEL CREMONESE COLEN	O ideal e o real da política de cotas para negros e indígenas no ifro – campus Porto Velho zona norte	2016	Dissertação	A investigação concluiu que a implementação da política pública de cotas não foi plenamente concretizada conforme os critérios legais, apesar dos esforços institucionais. Sugerem-se reformulações na Lei de Cotas para melhorar não apenas o acesso, mas também a permanência e conclusão de cursos por indígenas e negros.

Fonte: Elaboração dos autores (2023)

Na dissertação “Identidades indígenas: um olhar para o curso de licenciatura em educação básica intercultural de Rondônia”, a autora revela, por meio da análise do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e de entrevistas semiestruturadas, a existência de um reconhecimento étnico e cultural do curso de formação de professores indígenas. Esse reconhecimento evidencia a diferença cultural entre as populações envolvidas na formação desses professores. A pesquisa possibilitou compreender que o curso adota uma perspectiva intercultural, contribuindo para um trabalho voltado para a diversidade cultural e o reconhecimento do outro. Assim, fica evidente a necessidade de reflexões e debates nas instituições de ensino, considerando as identidades indígenas presentes dentro e fora das universidades, para uma compreensão mais profunda e para a efetivação de diálogos interculturais.

No texto “O ideal e o real da política de cotas para negros e indígenas no IFRO – Campus Porto Velho Zona Norte” da autora Fernanda Colen, aborda-se o acesso das comunidades indígenas e negras ao ensino médio e técnico no IFRO. A autora questiona a eficácia da Lei das Cotas, argumentando que diante da sua investigação revela uma nova avaliação da legislação. Segundo Colen, garantir o acesso não é suficiente, deve-se assegurar também a permanência e a conclusão dessas comunidades nas instituições de ensino. Em vista disso, a pesquisa expõe a importância de políticas educacionais mais abrangentes e eficazes para promover a inclusão e o sucesso acadêmico das comunidades negras e indígenas.

Diante das reflexões proporcionadas pelos trabalhos acima analisados, torna-se evidente a relevância da promoção de uma educação intercultural que legitime a existência de identidades indígenas e afrodescendentes, garantindo o pleno exercício de suas existências e de seus direitos na sociedade.

Universidade Federal do Tocantins - UFT

Quadro 21. Dados das pesquisas realizadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – CAPES

Repositório de Teses e Dissertações da UFT
Não foram encontradas teses ou dissertações nesse repositório que contemplassem a pesquisa.

Fonte: Elaboração dos autores (2023)

No repositório da Universidade Federal de Roraima (UFRR) não foram encontradas teses ou dissertações com as palavras-chaves desta pesquisa.

Universidade Federal do Acre - UFAC

Quadro 22. Dados das pesquisas realizadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – CAPES

Repositório de Teses e Dissertações da UFAC
Não foram encontradas teses ou dissertações nesse repositório que contemplassem a pesquisa.

Fonte: Elaboração dos autores (2023)

No repositório da Universidade Federal do Acre (UFAC) não foram encontradas teses ou dissertações com as palavras-chaves desta pesquisa.

Quadro 23. Dados das pesquisas encontradas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD

Instituições	Quantitativo de teses e dissertações	Ano de defesas
UFAM	5	2012 - 2022
UNIFAP	2	2021 - 2022
UFRR	-	-
UNIR	2	2014- 2016

UFT	-	-
UFAC	-	-

Fonte: Elaboração dos autores (2023)

Com base na pesquisa realizada, identificou-se um movimento inicial acerca da relação entre os espaços museais e as comunidades indígenas. No entanto, há uma lacuna significativa no que diz respeito ao protagonismo indígena nos museus, que constitui o cerne desta investigação. Além disso, embora algumas referências sobre processos educativos relacionados à temática sejam mencionadas, ressalta-se, conforme diversos autores citados nesta seção, a importância do fortalecimento étnico, cultural e identitário dos povos originários em diferentes contextos, incluindo sua presença e a participação ativa nos museus da região amazônica, visto que os maiores índices de produções acerca da temática se encontram na região sudeste do Brasil.

Os estudos apresentados evidenciam a urgência de envolver as próprias comunidades nas pesquisas, respeitando suas subjetividades e contribuições, garantindo que os resultados beneficiem essas populações. Embora essas pesquisas representem um avanço na compreensão e reconhecimento da diversidade cultural local, é preciso que também inspirem ações museais concretas e efetivas para promover o respeito, à inclusão e a manutenção das culturas indígenas.

3 O MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI: TRAJETÓRIA HISTÓRICA, EDUCAÇÃO MUSEAL E A RELAÇÃO COM OS POVOS INDÍGENAS

Nesta seção, inicia-se com a subseção 3.1, "**Museu Paraense Emílio Goeldi: um pouco da trajetória do museu mais antigo da Amazônia**", que aborda a trajetória histórica do Museu Paraense Emílio Goeldi, desde a sua fundação até os dias atuais. Em seguida, a subseção 3.2, "**Breve histórico da relação entre o Museu Paraense Emílio Goeldi e os povos originários**", apresenta um panorama da interação histórica entre o museu e os povos indígenas, destacando os principais marcos e eventos dessa relação.

A subseção 3.3, "**Reconhecimento da ancestralidade e contribuições para outros modos de educar e viver: avanços e desafios na relação entre o Museu Emílio Goeldi e os povos indígenas**", explora como o museu reconhece a ancestralidade indígena e as contribuições para formas alternativas de educação e modos de vida, analisando os avanços e desafios dessa relação. Por fim, a subseção 3.4, "**Educação museal, memórias e povos indígenas**", examina os aspectos da educação museal e como as memórias dos povos indígenas são integradas e representadas no museu, proporcionando uma reflexão crítica sobre a construção e circulação do conhecimento no contexto museal.

3.1 MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI: um pouco da trajetória do museu mais antigo da Amazônia

No século XIX, o crescente interesse pelo estudo das sociedades humanas a Amazônia levou à fundação da Associação Filomática por Domingos Soares Ferreira Penna em 1866. Esta associação deu origem ao Museu Paraense, que hoje é conhecido como Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). Abrindo caminhos, tornando possível o desenvolvimento de estudos e a construção de acervos que hoje são fundamentais para a antropologia e a arqueologia (Museu Paraense Emílio Goeldi, 2022).

O naturalista Domingos Soares Ferreira Penna (1818-1888), mineiro radicado no Pará, foi diretor por alguns anos e responsável por contribuições inestimáveis ao conhecimento da Amazônia, região onde viveu e morreu em fevereiro de 1888. Ferreira Penna é um nome respeitado no Brasil e em diversos países por seus trabalhos desenvolvidos entre os anos de 1864 e 1887 sobre geografia, arqueologia, etnologia, história e economia da Amazônia (Cunha, 2009).

Figura 1. Domingos Soares Ferreira Penna.



Fonte: Imagem que se encontra no livro “Talento e Atitude: estudos biográficos do Museu Emílio Goeldi”, publicado por Osvaldo Cunha em 1989.

No Museu Paraense encontra-se o Pavilhão Domingos Soares Ferreira Penna, conhecido atualmente como Rocinha¹ foi construído no século XIX com traços neoclássicos, tratando-se do prédio mais antigo do museu. Em 1895, o espaço serviu de moradia para o pesquisador Emílio Goeldi. Esse Pavilhão foi nomeado em sua homenagem, assim como a Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna que foi criada em 1894, sendo o último exemplo em Belém de um estilo de habitação campestre do final do século XIX, que reflete a riqueza do ciclo da borracha na Amazônia (Soares, 2014). O trabalho inovador de Penna auxiliou no desenvolvimento de pesquisas e na criação de acervos antropológicos e arqueológicos.

A seguir, tem-se a imagem do Pavilhão em 2012. Atualmente (2024) o espaço se encontra em reforma.

¹ Segundo Tocantins (1987), o nome "Rocinha" tem origem em uma expressão típica de Belém, que se referia a lavouras preparadas e servia como referência para quem vinha do campo ou de áreas distantes. Na capital paraense, "rocinha" designava moradias rurais situadas longe do centro, diferenciando-se de "sítios", que eram propriedades rurais localizadas no interior do estado, geralmente próximas a corpos d'água como rios e igarapés. As rocinhas eram caracterizadas por terem o setor íntimo da casa protegido por varandas e estarem localizadas em estradas. Morar em uma rocinha em Belém não se limitava à residência, mas englobava também o campo, a floresta, o pomar e todas as áreas verdes ao redor da propriedade.

Figura 2. Pavilhão Domingos Ferreira Pena (Rocinha)



Fonte: Leonardo (2012). Disponível em:
<https://www.flickr.com/photos/44452722@N03/7815261006/in/photostream/>

Desde a fundação do Museu Paraense, em 1866, grande parte de suas atividades esteve centrada nos estudos científicos acerca dos sistemas naturais e socioculturais da região amazônica, contribuindo para a socialização e divulgação dos conhecimentos naturais e culturais que dizem respeito à esta região. Segundo Nelson Sanjad (2010), o intuito da instituição era em se consolidar como um museu de história natural e de artefatos indígenas. Com isso, perpassaremos brevemente sobre a trajetória do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Em meados de 1893, logo após ser demitido do Museu Nacional no Rio de Janeiro por questões políticas, o zoólogo suíço Émil Augusto Goeldi (Emílio Goeldi) foi convidado pelo governador Lauro Sodré para assumir a direção do Museu Paraense (nome anterior da instituição). O convite surgiu após Lauro Sodré ter conhecimento acerca do trabalho que Emílio Goeldi desenvolvia no Museu Nacional (Sanjad e Silva, 2009).

Figura 3. Emílio Augusto Goeldi



Fonte: Arquivo do Museu Goeldi (2021)

Acima podemos observar a imagem de Emílio Goeldi. O pesquisador tinha a missão de transformar o Museu em uma instituição renomada cientificamente na região amazônica. Todavia, para isto ser realizado, houve a necessidade de se fazer modificações na estrutura do museu para que se adequasse aos padrões dos museus históricos da época, sendo realizada a contratação de uma equipe de cientistas e técnicos (Sanjad e Silva, 2009).

Não buscamos adquirir nem o elefante da Índia, nem a girafa do continente africano. O que desejamos é valorizar o que é nativo, o que é amazônico, o paraense. Não será necessário que eu, que não nasci nesta terra e que aqui estou por nada além do amor à ciência e o desejo de estabelecer um forte centro científico na Amazônia, precise convencer o povo paraense de que a natureza ao nosso redor oferece recursos abundantes para enriquecer tanto um zoológico quanto um jardim botânico (Goeldi, 1895, p. 220).

A partir da perspectiva abordada neste trabalho, a fala de Emílio Goeldi pode ser entendida como uma crítica ao colonialismo científico e cultural, que muitas vezes coloca em evidência o exotismo das espécies estrangeiras em detrimento da valorização da fauna e flora locais. Goeldi, ao destacar a importância de reconhecer e valorizar o que é nativo da Amazônia, expressa uma resistência ao imperialismo que frequentemente impõe padrões e valores externos sobre o que deve ser preservado ou estudado.

O pesquisador argumenta que a riqueza e biodiversidade da Amazônia são suficientemente impressionantes para fundamentar instituições científicas de renome, sem a

necessidade de importar espécies estrangeiras para garantir a relevância e prestígio do Museu. Essa visão reflete um gesto de afirmação da identidade regional e um desafio à lógica colonial que tende a subestimar o conhecimento e os recursos locais. Ao afirmar que, como estrangeiro, não deveria precisar convencer o povo paraense do valor intrínseco de sua própria fauna e flora, Goeldi enfatiza a necessidade de uma autovalorização e uma reapropriação dos saberes e recursos locais pelos próprios habitantes da região.

Assim, Goeldi não apenas promove uma valorização do que é local, mas também questiona a validade de padrões externos impostos, argumentando que o verdadeiro valor está na própria riqueza regional. Essa postura sugere um impulso para que a Amazônia e seus habitantes reconheçam e valorizem a sua própria contribuição ao conhecimento científico, desafiando a narrativa colonial que frequentemente marginaliza o valor dos recursos e saberes locais.

Segundo Goeldi (1895) o Museu Paraense ao longo de sua trajetória passou por mudanças significativas, em torno de dez anos de atuação do zoólogo à frente da gestão do museu, juntamente com a sua equipe, conseguiram transformar uma residência de férias, localizada no centro de Belém, em um dos mais importantes jardins zoológicos do Brasil. A proposta da construção de um zoológico e de um horto botânico fazia parte dos planos de Goeldi e do então governador do Pará, Lauro Sodré, cujo objetivo era mostrar a fauna e flora da região para fins educacionais à população em geral.

E nesse mesmo período, em meados de 1890, com o interesse pela região amazônica, os pesquisadores do museu paraense fazem o primeiro contato com os povos originários locais, mas especificamente com a comunidade Mebêngôkre, que foi intermediado pelos missionários dominicanos que se alocaram no mesmo período no rio Araguaia². E a partir dessa aproximação, que incluía a catequização (a priori católica e posteriormente a protestante) e a conversão dos indígenas à “civilização”, tornou os missionários os principais colecionadores e provedores de artefatos etnográficos da segunda metade do século XIX (Sanjad *et.al*, 2022).

Por volta de 1895, o Parque Zoobotânico do Museu Emílio Goeldi é transferido para sua localização atual, dando início a uma série de obras, levando aproximadamente oito anos, pois demandava de instalação de oficinas, laboratórios, acondicionamento do acervo e outros,

² Rio Araguaia: Pertencente à bacia amazônica, o rio se estende por mais de 2000 km, formando a divisa entre os estados de Mato Grosso e Goiás, Mato Grosso e Tocantins, e também entre Pará e Tocantins, até desaguar no Rio Tocantins, na trílice divisa entre Tocantins, Pará e Maranhão.

sendo inevitável a desapropriação de terrenos e prédios próximos ao museu para ampliá-lo (Goeldi, 1897a, 1897b).

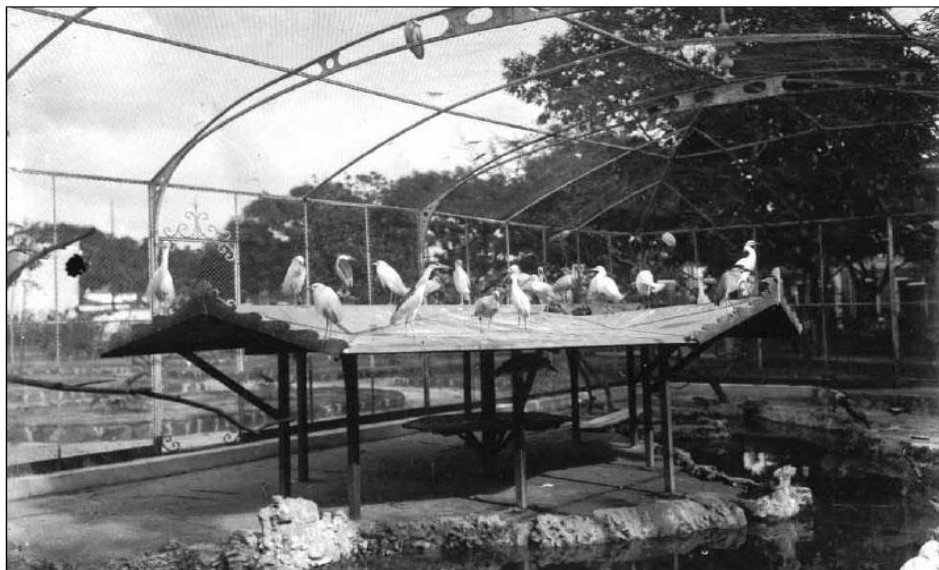
Figura 4. Planta do Museu Paraense e seus anexos (Horto Botânico e Jardim Zoológico) e dos terrenos vizinhos a desapropriar (1896)



Fonte: Goeldi (1897b)

Na figura acima temos a planta do museu, que trata do projeto inicial. E para a realização dessa expansão do Museu Paraense, a instituição recebeu 30 contos por ano do governo estadual para sua ampliação (Goeldi, 1904). Após a aquisição dos terrenos, o diretor promoveu a transformação do espaço, e a sua europeização, visto que os elementos arquitetônicos remetiam aos monumentos europeus, como: os chalés, o lago (Lago Maggiore - Itália) para as aves aquáticas, cobertura de arame encomendada em Paris, o lago para a vitória-régia com a “forma do Mar Negro na Rússia meridional e a torre de observações astronômicas e meteorológicas, que se tivesse sido construída seria “uma cópia diminuta da Torre Eiffel” (Goeldi, 1901, p. 126).

Figura 5. Interior do “elegante” viveiro de aves aquáticas ou “pernalta”, encomendado de Paris. A estrutura de ferro, com traços *art nouveau*, semelhante à gaiola existente no Parc de Saint Germain



Fonte: Coleção Fotográfica/Arquivo Guilherme de La Penha/MPEG

A imagem acima se refere a um viveiro de aves aquáticas, como patos, por exemplo. A maioria dos elementos são inspirados em modelos europeus como foi dito anteriormente e as características desses espaços tinha como arquétipo o estilo *Art Nouveau*, que se trata de um estilo que surgiu entre os anos de 1880 e 1920 na Bélgica, e tinha como inspiração a natureza, com as linhas sinuosas e assimétricas das flores e animais. O estilo pode ser encontrado em produtos, tecidos, roupas, joias, acessórios, *design* de interiores e na arquitetura. Por sua vez, nas cidades de Belém (PA) e Manaus (AM) devido ao *boom* da borracha (1850-1910) foi possível observar à inserção de elementos da *Art Nouveau* em algumas residências, fazendo com que o paisagismo da região mesclasse entre os elementos amazônicos e o grafismo da arte marajoara (Funarte, 2022).

As influências do *Art Nouveau* trouxeram uma nova estética, ao incorporarem elementos culturais europeus com elementos culturais amazônicos. Essa integração resulta em uma identidade visual distinta que enriquece o patrimônio arquitetônico e captura a diversidade cultural da região. Abaixo teremos mais algumas imagens de outros espaços do museu que remetem ao estilo *Art Nouveau*.

Figura 6. Lago das vitórias-régias



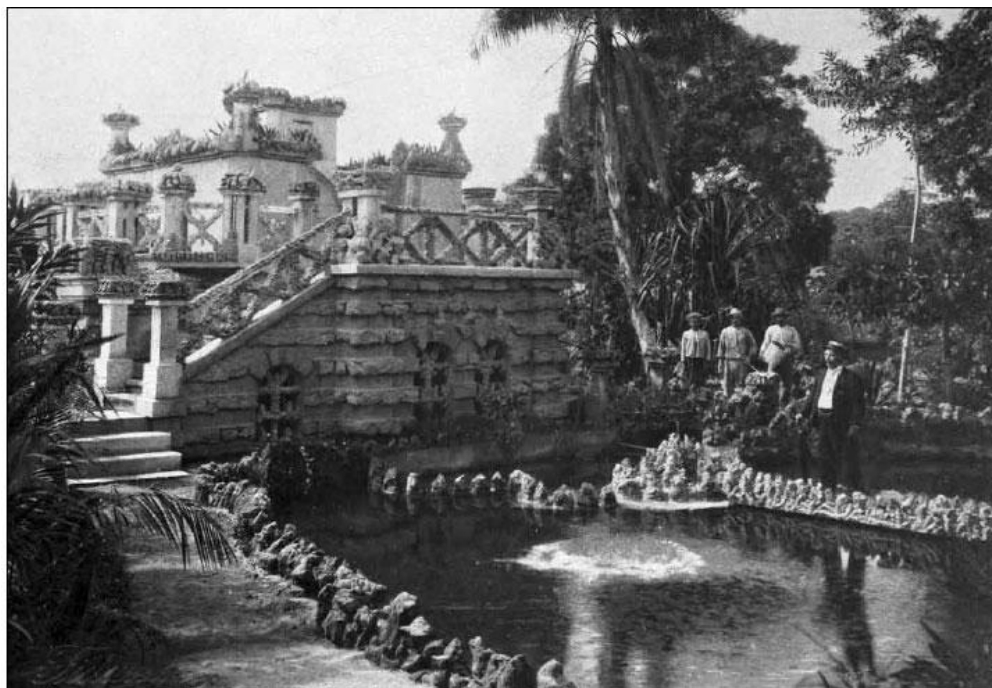
Fonte: Coleção Fotográfica/Arquivo Guilherme de La Penha/MPEG

Acima temos o Lago das vitórias-régias, visto que se trata de um ícone da Amazônia, conhecido pelas suas folhas enormes e suas lindas flores, que são símbolos da flora local. A vitória-régia marca o imaginário, a identidade e as culturas dos povos da região (Museu Goeldi, 2016).

Em 1896, Emílio Goeldi tentou aclimatar a vitória-régia no Parque Zoobotânico, mas não obteve sucesso. Ele usou um lago artificial inspirado na forma do Mar Negro e complementou a paisagem com uma monumental caixa d'água, semelhante às ruínas de um castelo europeu, que fornecia água e oferecia uma vista panorâmica popular até hoje (Museu Goeldi, 2016).

Como podemos ver, os lagos de vitórias-régias possuem um significado cultural que vai além de sua aparência encantadora na paisagem amazônica. Frequentemente retratados em diversas formas de arte, literatura e folclore, eles se tornaram ícones da beleza e diversidade da região. A partir da interação com esses ambientes, os visitantes não apenas entram em contato com a flora característica, mas também são conscientizados sobre a importância da preservação dos ecossistemas aquáticos. Essa integração entre educação e conservação fomenta uma maior sensibilização acerca da necessidade de proteger a biodiversidade amazônica, reforçando a relevância desse bioma tanto para a cultura, quanto para o contexto ambiental.

Figura 7. Caixa d'água cenográfica construída em 1901, junto ao lago das vitórias-régias. Sob o mirante, de onde era possível observar o Parque e a rua, criavam-se corujas.



Fonte: Fidanza (19,02)

A Figura 7 ilustra uma caixa d'água cenográfica construída em 1901, localizada ao lado do lago das vitórias-régias. Essa construção é um excelente exemplo da arquitetura decorativa do início do século XX, que frequentemente combinava funcionalidade e estética.

A paisagem do Lago das vitórias-régias foi complementada com a construção de uma monumental caixa d'água, se assemelhando às ruínas de um castelo europeu. A presença do mirante, que oferecia uma visão panorâmica do Parque e da rua, demonstra a preocupação em criar espaços que não apenas atendiam a necessidades práticas, mas também enriqueciam a experiência visual e interativa dos visitantes (Museu Goeldi, 2016).

Em suma, o contato direto com plantas e animais vivos, transformados em objetos museológicos exibidos em espaços construídos e acessíveis ao público, reflete a uma tradição dos museus de história natural do século XIX. A exibição dos “produtos da natureza” era o “método intuitivo de ensino”, que se baseava na observação para a compreensão. Esse método ganhou força com o foco na educação das populações urbanas, utilizando exposições como ferramenta para a instrução pública (Florez, Sanjad e Okada, 2018).

Figura 8. Público em dia de passeio no Museu Goeldi em 1900.



Fonte: Arquivo do Museu Emílio Goeldi (2018)

Na imagem, é possível observar as pessoas vestidas e o comportamento dos indivíduos retratados, refletindo suas classes sociais. Na época, visitar o Museu era mais do que uma atividade cultural; era um símbolo de status e prestígio social. Assim como frequentar um café ou o Teatro da Paz, o museu servia como um local para demonstrar a posição social na sociedade paraense. Nesse contexto, em que influências da modernidade europeia chegavam aos trópicos, os museus também passavam a refletir e reforçar essas novas dinâmicas sociais.

Durante a gestão de Emílio Goeldi (1894 - 1907), o Museu Paraense ganha visibilidade e isso gera reconhecimento internacional, por desenvolver pesquisas geográficas, geológicas, climatológicas, agrícolas, arqueológicas, museológicas e outras. Desse modo, ao observar o processo de construção dos anexos do Museu Paraense, notam-se questões de cunho político, social, educacional e científico (Lopes, 2009). E cabe destacar que as pesquisas desenvolvidas no museu reforçam a função da instituição na promoção científica através de suas produções, publicações, conferências e exposições.

Depois de 13 anos desenvolvendo atividades em Belém, Emílio Goeldi retornou à Suíça em 1907, e faleceu por volta de 1917. Posteriormente, o botânico Jacques Huber (suíço) assume a direção do Museu (1907 - 1914), e como diretor, passa a representar o museu em diversos eventos científicos internacionais (Museu Goeldi, 2009)

Jacques Huber era de origem simples, diferentemente de Emílio Goeldi (Cunha, 2009). Os dois eram amigos, por isso não foi difícil contratá-lo para vir trabalhar na seção de

botânica do museu. Logo que pisou em terras paraenses iniciou suas pesquisas sobre as árvores seringueiras durante o auge da economia da borracha na região amazônica, resultando em diversas produções, que incluíam o mapeamento e a descrição de novas espécies de seringueiras. Com o declínio das exportações de borracha amazônica, que provocou uma grave crise econômica na região, Huber foi incumbido pelo Estado de viajar à Ásia para estudar as técnicas de cultivo da seringueira. A economia da borracha, que desempenhava um papel fundamental na balança comercial do Brasil e no mercado internacional, sofreu uma crise com repercussões profundas. Esse colapso econômico teve um impacto severo na população amazônica, que enfrentou grandes desafios devido à redução das atividades econômicas que sustentavam suas vidas e comunidades (Boletim Goeldi, 2009).

O botânico contribuiu ainda com estudos sobre frutas, florestas e madeiras regionais, mas infelizmente em 1914 veio a falecer em decorrência de uma apendicite, deixando esposa e três filhos (Sandaj, 2009).

Figura 9. Jacques Huber (1867-1914)



Fonte: Arquivo do Museu Goeldi (2021)

Acima, vemos uma imagem do pesquisador Huber, que foi responsável por numerosos estudos sobre a flora amazônica, tendo descrito centenas de espécies, muitas das quais continuam válidas até hoje. Pioneiro nos estudos sobre a fitogeografia amazônica e sua interação com biomas vizinhos, Huber é notável por seu trabalho "Matas e madeiras amazônicas" (Huber, 1910). Ele identificou e documentou tecnicamente centenas de espécies da flora amazônica, cujos tipos e parátipos estão atualmente preservados no Herbário do Museu que ele fundou.

Após a morte de Jacques Huber, o governador Enéas Martins nomeou a Dra. Emília Snethlage (1868-1929) como diretora do Museu Paraense Emílio Goeldi, tornando-a a primeira mulher a dirigir uma instituição científica no Brasil. Emília Snethlage, uma renomada zoóloga, etnóloga e exploradora alemã, já havia desempenhado a função de diretora em 1907, após o retorno de Emílio Goeldi à Europa, durante um período em que Jacques Huber estava ausente da instituição. Apesar de estar à frente do museu, Snethlage era frequentemente substituída por Adolpho Ducke devido às suas extensas pesquisas na Amazônia. Ducke, por sua vez, também necessitava de substituições frequentes devido às suas longas expedições, e entre os substitutos estava Rodolfo de Siqueira Rodrigues (1884-1957) (Museu Emílio Goeldi, 2009).

É notável que, durante todo o período em questão, nenhum cientista brasileiro, e ainda menos alguém da região amazônica, bem como mulheres e pessoas negras, foram indicados para a direção do Museu Paraense Emílio Goeldi. Esse fato levanta questões significativas sobre a inclusão e a representatividade dentro das instituições científicas brasileiras. A ausência de líderes locais e de grupos historicamente marginalizados na gestão do museu não apenas reflete as estruturas de poder e as desigualdades sociais da época, mas também destaca a necessidade de uma reflexão crítica sobre como tais práticas podem ter influenciado o direcionamento e a abordagem das pesquisas e das políticas institucionais. A inclusão de perspectivas diversificadas poderia ter contribuído para uma maior valorização e reconhecimento dos saberes locais e das contribuições das comunidades amazônicas para a ciência e a cultura.

Um caso particularmente revelador é o da Dra. Emília Snethlage, que, mesmo tendo se tornado a primeira mulher a dirigir uma instituição científica no Brasil, enfrentou desafios significativos durante sua gestão no Museu. Sua liderança, embora pioneira, foi marcada por constantes substituições devido às suas extensas pesquisas e, eventualmente, ela foi removida do cargo. Esse episódio ressalta a persistência das barreiras de gênero e a dificuldade de manter mulheres em posições de liderança nas instituições científicas da época. A seguir, teremos a trajetória da Dra. Emília Snethlage, considerando as circunstâncias que marcaram sua gestão e os desafios que ela encontrou. Isso nos ajudará a entender como o percurso dela ilustra questões importantes sobre inclusão e representatividade nas instituições científicas.

Figura 10. Emília Snethlage (1868-1929)



Fonte: Arquivo do Museu Goeldi (2021)

Acima, uma imagem da pesquisadora Dra. Emília Snethlage. Segundo Junghans (2008), uma de suas expedições mais destacadas foi a travessia entre os rios Xingu e Tapajós, realizada em 1909. Nessa jornada, ela contou exclusivamente com a companhia dos habitantes indígenas locais. A partir das observações e registros feitos durante essa viagem, Dra. Emília conseguiu elaborar e publicar um vocabulário comparativo das línguas dos povos Chipaya e Curuahé.

Durante a Primeira Guerra Mundial (1918), o Brasil rompeu relações diplomáticas com o bloco germânico, o que resultou no afastamento temporário da Dra. Emília Snethlage das suas atividades no Museu Paraense Emílio Goeldi. No entanto, no ano seguinte, ela foi reintegrada ao cargo. Todavia, a instituição enfrentava sérias dificuldades financeiras devido à situação econômica regional. Em 1921, Dra. Emília foi forçada a se demitir, em parte devido a difamações que chegaram ao novo governador, Antônio Souza Castro (Junghans, 2008).

Em 1922, Dra. Emília Snethlage recebeu um convite para se transferir para o Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde assumiu o cargo de naturalista viajante. Lamentavelmente, ela faleceu em 1929 durante uma de suas expedições científicas, com a causa de sua morte sendo atribuída a um ataque cardíaco (Junghans, 2008).

Entre 1920 e 1930, o Museu Paraense enfrentou uma grave crise econômica e sofreu um período de abandono. No entanto, a partir dessa década, o museu começou a se recuperar

e passou a se chamar "Museu Paraense Emílio Goeldi". Apesar de enfrentar novas crises ao longo dos anos, a instituição continuou ativa, desenvolvendo programas, prosseguindo com pesquisas etnológicas e investindo também em pesquisas arqueológicas sistemáticas (Marcolin, 2004).

Em 1930, o advogado Carlos Estevão, que já tinha vínculo com o Museu Paraense como Consultor Jurídico da Diretoria de Obras Públicas do Estado, foi nomeado para o cargo de Diretor do Museu pelo governador Magalhães Barata. Ao contrário de seus predecessores, Estevão optou por não residir dentro das instalações do museu, vivendo em uma casa alugada nas proximidades, na Rua Alcindo Cacela (Cunha, 1989). Ao assumir a direção, Estevão enfrentou o desafio de restaurar a instituição, que necessitava de investimentos significativos de tempo e recursos financeiros.

Figura 11. Carlos Estevão (1880-1946).



Fonte: Museu do Estado de Pernambuco (Data e fotógrafo não identificados).

Para superar essas dificuldades, Magalhães Barata implementou medidas específicas visando assegurar recursos indispensáveis para a revitalização do Museu. Ele exigiu que todos os representantes dos municípios do Pará colaborassem doando animais de espécies variadas. Além disso, estabeleceu um decreto em novembro de 1931 que obrigava os municípios a contribuírem financeiramente com uma quantia mensal que variava de 30 a 60 mil réis, dependendo da renda de cada município (Cunha, 1989). Essas iniciativas foram determinantes para reerguer o Museu Paraense, permitindo a manutenção e ampliação de suas coleções e infraestrutura.

Carlos Estêvão, com uma equipe de apenas 30 funcionários, transformou o Museu Paraense Emílio Goeldi em um dos institutos de pesquisa mais ativos do Brasil, tanto em pesquisa pura quanto prática. Além disso, fez do Museu o mais bonito zoológico do país, apesar da verba limitada fornecida pelo governo. Sua realização foi tão impressionante que Cândido de Melo Leitão, em seu livro "Biologia no Brasil", exaltou Estêvão como um diretor dedicado, ecologista de alma e etnólogo apaixonado. Leitão destacou que Estêvão conseguiu fazer do pequeno jardim zoológico um modelo de técnica e bom gosto, aliando a arte ao serviço da ciência, e demonstrou o que é possível alcançar no Brasil com dedicação e talento (Cunha, 1989).

Parte desse sucesso foi a capacidade de Carlos Estêvão de atrair e colaborar com renomados pesquisadores, como Curt Nimuendajú, o maior etnólogo da época, que já havia estado no Museu em 1921, para estudar várias comunidades indígenas amazônicas e enriquecer as coleções etnológicas com vasto material artesanal. O pesquisador também realizou o primeiro curso prático de Etnologia no Museu. As pesquisas arqueológicas do Museu prosperaram com os estudos realizados por Nimuendajú, Carlos Estêvão e a arqueóloga americana Helen Palmatary, que colaborou por muito tempo no Museu (Cunha, 1989).

Estêvão nasceu em Recife/PE em 1880, sendo um dos pioneiros do movimento trovadoresco no Brasil. Formou-se em 1907 em Direito, e em 1908 transferiu-se para Belém/PA, após a morte do pai, tendo já um cargo público garantido em Alenquer/PA. Em 1913 veio para Belém/PA exercer a função de segundo prefeito de Segurança Pública, equivalente ao que hoje seria um delegado. Em 1930 estabeleceu um vínculo com o Museu Goeldi, onde permaneceu até 1945, quando renunciou ao cargo de Diretor da instituição (Cunha, 1989).

O diferencial da gestão de Carlos Estêvão em relação às gestões anteriores foi a sua intensa atuação do Museu Goeldi em projetos e ações de âmbito federal. Durante seu mandato, a Amazônia passou a ser vista pelo imaginário político do novo regime republicano como um "espaço vazio", o que gerou um maior interesse e investimento na região. Nesse contexto, Estêvão conseguiu inserir o Museu em importantes iniciativas nacionais, fortalecendo seu papel no cenário científico e político do Brasil. Essa visão estratégica e a participação ativa em projetos federais destacaram sua gestão como um marco na história do Museu (Leal, 2023).

Além de sua liderança visionária, Carlos Estêvão enfrentou desafios financeiros e administrativos. Sua decisão de não residir nas instalações do Museu, somada à sua luta para equilibrar as finanças da instituição, revela as dificuldades práticas enfrentadas naquele período. Também refletem as dificuldades práticas enfrentadas pela instituição naquele

período. No entanto, o esforço para a revitalização e modernização do Museu sob sua direção reflete seu compromisso em adaptar a instituição às novas demandas científicas e econômicas da época.

A nomeação de Carlos Estevão para a direção do Museu Goeldi em 1930 também é digna de reflexão por outro motivo importante: ele foi um dos primeiros brasileiros a ocupar o cargo, após uma longa tradição de liderança estrangeira na instituição. Essa nomeação representou uma mudança significativa na gestão do Museu, marcando uma valorização crescente da liderança local em uma época de transição política no Brasil.

Essa transição ocorreu em um momento particularmente relevante na história do país, com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder e o início de um governo centralizador e autoritário. O contexto político pode ter influenciado a nomeação de Estevão, refletindo o movimento de nacionalização e controle estatal das instituições públicas. Nesse sentido, a sua escolha para dirigir o Museu Goeldi não foi apenas um evento isolado, mas parte de um processo mais amplo de mudança social e política no Brasil.

Em continuidade a essas transformações, em 1950, durante o governo de Eurico Dutra, o Museu Goeldi foi vinculado ao recém-criado Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), em conjunto com o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), com sede em Manaus. Posteriormente, em 7 de dezembro de 1954, um acordo entre o diretor do INPA, José Olympio da Fonseca, e o governador do Pará, General Zacarias de Assunção, estabeleceu que o Museu Goeldi seria administrado e revitalizado pelo INPA por 20 anos. Esse acordo permitiu que o Museu intensificasse suas atividades de pesquisa científica, mesmo diante de dificuldades (Museu Goeldi, 2024).

Figura 12. A fachada do Museu Paraense Emílio Goeldi em 1949.



Fonte: Reprodução/Blog Nostalgia Belém (2021)

Durante as duas décadas em que esteve sob a administração do INPA, o Museu Goeldi passou por um período de consolidação e crescimento nas suas atividades científicas. Contudo, com a expansão da instituição, novos desafios surgiram. A limitação do espaço físico no Parque Zoobotânico tornou-se uma barreira significativa para o desenvolvimento das pesquisas e a preservação das coleções científicas (Museu Goeldi, 2024).

Para enfrentar essa questão, na década de 1970, o Museu Goeldi encontrou uma solução. O problema de espaço no Parque Zoobotânico, que impedia sua expansão, levou à criação de um novo campus de pesquisa em 1978, localizado no bairro da Terra Firme, na periferia de Belém. Nesse novo campus, foram instalados os departamentos de pesquisa, a biblioteca e a administração do museu. O local tornou-se o principal centro para a realização de experimentos científicos e a preservação de coleções que abrangem 17 áreas, incluindo zoologia, botânica, arqueologia, etnografia, paleontologia, linguística e minerais. Enquanto isso, o Parque Zoobotânico continuou a ser uma vitrine viva da biodiversidade amazônica e um importante ponto de referência para os programas de educação científica do Museu (Museu Goeldi, 2015).

Em 1983, o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) alcançou outro marco importante ao se tornar uma instituição autônoma, desvinculando-se do INPA. Com essa independência, o museu fortaleceu suas capacidades de pesquisa e construiu o Campus de Pesquisa em

Belém/PA, além de obter acesso direto a recursos federais, o que facilitou o desenvolvimento de suas atividades científicas. No ano 2000, o Museu, assim como o INPA, foi vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), abrindo novas oportunidades e reforçando-se como uma entidade fundamental para a ciência no Brasil (Museu Goeldi, 2015).

Na história recente do Museu Paraense Emílio Goeldi, a gestão de Nilson Gabas Júnior merece destaque. Ele dirigiu a instituição por dois mandatos consecutivos, de 2009 a 2018, e anteriormente havia contribuído de forma significativa como coordenador de pesquisa e pós-graduação. Membro ativo da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e envolvido em diversos conselhos dedicados à biodiversidade, Nilson Gabas Júnior possui doutorado em Linguística Indígena pela Universidade da Califórnia, além de pós-doutorados nas universidades de Antuérpia e Oregon (MCTI, 2023). Atualmente, ele se encontra novamente à frente da instituição, com um novo mandato iniciado em 2024 e previsto para durar até 2028.

Figura 13. O linguista Nilson Gabas Junior atual diretor do Museu Goeldi.



Foto: Janine Valente (MPEG), 2024

Após a gestão do linguista Nilson Gabas Jr., que esteve à frente do Museu Paraense Emílio Goeldi por dois mandatos consecutivos, a bióloga Ana Luísa Albernaz assumiu a direção em 2018. Com uma forte ênfase em fortalecer a conexão entre pesquisa e comunicação, Ana Luísa trouxe uma nova perspectiva para a instituição. Ela integra um grupo seleto de mulheres notáveis que já ocuparam essa posição, como a ornitóloga Emilie

Snethlage (1914-1917 e 1919-1921), a antropóloga Adélia de Oliveira Rodrigues (1995-1999) e a ecóloga Ima Célia Guimarães Vieira (2005-2009) (Museu Paraense Emílio Goeldi, 2021).

Figura 14. Dra. Ana Luísa Albernaz – Diretora do Museu Paraense Emílio Goeldi – Solenidade de posse.



Fonte: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2018

No final do governo Bolsonaro, em 2022, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) tomou a decisão abrupta de exonerar Ana Luísa Albernaz da direção do Museu Paraense Emílio Goeldi, substituindo-a pelo arquiteto Antônio Carlos Lobo Soares, sem aviso ou diálogo prévio. Essa mudança repentina ocorreu em um momento crítico, quando o Museu já enfrentava sérios desafios financeiros.

Essa transição administrativa ganha ainda mais relevância ao ser contextualizada dentro do ambiente político da época. Durante o governo Bolsonaro, as instituições científicas e culturais sofreram com a falta de investimento e de apoio, sendo relegadas a um segundo plano. A ciência e a pesquisa enfrentaram um ambiente de instabilidade, refletindo uma crise mais ampla que afetou a comunidade científica no Brasil. A troca inesperada de direção no Museu Goeldi não foi apenas uma mudança burocrática, mas um reflexo direto desse cenário de negligência.

Desde o início do governo, o Museu Goeldi sofreu com cortes orçamentários drásticos, que em 2019 reduziram seu orçamento de R\$ 15 milhões para R\$ 11 milhões. Esse contingenciamento de 42,2% comprometeu a manutenção de serviços essenciais e forçou a instituição a considerar a suspensão de algumas de suas atividades (Sul21, 2019).

Embora a crise financeira fosse uma realidade já presente, o Museu enfrentou desafios severos em 2017, com o risco de fechamento de áreas importantes como o Parque Zoobotânico e a Estação Científica Ferreira Penna. Ana Luísa Albernaz havia alertado sobre

as consequências dos cortes, que resultaram em roubos e surtos de dengue. Com aproximadamente 400 mil visitantes anuais, o Museu Goeldi não só é um ponto de referência para pesquisas em botânica, linguística, arqueologia e história, mas também desempenha um papel crucial nos estudos sobre a flora, fauna e culturas da Amazônia (Sul21, 2019).

Apesar desses desafios, o Museu Paraense Emílio Goeldi consolidou-se como um centro de pesquisa de importância mundial, vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Reconhecido por suas contribuições científicas sobre a Amazônia, sua sede permanece localizada na Avenida Governador Magalhães Barata, 376, no bairro de São Brás, Belém-PA, conforme disposto no artigo 3º do regimento interno do Museu Emílio Goeldi, publicado em 2022.

Aqui estão algumas imagens que ilustram o Museu atualmente.

Figura 15. Fachada do Museu Paraense Emílio Goeldi atualmente.



Fonte: Acervo da pesquisa (2023)

Figura 16. Parte da fachada do Museu Paraense Emílio Goeldi atualmente.



Fonte: Acervo da pesquisa (2023)

Conforme o regimento interno, a instituição conta com outros espaços que constituem o museu, como:

(I) Campus de pesquisa, localizado na Avenida Perimetral, nº 1901, Bairro da Terra Firme, Belém - PA e; (II) - Estação Científica Ferreira Penna, localizada na Floresta Nacional de Caxiuanã, município de Melgaço - PA.

Figura 17. Entrada do Campus de Pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi.



Fonte: Museu Paraense Emílio Goeldi (2020)

O espaço atualmente conhecido como (I) Campus de Pesquisa foi adquirido em 1978 para abrigar as Coordenações de Pesquisa e Planejamento, laboratórios e as 17 coleções científicas do Museu. Estas coleções cobrem diversas áreas, incluindo botânica, zoologia, arqueologia, etnografia, linguística, paleontologia, minerais e rochas. Além das instalações para pesquisa, o Campus de Pesquisa também abriga a Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna, o Arquivo Guilherme de La Penha e o Núcleo de Inovação e Transferência de Tecnologia (NITT). Adicionalmente, os cursos de Pós-Graduação oferecidos no campus contribuem na formação de recursos humanos altamente qualificados na região amazônica. A administração e a responsabilidade pela manutenção deste campus são de competência da Prefeitura do Campus (GOELDI, 2020).

(II) A Estação Científica Ferreira Penna (ECFPn), situada na Floresta Nacional de Caxiuanã, no município de Melgaço-PA, é uma base de pesquisa científica estabelecida em 1993. Operada em colaboração entre o Museu Paraense Emílio Goeldi e o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, a estação cobre uma área urbanizada de 6 mil metros quadrados, com 3 mil metros quadrados de área construída. O principal objetivo da ECFPn é apoiar a sociobiodiversidade da Amazônia e promover atividades educativas focadas em ciências e estudos ambientais (Museu Goeldi, 2020).

Figura 18. Estação Científica Ferreira Penna.



Fonte: Museu Paraense Emílio Goeldi (2020)

O Museu Goeldi desempenha um papel significativo em diversos aspectos, incluindo a pesquisa científica e a preservação do patrimônio da região amazônica. Suas ações abrangem tanto a conservação de recursos naturais e culturais quanto o suporte a iniciativas que visam enfrentar os desafios específicos da região. Assim, o Museu contribui para o desenvolvimento sustentável e para o avanço das capacidades locais, refletindo sua importância no contexto social e científico da área.

É relevante destacar que o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) é a instituição museológica mais antiga da região amazônica e a segunda mais antiga do Brasil, com uma trajetória de 157 anos. No entanto, conforme observado por Cunha (1989), até 1964, havia pouca documentação sobre o museu. Apesar disso, o Museu Goeldi continua a se destacar como uma instituição científica de caráter formativo e educativo, conforme estipulado no Art. 4º do Regimento Interno do museu, que afirma:

O MPEG tem como finalidade realizar pesquisa, promover a inovação científica, formar recursos humanos, conservar acervos e comunicar conhecimentos nas áreas de ciências naturais e humanas relacionadas à Amazônia (Goeldi, 2020, p.1).

O Art. 4º do Regimento Interno destaca o caráter formativo da instituição, evidenciando seu compromisso em qualificar profissionais em diversas áreas de atuação. No entanto, além das atividades de pesquisa, conservação de acervos e disseminação de conhecimentos sobre o ecossistema amazônico, o Museu Paraense Emílio Goeldi enfrenta uma série de desafios. Embora os esforços do Museu para cumprir suas funções educativas e científicas, é importante analisar também as limitações e dificuldades que afetam sua atuação. Uma análise mais abrangente da instituição deve considerar tanto os avanços conquistados quanto as áreas que requerem melhorias e suporte adicional.

A seguir, apresentamos imagens do Pavilhão, mostrando tanto sua parte interna quanto externa, durante o período em que as fotos foram tiradas. Atualmente, o espaço está em processo de reforma (2024).

Figura 19. Fachada do Pavilhão Domingos Soares Ferreira Penna (Rocinha).



Fonte: Minube/Antônio Athayde (2007). Disponível em: <https://acesse.dev/rocinha-emiliogoeldi>

Figura 20. Parte interna da exposição do Pavilhão Domingos Soares Ferreira Penna (Rocinha).



Fonte: Repórter fotográfica Monique Renne (2005). Disponível em: <https://guia.melhoresdestinos.com.br/museu-paraense-emilio-goeldi-236-6598-1.html>

A seguir, apresentamos as Fotografias 8 e 9, que ilustram parte da exposição que estava disponível para visitação no Pavilhão do Museu.

Figura 21. Acervo da exposição do Pavilhão Domingos Soares Ferreira Penna (Rocinha).



Fonte: Minube/Ant nio Athayde (2007). Disponível em: <https://acesse.dev/rocinha-emiliogoeldi>

Figura 22. Acervo da exposição do Pavilhão Domingos Soares Ferreira Penna (Rocinha).



Fonte: Minube/Ant nio Athayde (2007). Disponível em: <https://acesse.dev/rocinha-emiliogoeldi>

Em meados de 2022, foi reinaugurado o *Centro de Exposições Eduardo Enéas Gustavo Galvão*, que atualmente abriga a exposição “Diversidades Amazônicas”. Esta

exposição reúne acervos, tecnologias e conhecimentos científicos e tradicionais preservados de diversos territórios amazônicos. O espaço está aberto ao público para visitas e promove atividades educativas ao longo do ano.

Figura 23. Reinauguração do Centro de Exposições Eduardo Enéas Gustavo Galvão.



Fonte: Museu Emílio Goeldi (2022)

O nome do espaço é uma homenagem ao antropólogo carioca Eduardo Enéas Gustavo Galvão (1921-1976), que desempenhou um papel fundamental na consolidação da Antropologia no Brasil e é uma referência nos estudos sobre populações indígenas da Amazônia. Galvão foi chefe da divisão de Antropologia do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Figura 24. Eduardo Enéas Gustavo Galvão.



Fonte: Biblioteca Digital Curt Nimuendajú (1976). Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org>

Atualmente, o Centro de Exposições Eduardo Galvão abriga a exposição “Diversidades Amazônicas”, que é organizada em um trajeto dividido em cinco partes distintas. O primeiro trajeto, “**Origens**”, exhibe peças do acervo de paleontologia do Museu, ilustrando as transformações da Amazônia ao longo de milhões de anos até os dias atuais. O segundo trajeto, “**Ambientes**”, apresenta a diversidade ambiental da Amazônia através de uma perspectiva sensorial, utilizando mapas e imagens para explorar os variados ecossistemas da região. Em “**Espécies**”, o terceiro trajeto, são mostrados diferentes grupos de organismos encontrados na Amazônia atual, incluindo exemplares de folhas, frutos e insetos, pertencentes às coleções de Botânica e Zoologia da instituição. O quarto trajeto, “**Culturas**”, destaca aspectos culturais e estéticos das populações originárias, combinando elementos do passado e do presente, com peças das coleções arqueológicas e etnográficas do Museu, como cerâmicas e itens usados em rituais e no cotidiano. Por fim, o trajeto “**Futuro**” convida os visitantes a refletir sobre o futuro da Amazônia, discutindo os desafios e as perspectivas para a conservação e desenvolvimento sustentável da região.

Figura 25. A entrada da Exposição "Diversidades Amazônicas".



Fonte: Museu Paraense Emílio Goeldi (2024)

Figura 26. Parte do acervo sobre "Origem", Espécies" e "Ambientes" da Exposição "Diversidades Amazônicas".



Fonte: Museu Paraense Emílio Goeldi (2024)

Figura 27. Acervo sobre "Culturas" da Exposição "Diversidades Amazônicas".



Fonte: Museu Paraense Emílio Goeldi (2024)

Figura 28. Acervo sobre "Culturas" da Exposição "Diversidades Amazônicas".



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

Figura 29. Acervo sobre "Culturas" da Exposição "Diversidades Amazônicas".



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

Além da sala que abriga a exposição permanente **“Diversidades Amazônicas”**, o espaço do Museu Emílio Goeldi conta com um miniauditório com capacidade para 58 pessoas, um andar intermediário entre o térreo e o superior destinado a exposições itinerantes, e um hall no térreo (Boletim Goeldi, 2022).

Figura 30. Miniauditório do prédio Eduardo Galvão.



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

Figura 31. Exposição "Diversidades Amazônicas".



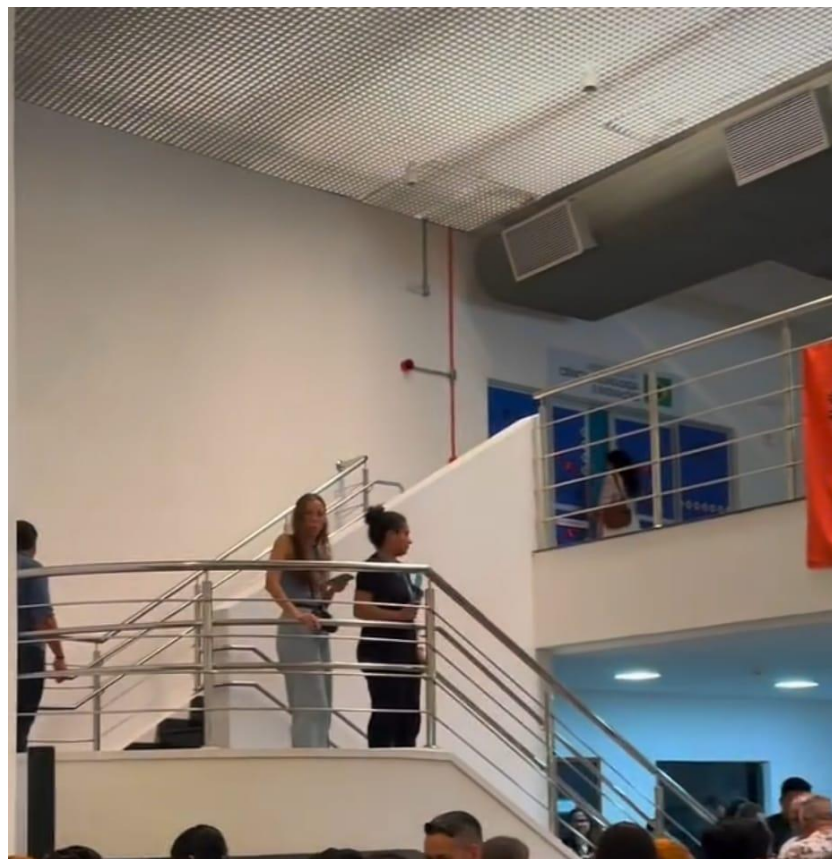
Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

Figura 32. Hall do prédio.



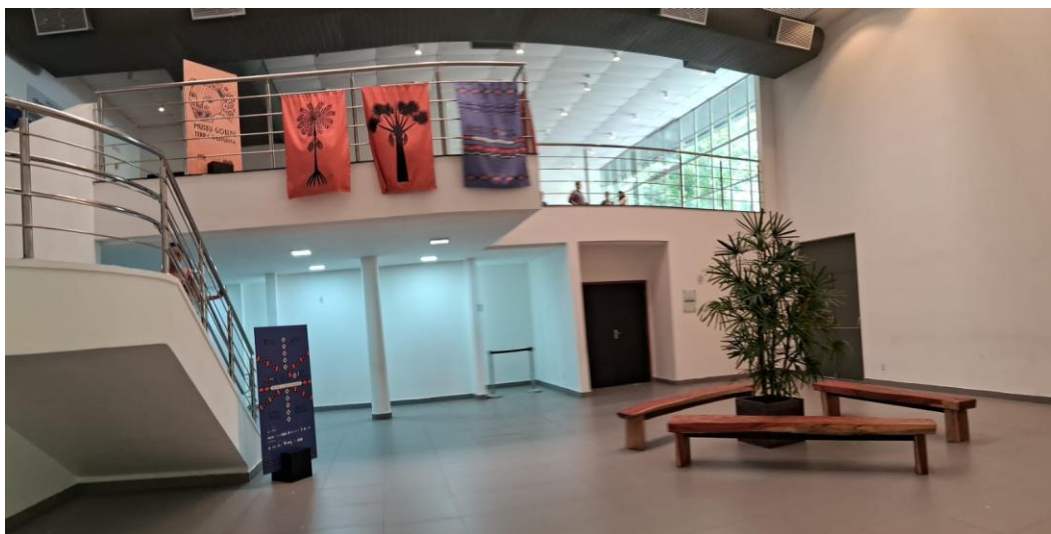
Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

Figura 33. Andar intermediário (Foto da Cerimônia de Abertura da Exposição Itinerante Nheé Porã).



Fonte: Associação Wilka Kwara (2024)

Figura 34. Hall do prédio e o andar intermediário que comporta o espaço para exposições itinerantes.



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

Além das contribuições já destacadas, o Museu Emílio Goeldi tem se envolvido significativamente no reconhecimento e delimitação de Terras Indígenas, na coordenação de grupos para a elaboração do Zoneamento Ecológico-Econômico do Pará e da BR-163, e na criação de leis estaduais importantes, como aquelas que listam as espécies ameaçadas no Pará e definem processos de vegetação secundária para gestão ambiental. A instituição também colabora com a Universidade Federal do Pará no gerenciamento costeiro, nos estudos e reconhecimento das línguas indígenas brasileiras pelo IPHAN. Nos primeiros dez anos do século XXI, pesquisadores do museu descobriram 587 novas espécies da biodiversidade amazônica, abrangendo fauna e flora (Rede Brasil Atual, 2022).

Neste contexto de relevância e impacto, este trabalho concentra-se nas coleções etnográfica e arqueológica do Museu Emílio Goeldi, que estão sob a responsabilidade da Coordenação de Ciências Humanas (COCHS). As coleções de Antropologia, Arqueologia e Linguística têm uma importância científica e social significativa, especialmente para a preservação das memórias, modos de vida e saberes dos povos indígenas e comunidades tradicionais. O acervo de arqueologia e etnologia do museu é o mais extenso em termos de artefatos e peças tombadas como Patrimônio Histórico Nacional pelo IPHAN e inclui um centro de documentação dedicado às Línguas e Culturas Indígenas da Amazônia, com registros de 80 línguas indígenas (Museu Goeldi, 2022).

Figuras 35. Exposição permanente da coleção etnográfica “Diversidades Amazônicas” do Museu Goeldi.



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

Destaca-se para esta pesquisa a Reserva Técnica Nimuendajú, um repositório fundamental que guarda um acervo etnográfico composto por mais de 15 mil objetos oriundos de 120 povos indígenas. A maior parte desses artefatos é proveniente da Amazônia brasileira, embora também haja uma menor proporção vinda da Amazônia peruana e colombiana, dos Saamacá do Suriname, e de populações tradicionais brasileiras, como quilombolas, ribeirinhos e pescadores. Um aspecto notável é a coleção de artefatos africanos que chegaram ao Brasil no século XIX, conferindo uma dimensão adicional ao acervo da reserva (Museu Goeldi, 2022). As pesquisas sobre a cultura material desenvolvidas na Reserva Técnica Nimuendajú são frequentemente resultado de projetos colaborativos com comunidades indígenas e populações tradicionais, o que reforça a importância do diálogo contínuo entre o museu e essas comunidades.

3.2 BREVE HISTÓRICO DA RELAÇÃO ENTRE O MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI E OS POVOS ORIGINÁRIOS

Anteriormente, exploramos o contexto histórico do Museu Paraense Emílio Goeldi e destacamos alguns dos contatos que a instituição teve com as comunidades indígenas. Agora, vamos nos aprofundar nessa relação, examinando detalhadamente como ela se desenvolveu e se consolidou ao longo do tempo.

Desde sua fundação, o Museu Paraense Emílio Goeldi demonstrou um interesse significativo pelas culturas indígenas da Amazônia, inicialmente centrado na coleta e catalogação de objetos. Com o tempo, o museu tentou adotar uma abordagem mais colaborativa. No entanto, essa transição ainda enfrenta desafios substanciais. Embora tenha havido esforços para incluir as comunidades indígenas em suas atividades, a colaboração entre o museu e os povos indígenas se encontra em transformação.

Em 1894, Emílio Goeldi, então diretor do Museu Paraense, redigiu um relatório impactante ao Governador Lauro Sodré. Ele enfatizou que o museu não podia ignorar os problemas que estavam captando a atenção dos etnólogos da época. Com um compromisso veemente, Goeldi prometeu que a instituição participaria ativamente na compreensão dos povos indígenas da Amazônia. Naquele período, a coleção etnográfica do museu já contava com cerca de 300 peças, refletindo a riqueza cultural da região (Arnaud, 1981).

Segundo Sanjad *et. al* (2022) no final da década de 1930, há um movimento migratório significativo para a Amazônia, forçando a ocupação dos territórios pertencentes aos povos indígenas locais, e nesse mesmo momento, ocorrem discussões acerca das formas de proteger e documentar o “patrimônio cultural” do Brasil. E sabendo do interesse de terceiros por desenvolver atividades extrativistas naquele território, surge uma mediação guiada pela agenda política entre os Mebêngôkre com o museu paraense com o intuito de preservar e controlar a sua cultura material. A ocupação de territórios indígenas não impactou apenas suas formas de vida e recursos, mas também evidenciou uma prioridade dada à exploração econômica e à segurança dos colonos sobre os direitos e interesses dos povos indígenas.

Assim, a relação inicial do Museu Paraense Emílio Goeldi com o povo Mebêngôkre pode ser interpretada como um reflexo das dinâmicas coloniais e dos interesses políticos da época. O museu, por meio de Emílio Goeldi, estava integrado ao movimento de apoio à catequização promovido pelos missionários dominicanos. Esse processo de catequização tinha como objetivo assegurar a desocupação das terras, o que facilitava as viagens e atividades dos colonos (Sanjad et al., 2022).

A relação entre o museu e o Mebêngôkre ilustra a complexidade das políticas culturais durante o período colonial. Enquanto o museu se dedicava à preservação do patrimônio cultural do Mebêngôkre, essa atribuição estava condicionada às prioridades coloniais de controle territorial e exploração econômica. A colaboração com missões para catequizar os indígenas revela como a preservação cultural era frequentemente usada como uma ferramenta de assimilação e dominação, subordinando os interesses indígenas às ambições coloniais mais amplas.

Historicamente, isso é evidenciado por Gallais (1942):

Vilanova fez com que os selvagens fabricassem objetos de uso corrente entre eles: armas, arcos, flechas, lanças, cacetes, ornamentos, braceletes de plumas, objetos de fantasia etc. Quando de sua viagem ao Pará, em 1902, levou consigo um carregamento desses produtos de arte selvagem. A municipalidade comprou-lhe tudo por 2.500 francos (Gallais, 1942).

No entanto, a aquisição da coleção foi realizada pelo Museu Paraense, que estava subordinada ao governo do estado. Esta coleção etnográfica foi criada pelo povo Irã'amranh-re. De acordo com Gallais, a origem da coleção está ligada aos esforços dos missionários. A iniciativa de Vilanova, que visava resolver a falta de recursos, não foi uma ação isolada, mas sim um reflexo do interesse dos colecionadores e do Museu Goeldi. No século XIX, os artistas etnográficos eram valorizados por sua capacidade de ilustrar os estágios primitivos da cultura humana e por representarem um passado compartilhado que, aos olhos dos europeus, reforçava sua superioridade e triunfo cultural (Sanjad *et al.*, 2022).

Figura 35. Indígenas em visita ao Museu Goeldi.



Fonte: Fotografia e data não identificados (ca. 1900). Museu Paraense Emílio Goeldi, Arquivo Guilherme de La Penha, Coleção Fotográfica, Negativo MPEG00503.

Acima temos acesso a uma fotografia da visita de indígenas da etnia Mebêngôkre ao Museu Goeldi. Segundo Sanjad *et.al* (2022) é altamente provável que a visita desses indígenas esteja intrinsecamente ligada à coleção adquirida pelo Museu Goeldi, pois logo os objetos apareceram incorporados à exposição do museu. A aquisição dessa coleção, sendo atualmente uma das maiores e mais importantes do Museu Goeldi.

A aquisição da coleção pelo Museu Goeldi e a visita dos Mebêngôkre no início do século XX estabeleceram o início de uma relação desigual entre os indígenas e a instituição. Enquanto os Mebêngôkre sofriam com a expropriação e catequização promovidas pelo Estado, o Museu Goeldi expandia suas coleções e exposições, apoiado por recursos públicos. Embora esses processos tenham ocorrido em paralelo, não foram diretamente causais, e o Museu Goeldi, ao contrário de outras instituições da época, demonstrava empatia e respeito pelos conhecimentos indígenas, sem se envolver em projetos coloniais que visavam sua submissão ou extinção (Sanjad *et.al*, 2022)

A seguir temos algumas imagens da coleção arqueológica e etnográfica do Museu Goeldi em 1902.

Figura 36. Sala de exposição da coleção arqueológica do Museu Goeldi.



Fonte: Fotografia e data não identificados (1902). Staatsarchiv des Kantons Basel-Stadt, PA 694c, A 4-3 2. Basileia, Suíça.

Figura 37. Sala de exposição da coleção etnográfica do Museu Goeldi.



Fonte: Fotografia e data não identificados (1902). Staatsarchiv des Kantons Basel-Stadt, PA 694c, A 4-3 2. Basileia, Suíça.

No cenário de conflito entre a elite agrária e os povos indígenas, as posições de Vilanova e Goeldi podem ser interpretadas como as de intermediários entre ambos os lados. Missionários e cientistas da época se viam como agentes do Estado e ao mesmo tempo como protetores dos povos indígenas, buscando assegurar sua sobrevivência física e a preservação de sua cultura por meio da documentação etnolinguística e da coleta de artefatos (Sanjad, *et.al*, 2022). Desse modo, a relação entre o Museu Goeldi e os Mebêngôkre no início do século XX foi mediada tanto por Vilanova quanto por Goeldi, dentro do contexto da expansão da fronteira agroextrativista.

Após esse primeiro período de aproximação entre o Museu Goeldi e os povos indígenas, já na década de 1930, sob a direção de Carlos Estevão de Oliveira (1880-1946), o Museu Goeldi teve uma nova aproximação com o povo Mebêngôkre (Cunha, 1989; Figueiredo, 2001). Durante um ciclo de conflitos internos e hostilidades envolvendo os Gorotire, um grupo do povo Mebêngôkre, Pedro Silva, um castanheiro local, procurou ajuda para proteger os indígenas. Silva viajou a Belém com alguns Gorotire, e Carlos Estevão solicitou apoio ao presidente Getúlio Vargas, resultando na criação de uma área no rio Fresco para os Gorotire (Cunha, 1989).

Durante essa visita, os Gorotire ficaram hospedados no Museu Goeldi e, embora não haja muitas evidências visuais ou documentais dessa estadia, o inventário de Nimuendajú de 1939-1940 menciona duas coleções Gorotire, uma delas composta por 296 objetos. É provável que esses artefatos tenham sido produzidos sob condições atípicas, com materiais fornecidos pelo museu, e que reflitam uma interação única entre os Gorotire e o ambiente do Museu (Museu Paraense Emílio Goeldi, 1940). Não foi possível determinar se Carlos Estevão pagou pela coleção ou se a obteve em troca de hospedagem e apoio ao governo federal. Acredita-se que a segunda opção seja mais provável, pois não foram encontrados registros típicos de uma compra, como recibos ou pedidos de adiantamento de verba, como era feito (Sanjad *et. al*, 2022)

Essa pode ser a primeira coleção Gorotire de considerável tamanho reunida em um museu, criada sob condições atípicas. Os artefatos foram produzidos por indígenas deslocados, utilizando matérias-primas fora de seu ambiente original e, possivelmente, influenciados por um cientista. Um exemplo é o diadema feito com penas de guará, uma ave que não ocorre nos territórios tradicionais dos Mebêngôkre, mas era mantida em cativeiro no Museu Goeldi (Sanjad *et. al*. 2012).

Figura 38. Diadema com plumas de Guará.



Fonte: Fábio Jacob (2021). Museu Paraense Emílio Goeldi, Reserva Técnica Curt Nimuendajú.

Nimuendajú, não estava em Belém na primeira visita dos Gorotire (Grupioni, 1998). No entanto ao retornar de uma viagem ao Nordeste e Sudeste, planejou uma nova expedição ao Xingu, impulsionado pela visita dos Gorotire e pelo apoio recebido. Essa expedição visava reunir dados e artefatos sobre os Gorotire, embora Nimuendajú não tenha encontrado os indígenas como esperado (Sanjad *et.al*, 2022).

O pesquisador visitou a missão fundada pelo missionário evangélico Horace Banner no rio Fresco, onde encontrou os Gorotire-Kapaíre em uma situação precária, com sua população significativamente reduzida. Ele criticou a repressão cultural imposta por Banner, que forçou os indígenas a adotarem costumes ocidentais e proibiu suas tradições. Sua tentativa de realizar estudos mais profundos foi frustrada pela repressão, resultando em uma coleção de artefatos limitada e composta, em grande parte, por itens de origem civilizada ou materiais impróprios (Sanjad *et. al*, 2022).

Apesar das dificuldades, Nimuendajú conseguiu reunir 323 artefatos, que foram distribuídos entre o Museu Nacional, o Museu Goeldi e Carlos Estevão (Nimuendajú, 1940 *apud* Hartamann, 2000, p. 279). As coleções preservadas no Museu Goeldi refletem um período crítico de transformação e repressão enfrentado pelos Mebêngôkre. E ainda segundo Sanjad *et. al* (2022):

Os artefatos carregam as cicatrizes visíveis do projeto colonial que unia colonos a missionários católicos e evangélicos nos rios Araguaia e Xingu, resultando no desaparecimento dos Irã'ãmranh-re e de alguns grupos dos Goroti Kumrenhtx (Sanjad *et. al*, 2022).

Tanto Nimuendajú quanto Carlos Estevão se opuseram às políticas missionárias, argumentando que a catequização levaria ao desaparecimento das culturas indígenas. O Museu Goeldi, nesse contexto, não colaborou com as políticas indigenistas do Estado, mas atuou como um crítico, denunciando a situação dos Mebêngôkre e defendendo a preservação de sua cultura (Sanjad *et. al*, 2022).

Figura 39. Pesquisa de Campo no Alto Xingu (Mato Grosso). Eduardo Galvão entre os Indígenas Kamayurá.



Fonte: Fotografia e data não identificados (1900). Museu Paraense Emílio Goeldi, Arquivo Guilherme de La Penha.

Os conhecimentos do povo Mebêngôkre foram fundamentais para o avanço da etnobiologia e etnoecologia nos anos 1980, especialmente através do trabalho do antropólogo norte-americano Darrell Addison Posey. (Sanjad, *et. al*, 2022).

Chegando ao Brasil em 1977, Posey desenvolveu sua pesquisa doutoral na aldeia Gorotire e, posteriormente, tornou-se pesquisador do Museu Goeldi, onde coordenou o Projeto Kayapó. Esse projeto focava nas complexas interações entre os Mebêngôkre e o meio ambiente, revelando a profunda sabedoria indígena em relação à conservação ambiental. A criação do Núcleo de Etnobiologia no Museu Goeldi, sob a liderança de Posey, marcou o início de uma nova fase de estudos interdisciplinares que integravam ciências sociais e biológicas, gerando um impacto duradouro na pesquisa etnobiológica na América do Sul (López-Garcés e Robert, 2012 e Gély, 2012).

Além de seu trabalho acadêmico, Posey teve um impacto significativo na defesa dos direitos indígenas e na evolução das práticas etnobiológicas. Seu papel na organização do

Primeiro Congresso Internacional de Etnobiologia em 1988 e na elaboração da Carta de Belém foi fundante para estabelecer um código de ética que não apenas reconheceu, mas também procurou compensar os povos indígenas pelo uso de seus conhecimentos. Este evento não só marcou uma inflexão na forma como a etnobiologia se relacionava com os conhecimentos indígenas, mas também demonstrou um compromisso mais amplo com a justiça e o respeito aos direitos dos povos originários (Posey, 1988).

A mobilização internacional de Posey e dos Mebêngôkre contra o projeto hidrelétrico Kararaô também reflete uma mudança significativa nas dinâmicas de poder e na luta pelos direitos territoriais indígenas. O protesto de 1989 em Altamira, liderado por Posey, tornou-se um marco na luta pela preservação dos direitos dos povos indígenas e destacou a importância de uma abordagem mais ética e colaborativa nas interações entre pesquisadores e comunidades locais (Sanjad et al., 2022).

Posey permaneceu no Museu Goeldi até 1992, quando se mudou para a Universidade de Oxford, onde continuou a promover a proteção dos conhecimentos indígenas em nível global. Seu trabalho no Museu Goeldi não apenas fortaleceu as alianças com os Mebêngôkre, mas também destacou a importância das lutas indígenas na arena internacional. Ao longo de sua carreira, Posey combinou ativismo político com pesquisa científica, deixando um legado duradouro de colaboração entre o Museu Goeldi e os povos indígenas da Amazônia, um esforço que continua até hoje (Sanjad, *et. al.*, 2022).

Até os anos 2000, os Mebêngôkre da Terra Indígena Kayapó enfrentavam conflitos e dependência econômica devido à exploração madeireira (Zimmerman *et al.*, 2001). Em resposta, os pesquisadores do Museu Goeldi redirecionaram seus projetos para estudar as organizações indígenas e suas práticas de manejo sustentável. A partir de 2006, a parceria com o *Institut de Recherche pour le Développement* (IRD) foi renovada, com foco em cartografia participativa e pesquisas sobre agrobiodiversidade, valorizando a diversidade agrícola e os conhecimentos tradicionais Mebêngôkre (López-Garcés e Coelho-Ferreira, 2020).

Esses esforços resultaram na criação de materiais como um livro-catálogo sobre artesanato (Kayapó *et. al.*, 2013) e uma cartilha sobre remédios tradicionais (Coelho-Ferreira e Lopez-Garcés, 2020), além do desenvolvimento do Laboratório de Práticas Sustentáveis (Sanjad, *et.al.* 2022). Esse laboratório investigou práticas de manejo ambiental e incentivou alternativas econômicas baseadas em recursos não madeireiros, respondendo às necessidades e interesses das comunidades Sanjad, *et.al.* 2022).

Após uma breve contextualização histórica entre o Museu Goeldi e os povos indígenas, observa-se que a colaboração com os Mebêngôkre evoluiu para um modelo mais participativo. Desde 1980, o Museu Goeldi incentivou a (re)apropriação cultural dos artefatos,

promovendo uma integração mais significativa dos indígenas nos processos de curadoria e definição de projetos. Essa mudança é refletida nas exposições e seminários colaborativos que demonstram um esforço contínuo para respeitar e incorporar os saberes indígenas. A reformulação na abordagem do Museu busca não apenas a preservação, mas também a promoção do patrimônio cultural e biocultural, destacando uma nova fase de colaboração mais inclusiva e respeitosa, conforme indicado por Sanjad et al. (2022).

Segundo Kruel et. al (2019) e Melo et. al (2019):

A transformação na relação entre o Museu Goeldi e os Mebêngôkre é um exemplo marcante de como a ciência antropológica pode se transformar. Inicialmente marcada por uma dinâmica desigual, a parceria se desenvolveu para se tornar um verdadeiro exemplo de colaboração. Atualmente, os projetos são elaborados em conjunto, levando em conta as demandas e prioridades das comunidades indígenas. Essa abordagem não apenas respeita e valoriza os saberes tradicionais, mas também promove uma gestão compartilhada do patrimônio que conflui em responsabilidades e benefícios para ambos (Kruel *et al.* 2019 e Melo *et al.* 2019).

A transformação na relação entre o Museu Goeldi e os Mebêngôkre oferece um exemplo significativo de como a ciência antropológica pode evoluir para incorporar princípios pós(de)coloniais. Inicialmente, essa relação era marcada por uma dinâmica desigual, na qual o conhecimento e a representação cultural eram amplamente controlados pela instituição museológica. No entanto, a parceria passou por uma reformulação substancial, movendo-se em direção a um modelo mais colaborativo.

Em vez de impor narrativas e práticas externas, o Museu agora desenvolve projetos em conjunto com os Mebêngôkre, considerando suas demandas e prioridades. Essa transformação não só reconhece a importância dos conhecimentos indígenas, mas também promove uma gestão compartilhada do patrimônio, que confere responsabilidades e benefícios a ambas as partes envolvidas.

Esse novo modelo de colaboração pode ser compreendido à luz dos estudos pós(de)coloniais, que criticam a hierarquia de poder tradicional e a marginalização dos saberes não ocidentais. A abordagem adotada pelo Museu Goeldi e os Mebêngôkre alinha-se com esses princípios, desafiando a lógica colonial que historicamente subestimou e excluiu os saberes indígenas. Ao envolver diretamente as comunidades na curadoria e na definição dos projetos, a parceria busca reverter as estruturas de poder e estabelecer um diálogo mais justo entre diferentes sistemas de conhecimento.

Portanto, a reformulação da relação entre o Museu Goeldi e os Mebêngôkre não apenas ilustra um avanço significativo na prática museológica, mas também serve como um

modelo de como instituições científicas podem se engajar com os estudos pós(de)coloniais para promover uma colaboração mais ética. Essa transformação reflete um esforço em superar a marginalização histórica e construir um melhor relacionamento para as partes envolvidas.

Ainda assim, é importante reconhecer que, apesar dos avanços, a parceria continua a enfrentar desafios inerentes a uma estrutura que ainda pode ser influenciada por legados coloniais. A integração dos saberes indígenas na preservação e promoção do patrimônio cultural evidencia uma tentativa de alinhamento com princípios pós(de)coloniais, ao mesmo tempo em que aponta para a necessidade de uma contínua reavaliação das dinâmicas de poder e representação.

Neste capítulo, abordamos a evolução da relação entre o Museu Paraense Emílio Goeldi e os Mebêngôkre, analisando como essa interação se desenvolveu ao longo do tempo. Iniciamos com uma revisão das dinâmicas coloniais que marcaram os primeiros contatos, quando o museu se envolveu em práticas de coleta e assimilação cultural, refletindo interesses de exploração e controle territorial.

A parceria atual entre o Museu Goeldi e os Mebêngôkre ilustra um esforço em direção à justiça epistemológica e cultural, promovendo uma nova abordagem nas ciências sociais e na antropologia. No entanto, é importante reconhecer que, apesar das contribuições positivas, a instituição ainda opera dentro de um projeto de modernidade que, por vezes, perpetua vestígios de colonialidade. A análise pós(de)colonial revela tanto os avanços em direção à equidade e respeito quanto os desafios persistentes na superação dos legados coloniais históricos.

3.3 RECONHECIMENTO DA ANCESTRALIDADE E MODOS “OUTROS” DE EDUCAR E VIVER: Avanços e Desafios na Relação entre o Museu Emílio Goeldi e os Povos Indígenas"

Como pesquisadora com um imenso entusiasmo pela interseção entre museus e comunidades indígenas, minhas vivências têm me interpelado a forma como interpreto o recente reconhecimento do Museu Paraense Emílio Goeldi como Território Indígena. Este marco, celebrado após 157 anos de existência da instituição, ressoa de maneira particularmente significativa para mim, dada minha trajetória acadêmica e vivências de campo que evidenciam a complexidade da integração e da reparação no contexto museológico. Esse reconhecimento provocou uma reflexão profunda sobre sua validade e real impacto.

Museu Goeldi declarado Território Indígena

Em minhas interações com alguns representantes indígenas, percebi que celebrar marcos simbólicos, como o recente reconhecimento do Parque Zoobotânico do Museu Emílio Goeldi como território indígena, é apenas um passo a mais. É determinante assegurar mudanças que realmente atendam às demandas reais das comunidades. Este reconhecimento, celebrado no primeiro dia da 17ª edição da "Primavera dos Museus" em 19 de setembro de 2023, destaca a importância de ir além dos símbolos, mas sim promover uma verdadeira incorporação. Isso é urgente!

O evento promovido pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), intitulado "Memórias e Democracia: pessoas LGBTQ+, indígenas e quilombolas", destaca a importância da representação de grupos historicamente marginalizados nos museus. Nesse contexto, a declaração de Emanuel Fernandes, coordenador da Museologia do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), ganha relevância especial: "Declarar o Museu como território indígena é um passo simbólico, significativo, que posiciona a instituição centenária como protagonista nas discussões contemporâneas sobre a democratização dos espaços, dos corpos, da ciência, da Amazônia e da Museologia. O Museu Goeldi deve transcender as limitações colonialistas e se engajar ativamente nos debates atuais, como os abordados no evento deste ano" (Museu Goeldi, 2023).

Ao reconhecer o Museu Goeldi como um território indígena, a declaração de Fernandes propõe uma reavaliação e redefinição do papel acadêmico, científico, educacional e político-social da instituição em sua relação com as comunidades historicamente excluídas. Essa medida não é apenas simbólica, mas representa um esforço para descolonizar os espaços museológicos. Ela reflete uma mudança apreciável na forma como os museus podem e devem interagir com as narrativas e perspectivas das comunidades indígenas e outras populações marginalizadas.

A ação de reconhecer o museu como território indígena simboliza uma possível direção para a descolonização dos espaços museais. Em vez de manter uma perspectiva colonialista que tem dominado as práticas museológicas por muito tempo, a valorização e a consideração de uma pluralidade de perspectivas dentro do campo museológico são essenciais. Essa transformação busca provocar e desestabilizar o lugar de fala das classes e grupos sociais dominantes, que por muito tempo foram os principais detentores da simbologia e materialidade quase natural e inquestionável (Brulon, 2020).

Dessa forma, essa abordagem busca destacar a presença de diversos agentes no processo de musealização, permitindo que essas pessoas, frequentemente marginalizadas, expressem suas próprias narrativas e experiências. Em outras palavras, pretende-se desafiar a autoridade e o monopólio dos que se consideram dominantes, que historicamente impuseram uma visão unilateral e incontestada sobre o patrimônio cultural e científico."

As fotografias a seguir documentam esses momentos significativos, demonstrando o compromisso do museu em valorizar os povos originários e a promoção de uma maior representatividade nos espaços museais. Destaca-se que a obra dessa ação simbólica é de autoria do premiado artista plástico Denilson Baniwa.

Figura 40. Conferência de Abertura e Proclamação simbólica do Parque Zoobotânico como Território Indígena.

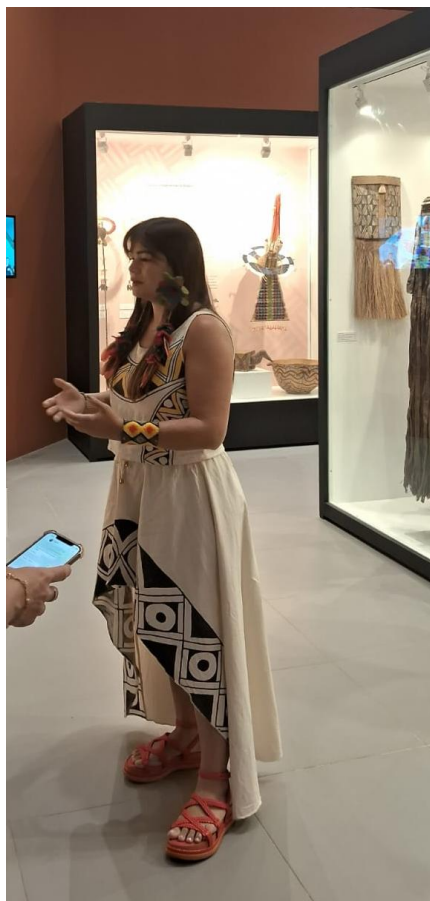


Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

Durante a palestra no auditório Eduardo Galvão, a jornalista e ativista indígena Nice Tupinambá levantou a seguinte questão: a presença de uma única indígena (que seria ela) em um evento que declarava o Museu Paraense Emílio Goeldi como território indígena, e questionando a ausência dos “parentes” no espaço. A situação destacada por Tupinambá, a presença de apenas uma representante indígena em um evento que deveria refletir a diversidade e a riqueza das comunidades indígenas, ilustra uma preocupação central na

pesquisa sobre a falta de protagonismo indígena em seus próprios espaços de memória e narrativa.

Figura 41. Nice Tupinambá no dia da declaração oficial do Museu Paraense Emílio Goeldi como Território Indígena.



Fonte: Acervo da autora

A presença de uma única representante indígena em um evento que afirma ser de espaço ou representação dos povos indígenas mesmo que simbolicamente, pode indicar uma falta de engajamento com a diversidade e a complexidade dessas comunidades. Para que os povos indígenas não apenas estejam presentes, mas também assumam papéis de liderança e decisão. A ausência de uma participação mais representativa pode levar a narrativas fragmentadas ou distorcidas.

Essa necessidade de maior inclusão e respeito não é exclusiva do Brasil. Nos Estados Unidos, museus estão devolvendo objetos culturais adquiridos de forma ilegal, muitas vezes após atos violentos contra comunidades indígenas. Embora esse processo seja lento, ele marca um avanço no reconhecimento das injustiças históricas. Como disse Myra Masiel-Zamora,

curadora da Etnia Pechanga: “Finalmente estamos sendo ouvidos – e não é uma briga, é uma conversa.” (The New York Times, 2024).

Exemplos de repatriação também podem ser encontrados fora dos Estados Unidos. O Museu Nacional da Dinamarca, por exemplo, comprometeu-se a devolver um manto sagrado Tupinambá ao Brasil, enquanto o Chile devolveu uma escultura da Ilha de Páscoa ao povo Rapa Nui após 150 anos. Essas ações, embora tardias, são passos importantes para corrigir erros históricos e reconhecer a importância da devolução como um ato de respeito e reconciliação.

No Brasil, o Museu Nacional dos Povos Indígenas, fundado por Darcy Ribeiro em 1953, está passando por uma transformação importante. Em um esforço para refletir melhor a diversidade indígena, o museu está mudando seu nome e se consolidando como um espaço de resistência e diálogo. A criação de um conselho com representantes dos diversos biomas do Brasil visa garantir que as vozes indígenas sejam ouvidas e respeitadas, segundo Fernanda Kaingáng (2024).

A relevância dessas iniciativas é ainda mais evidente quando consideramos a ausência de legislação específica que regule a musealização das culturas indígenas no Brasil. A falta de diretrizes claras é uma preocupação significativa, tanto para os povos indígenas, cujas culturas estão em jogo, quanto para os profissionais de museus, que enfrentam desafios na preservação e exposição desses patrimônios. Como observa Cury (2017), essa lacuna normativa pode levar a práticas inadequadas que não respeitam as tradições e os direitos dos povos indígenas, destacando a necessidade urgente de políticas que garantam uma abordagem ética e colaborativa na gestão de acervos culturais.

Exposição "Nhe'ẽ Porã: Memória e Transformação" no Museu Goeldi

Em fevereiro de 2024, a chegada da exposição "Nhe'ẽ Porã: Memória e Transformação" ao Museu Emílio Goeldi representa um importante marco na promoção da visibilidade e valorização das línguas indígenas do Brasil. Com curadoria de Daiara Tukano, artista indígena e mestre em Direitos Humanos, e co-curadoria da antropóloga Majói Gongora, a exposição oferece uma plataforma enriquecedora para o diálogo sobre a diversidade linguística e cultural dos povos indígenas.

Ao longo de sua permanência no Museu Goeldi, que se estendeu até julho de 2024, "Nhe'ẽ Porã" proporcionou aos visitantes uma oportunidade única de imersão nas complexidades e riquezas das línguas indígenas, contribuindo para uma compreensão mais

profunda das histórias e das identidades dessas comunidades (Museu Goeldi, 2024). A exposição não apenas celebra a vitalidade das línguas indígenas, mas também promove uma reflexão crítica sobre as questões de preservação e revitalização linguística em um contexto globalizado.

Ao promover eventos como a "Semana Nacional de Museus", a "Primavera dos Museus" e exposições itinerantes como "Nhe'ẽ Porã: Memória e Transformação", o Museu Emílio Goeldi não apenas amplia seu acervo e programação, mas também busca fortalecer seu compromisso com a representatividade e a inclusão (Museu Goeldi, 2024). Essas iniciativas representam avanços significativos na construção de uma memória coletiva que pretende refletir a diversidade e as histórias de diferentes segmentos da sociedade. No entanto, é importante analisar criticamente como essas ações contribuem para a efetiva inclusão e a representação realista dos diversos grupos sociais. A abordagem do museu pode fornecer uma compreensão aprofundada sobre seus progressos, mas também levanta questões sobre os desafios e limitações enfrentados na realização de seus objetivos de inclusão e diversidade.

Figura 42. Totem de Entrada da Exposição “Nhe'ẽ Porã: Memória e Transformação”.



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

A exposição nos convida a uma jornada íntima pela história e pelas memórias das línguas indígenas do Brasil. Por meio de uma rica coleção de objetos etnográficos, peças arqueológicas, instalações audiovisuais e obras de arte, ela nos oferece uma janela para as realidades vividas por essas culturas ao longo do tempo. Cada elemento da exposição não é apenas um item em exibição, mas uma história em si mesma, conectando-nos a territórios e experiências que vão além do material (Museu Goeldi).

A partir das vivências, do contato com a mostra, temos a chance de mergulhar nas lutas e nas resistências das comunidades indígenas, que continuam a desafiar e a enriquecer nossa compreensão do mundo até hoje. É mais do que uma simples exposição; é uma oportunidade para sentir, refletir e se conectar com as histórias e as vozes que moldam a rica exposição da diversidade cultural indígena.

Figura 43. Acervo da exposição Nhe'ê Porã.



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

As imagens capturadas da exposição "Nhe'ê Porã: Memória e Transformação" não apenas comunicam, mas provocam e desafiam. Elas são mais do que meras representações visuais; são declarações poderosas que exigem uma reflexão profunda sobre a identidade indígena e o processo da descolonização.

Na primeira imagem, onde lemos "DECOLONIZE-SE" sob a figura de um facão enraizado, somos confrontados com a dualidade de uma ferramenta que é, ao mesmo tempo, símbolo de opressão e também de resistência. O facão, tradicionalmente associado ao trabalho árduo e à luta pela sobrevivência, aqui se transforma em um emblema de renovação. A vegetação que brota do cabo sugere que a descolonização é tanto um processo de destruição

quanto de criação. Seria um chamado para cortar as amarras coloniais e permitir que novas formas de vida e pensamento floresçam? Essa imagem nos impele a olhar para dentro, a considerar nossas próprias responsabilidades no processo de descolonização, sugerindo que a verdadeira mudança começa em cada um de nós.

O imperativo "DECOLONIZE-SE" nos coloca frente a frente com a ideia de que a descolonização é uma responsabilidade que transcende o coletivo e penetra profundamente no âmbito individual. Isso nos leva a questionar como essa responsabilidade se manifesta no cotidiano: quais atitudes e práticas podemos adotar para contribuir efetivamente com esse processo? Estamos realmente preparados para desconstruir as narrativas que internalizamos, confrontando as partes mais incômodas e dolorosas de nossa história e identidade?

Esses questionamentos nos atravessam, exigindo uma reflexão sobre o que significa descolonizar no nível pessoal. Será que estamos dispostos a reexaminar nossos privilégios e as formas sutis em que perpetuamos estruturas coloniais? Como podemos, em nossas ações diárias, tanto grandes quanto pequenas, começar a desfazer as amarras do colonialismo, promovendo uma mudança significativa? O chamado para "descolonizar-se" não é apenas uma exigência externa, mas um convite a uma profunda introspecção e transformação.

Nas outras duas imagens, a representação de onças e a afirmação "BELÉM TERRA INDÍGENA" evocam uma conexão visceral entre o território e a cultura indígena. As cores fortes e os traços marcantes não apenas capturam o olhar, mas também o espírito de uma terra que, apesar de séculos de colonização, ainda pulsa com a presença e a resistência dos povos originários. A onça, com sua força e majestade, simboliza a resistência feroz, enquanto a declaração de Belém como terra indígena ressoa como uma reivindicação de espaço e identidade. É um lembrete de que a terra, tal como a cultura, não é estática; ela carrega as marcas do passado e as esperanças do futuro.

Essas imagens não permitem que o espectador permaneça indiferente. Elas clamam por reconhecimento, por um olhar crítico e por uma ação transformadora. Na simplicidade de suas formas, há uma complexidade de significados que nos desafia a reconsiderar nossa compreensão da história, da cultura e das dinâmicas de poder. Elas são um convite, ou melhor, uma convocação, para que nos envolvamos ativamente na descolonização de nossas mentes, nossas comunidades e nossos espaços culturais.

Nesse contexto, as palavras da pesquisadora Maria Paula Meneses (2023) ressoam profundamente: "Este é um processo em que é importante reconhecer a nossa ignorância, aceitar ser capaz de aprender com outras estruturas teóricas, com outros contextos, para descolonizar e libertar as nossas mentes." Sua afirmação nos lembra que a descolonização é

um caminho de aprendizado contínuo, onde devemos estar abertos a novas perspectivas e dispostos a questionarem as bases sobre as quais construímos nossas percepções do mundo.

Para a exposição itinerante, houve algumas adições muito especiais que fazem parte das coleções de arqueologia e etnografia, destacando a riqueza do acervo sobre a Amazônia. Entre as novidades, pode-se encontrar botoques, que são adornos usados para alargar o lábio inferior, e tembetás, peças de quartzo que se colocavam sob os lábios, cada uma com suas próprias cosmovisões e significados.

Figura 44. Acervo da Exposição.



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

Ao observar a imagem da exposição, o espectador é imediatamente confrontado com a pergunta "QUEM CIVILIZA QUEM?", que ressoa como uma provocação às narrativas coloniais que, durante séculos, desumanizaram e marginalizaram os povos indígenas. As fotografias históricas expostas retratam indígenas rotulados com termos pejorativos, como "botocudo", acompanhados de descrições que os reduzem a estereótipos de "ferozes", "primitivos" e "rebeldes". É impressionante perceber como essas representações visuais e linguísticas foram deliberadamente utilizadas para justificar a violência colonial, desde as chamadas "guerras justas" até a expropriação de terras e o genocídio.

O texto abaixo das imagens leva o observador a refletir sobre como essas terminologias foram empregadas para diminuir a humanidade dos povos indígenas e para legitimar a brutalidade que lhes foi imposta. A exposição não apenas denuncia o racismo histórico, mas também provoca uma reflexão crítica sobre as narrativas que ainda persistem e continuam a marginalizar os povos indígenas na sociedade atual.

Essa parte da exposição faz questionar o conceito de "civilização", que foi distorcido para servir aos interesses coloniais, apresentando os colonizadores como portadores de uma suposta superioridade cultural. A pergunta "QUEM CIVILIZA QUEM?" obriga a desconstruir essa ideia, revelando que, enquanto os colonizadores se viam como agentes civilizadores, estavam, na verdade, impondo um sistema de dominação que devastava culturas inteiras.

Ao refletir sobre essas imagens, torna-se evidente que a exposição não se limita a recuperar a história dos povos indígenas; ela desvela sua resistência e resiliência. Apesar da violência e das tentativas de apagamento, essas comunidades não apenas preservaram, mas continuam a revitalizar suas tradições e conhecimentos. Esse encontro desafia o espectador a questionar as narrativas que sempre considerou verdadeiras, incentivando-o a reconhecer as vozes e culturas que foram silenciadas por tanto tempo.

Figura 45. Acervo da Exposição.



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

A imagem retrata uma vitrine ainda da exposição "Nhe'ê Porã: Memória e Transformação", onde diversos artefatos indígenas são exibidos, destacando a riqueza cultural das comunidades representadas. Um dos itens mais fascinantes é um banco esculpido em quartzo, que na cosmovisão Tukano está intimamente ligado à avó do universo, Yepário. Esse banco vai além de sua função estética; é um símbolo tangível do profundo respeito e da conexão espiritual que os Tukano mantêm com seus ancestrais e o cosmos (Museu Goeldi, 2024). Ao contemplá-lo, somos convidados a sentir a reverência que os Tukano têm por suas tradições e a entender a riqueza de sua visão de mundo.

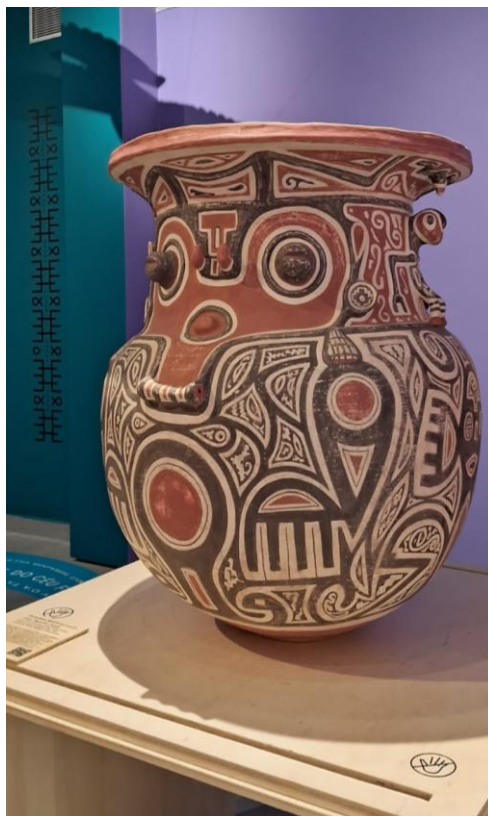
Na mesma vitrine, centralizados, estão instrumentos musicais como uma flauta e um chocalho, que sublinham o papel da música na vida indígena. Esses instrumentos não apenas animam cerimônias e rituais, mas também servem como meio de comunicação com o sagrado, além de proporcionar entretenimento.

À direita, pequenos recipientes e objetos utilitários revelam o cotidiano dessas comunidades, mostrando a habilidade técnica e o conhecimento envolvidos na criação de utensílios que são, simultaneamente, funcionais e esteticamente refinados. Quando expostos em um contexto museológico, esses itens adquirem novas camadas de significado, frequentemente distanciadas de seus usos e significados originais. Esse processo de descontextualização, descrito por Roque (2012), desafia a memória e a percepção desses objetos, que ao serem inseridos no museu, perdem parte de sua conexão com o contexto cultural e funcional de origem.

Portanto, é fundamental que a exposição de tais artefatos vá além da mera descrição estética, envolvendo uma análise crítica que considere como a descontextualização e recontextualização impactam a preservação e a interpretação das culturas representadas.

Na exposição "Nhe'ẽ Porã: Memória e Transformação", também estava em exibição a réplica de uma urna funerária marajoara, que nos oferece uma janela para as práticas e rituais dos antigos habitantes da região (Museu Goeldi, 2024). Essa urna transcende seu valor como mero artefato histórico; ela atua como um elo direto com os sentimentos, crenças e tradições dos povos que habitaram essa região há séculos. Ao contemplar essa peça, somos transportados para um tempo em que a vida e a morte eram envoltas em simbolismo e profundo respeito. A urna revela a espiritualidade e os rituais que permeavam a existência dessas comunidades, permitindo-nos vislumbrar a profundidade e a beleza de suas tradições funerárias. Somos convidados a refletir sobre a continuidade da vida e as maneiras pelas quais, ao longo dos tempos, os seres humanos têm buscado significado e consolo diante da mortalidade.

Figura 46. Réplica da Urna Funerária Marajoara.



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

Cada um desses artefatos é muito mais do que um simples item de coleção, eles são fragmentos vivos da história e da cultura indígena. Eles nos convidam a explorar e a nos conectar profundamente com as tradições e crenças que ainda vibram fortemente nos dias de hoje (Museu Goeldi, 2024). A exposição não é apenas uma mostra de peças indígenas; é uma oportunidade única de vivenciar e entender a riqueza cultural que esses itens representam. Ao percorrer a exposição, somos convidados a mergulhar nas histórias, nos significados e na vitalidade das sociedades indígenas, celebrando sua resiliência e continuada influência no mundo contemporâneo.

No entanto, para que essa experiência seja verdadeiramente enriquecedora:

Os museus, de maneira crítica, reflexiva e colaborativa, devem integrar contranarrativas que desafiem preconceitos e racismos nas histórias que apresentam. É essencial reconhecer que os povos indígenas têm o direito não apenas de elaborar os discursos históricos que os envolvem, mas também de enfrentar e desconstruir visões estereotipadas sobre suas histórias. Urge criar, de forma coletiva, oportunidades para que os indígenas possam ser, nos museus, os protagonistas e curadores de suas próprias memórias (Lima, 2023).

Dessa forma, a exposição se transforma em um espaço de diálogo e aprendizado mútuo, onde a voz e a perspectiva indígena são valorizadas, proporcionando ao visitante que possa experienciar um encontro mais próximo da realidade das culturas que estão sendo ali representadas.

Abaixo, encontramos mais artefatos que integram o acervo da Exposição Itinerante “Nhe’ê Porã: Memória e Transformação”, composta por uma seleção criteriosa de peças indígenas carregadas de significados culturais e históricos profundos. Esses objetos, além de documentarem as práticas e crenças das comunidades indígenas, nos convidam a uma reflexão sobre a riqueza e diversidade dessas culturas, bem como sobre os desafios e oportunidades de sua preservação e reinterpretação no ambiente museológico.

Figura 47. Parte do acervo da Exposição Nhe'e Porã (Maracá, copo de cachaça).



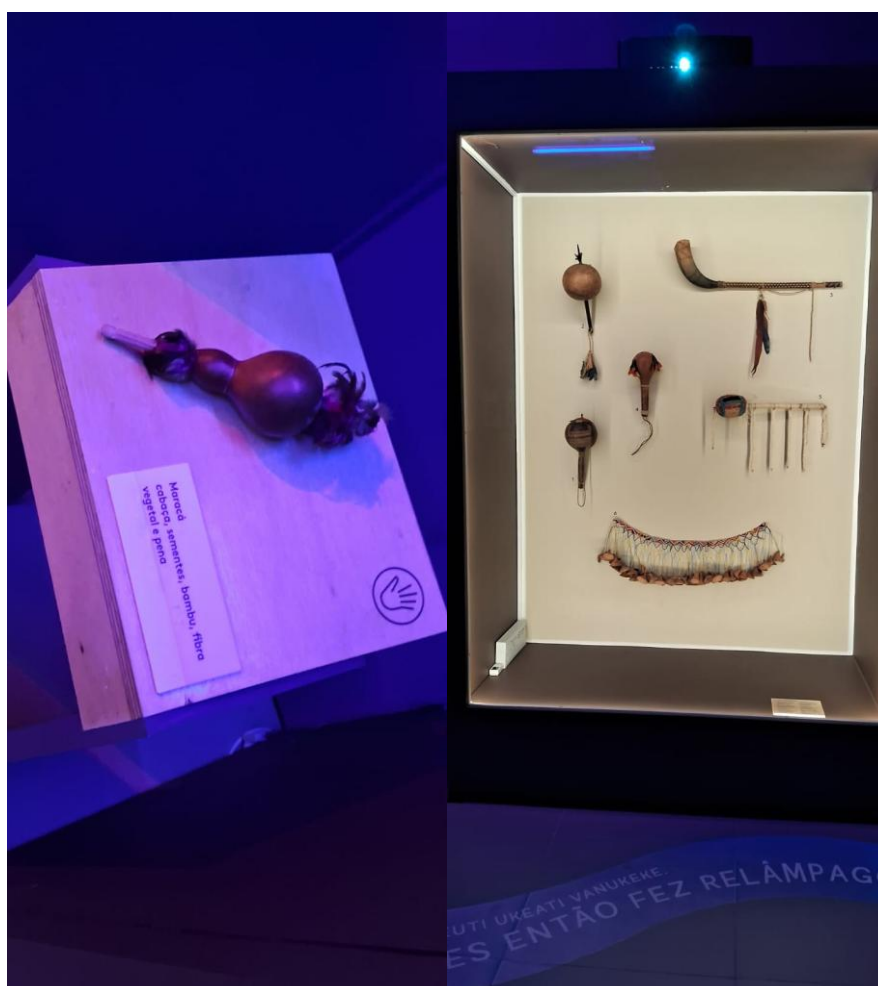
Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

Figura 48. Mapa tátil das Terras Indígenas reconhecidas no Brasil (acervo da Exposição Nhe'e Porã).



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

Figura 49. Maracá e instrumentos musicais indígenas (acervo da Exposição Nhe'e Porã).



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

Figura 50. Ilustração (acervo da Exposição Nhe'e Porã).



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

A imagem acima, intitulada "**Línguas Perigosas**" convida à reflexão sobre a relação entre poder, linguagem e colonialismo. No centro da composição, há uma figura feminina em estilo clássico, adornada com um cocar indígena sobreposto, cercada por palavras que evocam conceitos de violência e dominação, como "genocídio", "censura" e "aniquilamento". Essa justaposição de símbolos revela o embate entre culturas e a tentativa de silenciamento das vozes indígenas.

O texto explicativo na parte inferior da imagem aborda o uso da perseguição às línguas indígenas como uma estratégia colonial para fragilizar os povos originários e deslegitimar sua ocupação territorial. Ele destaca que muitos indígenas foram forçados a abandonar suas línguas maternas, uma imposição violenta que minou suas identidades culturais. O castigo para aqueles que resistiam ao aprendizado do português incluía a censura, o espancamento e, em alguns casos, a morte.

Sob a perspectiva decolonial, essa imagem expõe o **epistemicídio**, a destruição sistemática dos saberes indígenas e a imposição de uma única visão de mundo colonial, que

marginalizava e silenciava as expressões culturais e linguísticas dos povos originários. A imposição do português como língua dominante é apresentada como uma forma de exclusão e controle, refletindo a hierarquização e a marginalização das culturas locais no período colonial.

A ideia de que o português se tornou "uma língua perigosa" para os povos originários subverte a narrativa tradicional de que essa língua seria apenas um instrumento de unificação ou progresso. O texto revela, em vez disso, que **o português foi uma ferramenta de dominação** e assimilação forçada, utilizada para suprimir a diversidade cultural e linguística das populações indígenas. No contexto decolonial, essa crítica destaca a necessidade de reavaliar o papel da linguagem como parte do projeto colonial de opressão, mas também como um ponto de resistência e revalorização das línguas indígenas.

A imagem, assim, reforça a importância de **descolonizar as práticas e discursos museológicos**, promovendo o reconhecimento e a revitalização das línguas e saberes indígenas como elementos centrais para a resistência e a autonomia cultural.

Para concluir a reflexão sobre os elementos da Exposição Itinerante “Nhe’ẽ Porã: Memória e Transformação”, é essencial reconhecer que as peças apresentadas não apenas preservam a memória, mas também nos conectam às vivências atuais dos povos indígenas. Esses artefatos nos fazem repensar o papel dos museus hoje, alinhando-se às discussões promovidas em março de 2024 pelo Museu Goeldi.

Atividades do “Museu Goeldi Terra Indígena”

Em março de 2024 ocorreram atividades do Museu Goeldi Terra Indígena. Durante essa programação especial, a palestra intitulada “Museu Goeldi Terra Indígena: quando a cidade invade a aldeia, ministrada pelo presidente da Associação Nacional Multiétnica Wika Kwara, Kwahary Tenetehar, em que destacou a necessidade de enxergar o museu não apenas como um repositório de objetos do passado, mas como um território vivo, onde múltiplas culturas, línguas e tradições se expressam e coexistem. Ao avançar com a pesquisa, essa visão plural destaca a pluralidade de povos, línguas e culturas que coexistem, atravessam e se expressam no museu.

Figura 51. Atividade “Museus Goeldi Terra Indígena: quando a cidade invade a aldeia, ministrada por Kwahary Tenetehar.



Fonte: Museu Paraense Emílio Goeldi (2024)

A programação contou também com a Pajelança Ancestral, guiada pela Associação Nacional Multiétnica Wika Kwara, que envolveu os participantes em um ritual espiritual, resgatando a conexão com suas raízes ancestrais. Em seguida, a performance "Meu corpo, meu território" ofereceu uma reflexão profunda sobre a relação entre o corpo e a terra indígena, aproximando o público da essência da identidade e do território indígena.

Figura 52. Pajelança realizada pela Associação Wika Kwara



Fonte: Lyandra Matos (2024)

A programação também incluiu uma roda de conversa em torno do relançamento do álbum bibliográfico **“Guerreiras da Ancestralidade”**. O evento reuniu as coautoras Claudia A. Flor de Maria, Joana Chagas, Kawacy Wajãpi e Marcia Kambeba, todas integrantes do Coletivo Nacional Mulherio das Letras Indígenas. Durante a conversa, compartilharam histórias poderosas de resistência e força, que ressoaram profundamente e inspiraram os participantes.

Figura 53. Lançamento do livro “Guerreiras da Ancestralidade” no Museu Goeldi em 2024



Fonte: Museu Paraense Emílio Goeldi (2024)

Além disso, a programação incluiu a exposição e venda de acessórios, objetos e pintura corporal, proporcionando aos visitantes uma oportunidade significativa de explorar aspectos da cultura indígena. Esse espaço não apenas apresentou as tradições e conhecimentos dos povos originários, mas também facilitou uma interação enriquecedora e um aprendizado aprofundado. O evento destacou a diversidade e a profundidade cultural das comunidades indígenas, promovendo uma experiência de imersão e reflexão sobre a importância dessas práticas culturais.

Figura 54 Vendas de objetos, acessórios e pintura corporal como parte da programação do evento



Fonte: Museu Paraense Emílio Goeldi (2024)

Vivências e Reflexões: Impressões Sobre o Museu Paraense Emílio Goeldi e o Protagonismo Indígena

Durante a pesquisa, tive a oportunidade de observar de perto as complexas interações entre o Museu Paraense Emílio Goeldi e as comunidades indígenas. Essa experiência não só ampliou meu entendimento sobre essas relações, mas também me levou a refletir profundamente sobre a necessidade de uma colaboração mais efetiva. As reflexões de Nice Tupinambá durante a declaração simbólica do museu como Território Indígena reforçaram essa percepção, evidenciando a importância de colocar as vozes indígenas no centro dos processos museológicos.

A clareza desse entendimento se aprofundou durante a preparação da exposição "Nhe'ê Porã", um momento especialmente inspirador. Ver Daiara Tukano, uma artista indígena, na curadoria da exposição, revelou um caminho promissor para a transformação museológica, fundamentado na colaboração direta com as comunidades indígenas. Isso reforçou a convicção de que permitir que essas comunidades contem suas próprias histórias não apenas enriquece nossa compreensão do mundo, mas também nos torna mais conscientes e receptivos à diversidade cultural.

Essa ideia de transformação cultural, por sua vez, é amplamente refletida no trabalho do artista indígena amazônico Denilson Baniwa. O artista exemplifica de maneira contundente como a resistência indígena pode catalisar mudanças significativas nas instituições culturais. Seu trabalho confronta as construções e o impacto dos museus e das cidades sobre os territórios indígenas, revelando os sistemas de despossessão e preconceito que permeiam essas instituições desde seus primeiros dias. Um exemplo disso é sua performance-protesto na 33ª Bienal de São Paulo, onde rasgou uma cópia da edição *pocket* de *The Short Story of Art* diante de fotografias do povo selk'nam, criticando a invisibilidade da arte indígena na narrativa artística dominante. Ao afirmar que a história da arte é "tão pequena" que não reconhece a arte indígena, Baniwa denuncia a marginalização sistemática das culturas indígenas nas instituições culturais (Baniwa, 2018).

As críticas de Baniwa às instituições culturais não se limitam à performance; elas também se manifestam em suas intervenções artísticas, como as instalações "Amáka" e "Pequenas crônicas de uma cidade-memória". Essas obras oferecem uma análise profunda de como os museus e cidades perpetuam a violência epistêmica e o saque histórico. "Amáka", parte do projeto Véxoa na Pinacoteca de São Paulo, e "Pequenas crônicas de uma cidade-memória", exibida no Museu de Arte do Rio, demonstram como Baniwa utiliza sua arte para desafiar as narrativas dominantes e propor novas formas de compreensão e expressão. Isso nos leva a considerar o impacto dessas intervenções no contexto do Museu Paraense Emílio Goeldi, onde a resistência dos povos originários se torna um impulso para mudanças.

No caso específico do Museu Paraense Emílio Goeldi, as intervenções de Baniwa sublinham a importância de reconhecer a agência dos povos originários como um elemento propulsor para a transformação das práticas museológicas. A resistência indígena não só desafia as estruturas coloniais dos museus, mas também abre espaço para novas formas de conhecimento e representação. Ao integrar a análise do trabalho de Baniwa com a discussão sobre o Museu Goeldi, podemos aprofundar nossa compreensão das transformações em curso, revelando como a resistência ativa e contínua dos povos originários está moldando a prática

museológica contemporânea e forçando instituições como o Goeldi a se reconfigurarem diante das pressões externas.

Essa necessidade de reconfiguração torna-se ainda mais evidente quando consideramos a relação dinâmica e contínua entre o Museu Goeldi e as comunidades indígenas. O museu, mais do que um espaço de memória, é um campo de poder, refletindo as múltiplas forças sociais que o moldam e transformam ao longo do tempo (Tolentino, 2018). Essas observações e experiências adquiridas ao longo desta pesquisa destacam a necessidade urgente de reformular as práticas museológicas, colocando as vozes e presenças das comunidades indígenas não apenas como uma inclusão, mas como o núcleo central da experiência museal.

A centralidade das vozes indígenas ressoa com as reflexões de Denilson Baniwa sobre a preservação da memória. Baniwa nos desafia a considerar formas alternativas ao colecionamento tradicional, sugerindo que a memória pode ser mantida de maneira mais dinâmica e viva, assim como a terra preta de índio, que ele descreve como uma "memória viva" e uma biblioteca que existe há milênios (Baniwa, 2021b). Ao utilizar os museus, instituições historicamente excludentes, como plataformas para expor o trabalho indígena, Baniwa se esforça para desafiar e subverter as normas dominantes de representação.

Por fim, integrar essas perspectivas indígenas e reavaliar as práticas museológicas não busca apenas corrigir uma exclusão histórica, mas também transformar o Museu Emílio Goeldi em um espaço verdadeiramente inclusivo.

3.4 EDUCAÇÃO MUSEAL, MEMÓRIAS E POVOS INDÍGENAS

Em 2014, ocorreu na cidade de Belém-PA, o Encontro Nacional do Programa Nacional de Educação Museal (PNEM), visando definir os princípios e parâmetros para a criação e posteriormente a implementação da Política Nacional de Educação Museal (IBRAM, 2014).

Todavia, primeiro se faz necessário compreender o que se configura como Museu, e segundo a nova definição estabelecida pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM):

O Museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus promovem a diversidade e a sustentabilidade. Atuam e se comunicam de forma ética, profissional e com a participação das comunidades, oferecendo experiências variadas de

educação, entretenimento, reflexão e compartilhamento de conhecimento (ICOM, 2022).

A nova conceituação ocorreu em agosto de 2022, em Portugal, durante a 26ª Conferência Geral do ICOM, em que se propunha ampliar o conceito de Museu, já que foi um processo de construção colaborativa envolvendo profissionais de todo o mundo. A definição de museu proposta pelo ICOM (2022) apresenta avanços significativos ao caracterizar os museus como instituições permanentes, sem fins lucrativos, que servem à sociedade, promovem a diversidade e a sustentabilidade, além de se comprometerem com a acessibilidade, inclusão e participação comunitária. Esse entendimento moderno amplia o papel dos museus, ao reconhecer que eles não apenas colecionam e conservam patrimônio material e imaterial, mas também têm o dever de atuar de forma ética e profissional, oferecendo experiências que vão desde a educação e reflexão até o entretenimento e o compartilhamento de conhecimento.

Apesar desses avanços, a nova conceituação ainda enfrenta desafios e limites, especialmente ao considerarmos as desigualdades globais na produção e circulação de conhecimento entre o Norte Global e o Sul Global. Embora a definição promova a inclusão e a diversidade, muitos museus ainda operam dentro de uma estrutura de poder que historicamente privilegiou as vozes do Norte Global. As coleções e exposições, em muitos casos, refletem perspectivas eurocêntricas e coloniais, que continuam a moldar a narrativa, mesmo quando há esforços para incluir outras histórias e vozes.

Essa dinâmica de poder é particularmente evidente na maneira como artefatos e saberes do Sul Global foram apropriados por instituições do Norte, sem a devida restituição ou reconhecimento. Museus de países historicamente colonizadores ainda abrigam coleções obtidas por meio de exploração colonial, o que cria uma tensão entre a promessa de inclusão e a realidade das práticas museológicas. Além disso, a desigualdade no acesso a recursos tecnológicos e financeiros dificulta a implementação plena de práticas inclusivas e sustentáveis, principalmente para museus localizados no Sul Global, que enfrentam desafios estruturais maiores.

Portanto, embora a definição do ICOM represente um importante progresso, ela precisa ser complementada por uma interpretação crítica das relações de poder que moldam o campo museológico. Para que os museus possam, de fato, promover um bom diálogo entre as partes envolvidas, é necessário repensar as estruturas que perpetuam essas desigualdades, assegurando que instituições do Sul Global sejam reconhecidas como coautoras na produção e circulação de conhecimento, e não apenas como objetos de políticas inclusivas.

Além disso, é necessário refletir sobre a perspectiva que se deseja imprimir no trabalho museológico e o que se busca desvelar em termos de educação mediada pelos museus. A educação é uma função central de qualquer museu, indo além da preservação, conservação e comunicação de acervos. É por meio da ação educativa que os museus exercem seu papel transformador, interpretando cultura e memória e contribuindo para a construção de uma sociedade mais crítica e consciente (IBRAM, 2023).

Nesse contexto, o pensamento de Ramos (2004) é relevante ao apontar o museu como "um espaço que expõe objetos intermediados pelos processos comunicativos que estão presentes desde a seleção das peças até a ordenação das exposições", podendo ser utilizado tanto para doutrinação quanto para estimular a reflexão crítica. Esse conceito revela a natureza dialética do museu, visto que ele é atravessado por contradições, conflitos de interesse e relações de poder. Ou seja, o museu não é um espaço neutro ou "inocente", mas sim um local onde escolhas curatoriais refletem influências sociopolíticas e disputas de narrativas.

Ao destacar essa visão dialética, Ramos nos leva a entender o museu como um ambiente de negociação e contestação, no qual as exposições não apenas preservam ou apresentam objetos, mas também constroem discursos que podem reforçar ou desafiar estruturas de poder. Dessa forma, os processos comunicativos dentro do museu revelam tanto os interesses que o moldam quanto as oportunidades para promover uma reflexão crítica sobre esses mesmos interesses.

A partir disso, podemos refletir sobre a utilidade dos museus na sociedade. De acordo com Franco (2019), os museus são espaços de reflexão e diálogo com diferentes públicos. Longe de serem neutros, eles se configuram como lugares de discussão, resistência e ruptura de preconceitos, reconhecendo as transformações sociais e promovendo o respeito às diferenças.

Desse modo, os museus, por meio de sua gestão e práticas, refletem posicionamentos que vão além da simples preservação de artefatos; eles se tornam arenas de disputa onde diferentes grupos buscam legitimar suas narrativas e tornar suas concepções hegemônicas. Esses espaços não são neutros, mas campos de relações de poder, nos quais em que decisões sobre o que preservar e como exibir influência profundamente nossa compreensão da cultura e da história.

Oliveira (2011) pondera que:

Os silenciamentos na história, portanto, não ocorrem por falta de evidências, mas pelo modo como os vestígios do passado são selecionados e organizados, muitas vezes sob a influência de quem detém o poder. Ao enterrar conflitos, minimizar

diferenças e promover consensos convenientes, esses grupos acabam moldando a política e a memória coletiva, perpetuando sua dominação (Oliveira, 2011).

Essa reflexão se aplica diretamente ao Museu Paraense Emílio Goeldi, que, como tantas outras instituições, está imerso em dinâmicas de poder. Esse cenário se torna evidente quando Nice Tupinambá, em um evento que proclama o Museu Goeldi como território indígena, destaca que era a única pessoa indígena presente. Seu questionamento expõe uma tensão entre a intenção declarada de valorizar a presença indígena e a prática efetiva de inclusão. Isso revela as complexas e desiguais relações de poder que ainda permeiam a gestão e as representações dentro do museu.

Segundo Hein (2011), a função educativa dos museus remonta a tempos antigos, mas apenas no século XX foi formalmente reconhecida como uma função especializada. A partir desse reconhecimento, surgiram diferentes concepções de educação museal, que se aproximam e se conflitam conforme variam os contextos históricos e culturais. Essas concepções vão desde abordagens tradicionais, focadas na transmissão de conhecimento por meio da preservação de objetos e acervos, até concepções mais críticas, que envolvem a mediação e o diálogo entre museu e público, levando em conta a diversidade de perspectivas.

Nesse cenário, discutir a educação museal sob a ótica do Sul Global é essencial para refletir e valorizar saberes historicamente silenciados pelas relações desiguais de poder. Esse conceito vai além de uma delimitação geográfica, referindo-se a grupos marginalizados nos processos de produção e circulação do conhecimento, cujas vozes foram restauradas por estruturas coloniais, capitalistas e patriarcais.

A educação museal, nessa perspectiva, não segue um modelo único, mas se apresenta como um campo de disputas e ressignificações. Seu propósito é ampliar a participação de comunidades historicamente oprimidas, como as indígenas, promovendo o reconhecimento de seus saberes. No entanto, é fundamental manter o debate aberto, evitando abordagens fixas que limitem a diversidade de experiências e interpretações.

Para embasar essa discussão, a referência do conceito de Sul Global é do autor Boaventura de Sousa Santos (2014), que explora as relações de poder e a colonialidade do saber. É a partir desse referencial que se busca promover a emergência de memórias e saberes que foram historicamente silenciados, reconfigurando o papel educativo dos museus para que eles se tornem espaços de resistência e transformação social.

Historicamente, há registros de espaços que desempenhavam funções semelhantes às dos museus atuais, indicando a importância da memória tanto para indivíduos quanto para

sociedades. Desde o século XIX na Europa, e com maior ênfase no Brasil no século XX, os museus se consolidaram como ferramentas fundamentais para a preservação e mediação das memórias coletivas. Nesse sentido, Candau (2012) aponta para um "crescimento exagerado da função da memória" em nossa era, ressaltando o papel central dos museus na contemporaneidade.

Atualmente, os museus enfrentam um campo de interesses diversificado, fortemente influenciado pelo neoliberalismo, o que resulta em uma crescente profissionalização e uma ênfase no mercado e no entretenimento. Apesar disso, as instituições museológicas têm expandido seu papel ao não se limitarem ao acúmulo e exibição de objetos, mas também ao se dedicarem à interpretação da cultura, memória e educação. Elas buscam fortalecer a cidadania, respeitar a diversidade cultural e promover a inclusão e o bem-estar social (Brasil, 2009). Essas mudanças refletem uma tentativa de equilibrar as demandas do mercado com um compromisso mais profundo com a função educativa e social dos museus.

Entretanto, o processo de modernização no Brasil não rompeu com o colonialismo, o racismo e o patriarcado; ao contrário, esses sistemas foram incorporados e amalgamados, resultando em uma modernidade peculiar e profundamente enraizada nessas estruturas. O diálogo com teorias pós e decoloniais torna-se essencial para uma reflexão crítica desse processo histórico.

Um dos efeitos da colonização foi a destruição material e cultural dos povos indígenas, contribuindo para o apagamento de suas memórias e identidades. Ailton Krenak (2020) nos provoca com questões fundamentais: Por que as narrativas de povos não ocidentais não nos entusiasmam? Por que suas histórias são apagadas em favor de uma narrativa ocidental hegemônica? Conforme Le Goff (1984), aqueles que dominam as sociedades também se tornam os "senhores da memória e do esquecimento", manipulando a memória coletiva para consolidar seu poder. Ou seja, os silenciamentos e esquecimentos na história são ferramentas de dominação, e os museus, como agentes dessa memória, precisam reconhecer suas responsabilidades na perpetuação ou contestação dessas narrativas hegemônicas.

E partindo dessas inferências em lugares de memórias já existentes, mesmo que um entre em extinção, outros lugares de memória surgem e surgirão, formando novas memórias e se configurando como um novo espaço de memória, que foi uma das implicações da colonização. Segundo Pierre Nora (2009), devido a rápida ascensão de diversas formas de memória entre minorias, nas quais recuperar o passado é fundamental para afirmar a identidade. Muitas vezes, a memória dessas minorias está vinculada a três tipos de descolonização: a descolonização global, que permitiu a sociedades anteriormente oprimidas

pela colonização desenvolverem uma consciência histórica e recuperar ou criar suas memórias; e, nas sociedades tradicionais ocidentais, a descolonização interna das minorias sexuais, sociais, religiosas e provinciais, que, por meio da integração, vê a afirmação de suas memórias como um elemento central de sua identidade.

Diante disso, é importante salientar o que se compreende por memória. Segundo Le Goff (1992, p. 250):

A memória é um elemento essencial diante do que conhecemos como identidade, seja ela individual ou coletiva, porém a memória coletiva não se trata somente de uma conquista, mas também de um instrumento e de um objeto de poder. Assim, é importante que a memória coletiva ou social seja para a libertação e não para a servidão dos homens (Le Goff, 1992, p. 250).

À vista disso, é importante pensar também acerca dos lugares de memória, que constituem as características do museu. Pierre Nora (1993, p. 13) destaca três características que constituem o “lugar de memória”:

- (1) O lugar de memória é material (museus, arquivos, cemitérios, coleções, comemorações, monumentos, jornais etc. (2) O lugar de memória é funcional, uma vez que garante a cristalização da lembrança e, posteriormente sua transmissão. (3) O lugar de memória é simbólico, sendo um acontecimento vivenciado ou vivido por um determinado grupo de pessoas, que na maioria das vezes não estão mais vivas, trazendo uma representação para uma parte maior de pessoas que não vivenciaram o acontecimento. Destarte, os lugares de memória são espaços que insistem em perpetuar sua existência, e se tornando um reflexo da possibilidade do esquecimento (Nora, 1993, p. 13).

Dessa forma, é importante pensar “qual o lugar que os povos indígenas estão ocupando nesses espaços?”. Os museus são dispositivos de discursos que tendem a reproduzir o que de certa forma foi consequência da sobreposição da história do colonizador diante da do colonizado, colaborando para a ausência das narrativas, memórias e saberes dos povos originários nesses espaços. Segundo Nora (2009), enquanto a história tradicionalmente tem sido moldada pelos poderosos e pelas autoridades intelectuais, a memória frequentemente se associa às formas populares de protesto e resistência. Ela funciona como uma forma de revanche dos pobres, dos oprimidos e dos desfavorecidos, oferecendo uma História para aqueles que historicamente não tiveram acesso a ela.

Posto isto, é importante pensar acerca da descolonização dos museus, uma vez, que esses espaços caminham lado a lado com os processos educativos, como nos aponta a UNESCO (1958):

O museu e a educação. O museu pode trazer muitos benefícios à educação. Esta importância não deixa de crescer. Trata-se de dar à função educativa toda a importância que merece, sem diminuir o nível da instituição, nem colocar em perigo

o cumprimento das outras finalidades não menos essenciais: conservação física, investigação científica, deleite etc. (UNESCO, 1958, p. 11).

A citação da UNESCO ressalta a relevância da função educativa dos museus, enfatizando que estes devem equilibrar sua missão educativa com outras funções essenciais, como conservação e pesquisa. Embora pioneira, essa visão não abordava explicitamente a questão da descolonização dos museus.

A necessidade de descolonizar o pensamento museológico surge como uma oportunidade para que patrimônios e museus sejam apropriados por um maior número de atores, dando voz a sujeitos que foram historicamente subalternizados. Essa descolonização visa criar regimes de valor, desafiando as estruturas de colonialidade estabelecidas (Brulon, 2020).

A proposta de Nuno Porto (2016) para uma museologia do Sul Global, inspirada pelos conceitos de Boaventura de Sousa Santos (2011), oferece uma abordagem crítica e inovadora para a educação museal. Nuno Porto sugere que os museus no Sul Global devem operar a partir de uma "sociologia das ausências" e uma "sociologia das emergências", com o objetivo de recuperar e amplificar práticas e saberes marginalizados pelo Norte Global. Esta perspectiva repensa o papel dos museus, especialmente em contextos como o do Museu Paraense Emílio Goeldi, onde as vozes e experiências dos povos indígenas da Amazônia foram, por muito tempo, tratadas de forma subalterna.

No entanto, a proposta de Porto, embora ofereça um quadro teórico robusto, existem lacunas na aplicação prática. Porto não explora em detalhes as dificuldades inerentes à implementação da museologia do Sul Global em instituições moldadas por paradigmas coloniais. No caso do Museu Goeldi, a adoção dessas práticas ainda enfrenta desafios institucionais e epistemológicos que não são completamente abordados por Porto. Portanto, enquanto a teoria fornece uma base importante para a transformação museal, é necessário investigar criticamente se essas instituições conseguem, de fato, se descolonizar e incorporar os saberes e práticas do Sul Global de forma significativa e não apenas simbólica.

Refletir sobre a presença indígena no espaço museal é possibilitar o acesso a outras memórias e narrativas que desafiam a hegemonia dominante. Um artefato indígena no museu não é apenas um objeto com valor estético ou histórico distante; cada peça é única, começando por sua confecção, que carrega razões cosmológicas e o contexto cultural de quem a confeccionou (Carvalho, 2020).

Portanto, cabe aos espaços museológicos repensem e reformulem suas abordagens sobre musealização e os discursos que permeiam esses espaços. Como instituições

responsáveis por representar as memórias de civilizações, os museus devem reconhecer que suas narrativas nunca são neutras ou imparciais. Elas carregam intencionalidade, subjetividade e ideologia de quem as criou, refletindo os contextos sócio-históricos em que foram concebidas. A escolha do que será exposto e o que será relegado ao silêncio ou ao esquecimento é sempre uma decisão deliberada.

Portanto, se faz justo que os espaços museológicos repensem e reformulem suas abordagens sobre musealização e os discursos que permeiam esses espaços. Como instituições responsáveis por representar as memórias de civilizações, os museus devem reconhecer que suas narrativas nunca são neutras ou imparciais. Elas carregam intencionalidade, subjetividade e ideologia de quem as criou, refletindo os contextos sócio-históricos em que foram concebidas. A escolha do que será exposto e o que será relegado ao silêncio ou ao esquecimento é sempre uma decisão deliberada.

As narrativas museológicas, portanto, são performances de uma memória coletiva construída, ou, como sugerem Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1984), de “tradições inventadas” (Nora, 2009). Por muitos séculos, os discursos predominantes nesses espaços foram aqueles da sociedade dominante. Assim, é fundamental refletir e reavaliar esses discursos para garantir que a construção epistemológica indígena seja adequadamente representada.

Segundo Daniel Munduruku (2009, p. 28),

As sociedades tradicionais são filhas da memória e a memória é a base do equilíbrio das tradições. A memória liga os fatos entre si e proporciona a compreensão do todo. Para compreender a sociedade tradicional indígena, é preciso entender o lugar da memória na organização da trama da vida (Munduruku, 2009, p.28)

Dessa forma, é justo que os indígenas participem ativamente em todos os aspectos dos processos museais, permitindo-lhes contar suas histórias a partir de suas próprias perspectivas. Cury (2016) salienta a importância da presença indígena nas práticas museais, e em um trabalho posterior (2017), reforça a necessidade de descolonização dos museus para que possam refletir autenticamente as visões indígenas.

Jaider Esbell (2021) destaca que as comunidades indígenas possuem seus próprios sistemas de arte, baseados em fundamentos próprios, que não requerem um modelo hegemônico. Ele complementa afirmando que suas obras carregam uma energia intensa, resultante do processo histórico de apagamento, e agora têm a capacidade de manifestar essa energia com mais vigor. Denilson Baniwa (2021) também reforça essa perspectiva, argumentando que:

Os cestos baniwa são objetos que guardam coisas, mas também representam um conhecimento ancestral que diz de qual povo ou família ele é e que história conta. É um objeto e um símbolo de uma cosmogonia, que narra o início do mundo ou de um clã. Não é possível descrever em uma legenda (Baniwa, 2021).

Dessa forma, compreende-se que a arte é uma aliada poderosa na luta por direitos e na redução das diversas formas de violência contra os povos originários, despertando uma consciência que muitas vezes é desconhecida pelo povo brasileiro (Esbell, 2021). Para que a descolonização do pensamento museológico seja efetiva, é essencial que se afaste da matriz eurocêntrica e priorize os sujeitos em vez dos objetos. Os museus, ao exteriorizarem memórias, desempenham o papel de fortalecer o sentimento de pertencimento a um grupo ou a uma identidade cultural específica. No entanto, ao atuar como guardiões do poder memorial e portadores de discursos de verdade, eles refletem também os conflitos inerentes à transmissão social da memória. Questões fundamentais na análise das narrativas performativas incluem o que é transmitido, como é transmitido, quem transmite e por que se transmite (Nora, 2009).

Para que de fato suceda à descolonização do pensamento museológico, é preciso que haja o afastamento da matriz eurocêntrica e priorize os sujeitos em vez dos objetos. Os museus, ao exteriorizarem memórias, tem a capacidade de fortalecer o sentimento de pertencimento a um grupo ou a uma identidade cultural específica. No entanto, ao mesmo tempo em que atuam como guardiões do poder memorial e portadores de discursos de verdade, eles refletem os conflitos inerentes à transmissão social da memória. Questões como o que é transmitido, como é transmitido, quem transmite e por que se transmite são fundamentais na análise das narrativas performativas que moldam as memórias e identidades dentro dos museus (Nora, 2009).

Destarte, é elementar que se (re) configure o olhar que se encontra cristalizado acerca dos museus, e que se oportunize colocar em evidência saberes e culturas de povos que por muito tempo viveram em posição de subalternidade, mesmo que seja preciso repensar sobre toda lógica de criação e institucionalização desses espaços.

4. QUAL É O LUGAR DOS SABERES INDÍGENAS NO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI?

Nesta etapa da pesquisa, conduzimos entrevistas com seis colaboradores que desempenharam um papel fundamental na realização deste estudo. Com a autorização expressa dos participantes, foi-nos permitido o uso de seus nomes verdadeiros na pesquisa. Todos os entrevistados foram informados sobre os objetivos do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), consentindo não apenas com a gravação de suas entrevistas, mas também com a divulgação de suas identidades, o que nos permite valorizar suas contribuições e assegurar o protagonismo de suas narrativas. As entrevistas foram realizadas individualmente, oferecendo duas modalidades de execução: presencial e virtual, a fim de acomodar as diferentes agendas dos colaboradores e convidados envolvidos. Utilizamos dispositivos móveis para gravar as entrevistas, seguindo um roteiro com perguntas abertas com o intuito de dar protagonismo às suas narrativas.

Após a coleta das entrevistas, procedemos à transcrição, análise e categorização dos dados obtidos. As entrevistas dentro do escopo deste estudo, fornecem novas perspectivas sobre os processos educativos em ambientes museológicos, especialmente no que diz respeito ao contato com as memórias, identidades, saberes e histórias dos povos indígenas. Nesta seção, nosso objetivo é explorar as entrevistas realizadas ao longo deste estudo, estabelecendo um diálogo entre os colaboradores da pesquisa, juntamente com autores que contribuam com as discussões, assim como a perspectiva dos pesquisadores deste trabalho.

Abaixo apresentamos os entrevistados:

- Hein van der Voort, pesquisador titular do Museu Goeldi, com experiência em linguística. Sua atuação atualmente abrange diversos temas, como: línguas indígenas do Brasil, descrição e comparação linguística, documentação linguística e étnico-histórica.
- Claudia López Garcés, pesquisadora titular do Museu Goeldi, antropóloga, desenvolve trabalhos/estudos com povos indígenas, envolvendo atividades de pesquisa colaborativa nas áreas de etnologia indígena e antropologia das relações interétnicas. Suas principais áreas de interesse incluem etnicidade e nacionalidade, antropologia em fronteiras, políticas indigenistas, conhecimentos tradicionais, agrobiodiversidade e alimentação indígena, além de gestão de coleções etnográficas e o papel dos povos indígenas em museus.

- A servidora técnica da reserva, Suzana Primo dos Santos, do povo Karipuna do Estado do Amapá. Suzana é a primeira mulher indígena a atuar na Coleção Etnográfica da Reserva Técnica Curt Nimuendajú do Museu Goeldi, que possui uma trajetória de 152 anos.
- Ana Manoela Primo dos Santos Soares, doutoranda, que realiza pesquisas colaborativas e pluridisciplinares do Museu Paraense Emílio Goeldi desde 2019 na Linha de Pesquisa Dinâmica territoriais e identidades na Amazônia. no projeto “Os desafios da ciência intercultural: autorias e coautorias Estudante indígenas e comunidades tradicionais nas pesquisas em colaboração”.
- Thomas Anderson, indígena do Povo Baré, estudante de Engenharia de Telecomunicações pela UFPA. Atualmente como monitor na Exposição Itinerante Nhe'ẽ Porã: memória e transformação.
- A liderança indígena Kawacy Wajãpi, remanescente do território de Mairi (Belém/PA), graduanda em licenciatura de Ciências Biológicas, integrante da Associação Multiétnica Wyka Kwara e Conselheira da Política cultural da setorial indígena do estado, suplente no município.

A seguir temos um quadro com as informações sintetizadas sobre os entrevistados.

Quadro 16. Informações dos pesquisadores entrevistados

Entrevistado(a)/ Colaborador(a)	Nome	Área de atuação	Principais Temas de Pesquisa	Breve Descrição	Ano de vínculo
Pesquisador Titular (Linguística)	Hein van der Voort	Linguística, Línguas Indígenas	Descrição e comparação linguística, documentação linguística e étnico-histórica.	Pesquisador com vasta experiência em linguística, especializado em línguas indígenas do Brasil.	2003
Pesquisadora Titular (Antropologia)	Claúdia López	Antropologia, Estudos Indígenas	Etnologia indígena, Antropologia das relações interétnicas, Políticas indigenistas, Gestão de coleções etnográficas.	Antropóloga focada em estudos com povos indígenas, incluindo pesquisa colaborativa e temas relacionados à etnicidade e conhecimentos tradicionais.	2004
Técnica da Reserva (Sociologia)	Suzana Karipuna	Reserva Técnica, Coleções Etnográficas	Gestão de coleções etnográficas,	Servidora técnica e mulher indígena da etnia Karipuna	1991

			Participação indígena em museus.	do Amapá, pioneira na atuação na reserva técnica do Museu Goeldi.	
Doutoranda em antropologia e pesquisadora colaborativa	Ana Manoela Primo	Antropologia e sociologia	Realiza pesquisas com as mulheres de seu povo de origem, as quais são suas parentas por linhagem matrilinear: mãe, tias e com a memória da avó	Indígena do povo Karipuna. Doutoranda e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA) com ênfase em Antropologia na Linha de Pesquisa Gênero, Geração e Relações Etnicorraciais,	2019
Graduando em Engenharia de Telecomunicações	Pixuna	-	-	Indígena da etnia Baré. Atualmente reside em Belém do Pará, pois cursa Engenharia de Telecomunicações na Universidade Federal do Pará (UFPA). Passou ter contato com o museu em 2024 a partir da “Exposição itinerante Nhe’ë Porã: Memória e Transformação” que se encontra em exibição no Museu Goeldi.	2024
Graduanda em Ciências Biológicas	Kawacy Wajãpi	Atriz, recreadora cultural, arte educadora, diretora do espaço cultural SK Wajãpi, articuladora e escritora do Mulherio das letras indígenas do Norte.	Pardismo, indígenas em contexto urbano.	Indígena remanescente do território de Mairi (Belém/PA). Convidada a participar em 2024 de ações em colaboração com os povos indígenas do Museu Goeldi	2024

Fonte: elaboração dos autores (2024)

4.1 “NÃO TEMOS NENHUM TIPO DE ADESÃO NESSE ESPAÇO - NÃO SABIA QUE EXISTIA UMA REPRESENTATIVIDADE INDÍGENA”

Início esta seção com as palavras de Kawacy, integrante do coletivo Wyka Kwakara, que destaca a necessidade de reconhecer que os museus, embora sejam espaços de diálogo e interação, também carregam contradições e conflitos de interesse. Eles atuam na legitimação de certos saberes e visões, enquanto frequentemente deslegitimam ou marginalizam outras perspectivas. Como pesquisadora que vem se debruçando a estudar a relação dos museus com os povos indígenas, começo a entender que a experiência museal é complexa e multifacetada, indo além da simples exibição de artefatos. Nos museus, encontramos não apenas objetos históricos e culturais, mas também uma confluência de cosmogonias, narrativas e energias que refletem as tensões e disputas em torno do que é considerado conhecimento legítimo. Como Benjamin (2006) salienta:

“não podemos ser ingênuos ao pensar que a poesia que encontramos nos objetos, por consequência, nos museus, existe apenas para nos encantar. Embora os museus possam nos inspirar e alimentar nossos sonhos, eles também possuem o potencial de perpetuar a tirania, opressão e a exaltação de regimes que escravizam pessoas e sustentam um sistema de dominação” (Benjamin, 2006).

Esses espaços, portanto, não são neutros; eles carregam consigo as marcas das relações de poder e das dinâmicas de inclusão e exclusão que permeiam a sociedade. O desafio, como visitante, curadora ou pesquisadora, é navegar por essas contradições, reconhecendo tanto o potencial dos museus como locais de aprendizado e troca cultural, quanto as limitações impostas por suas estruturas institucionais. Ao adotarmos essa perspectiva, podemos reimaginar os museus como espaços onde cada voz e saber têm a oportunidade de ser não apenas ouvidos, mas realmente valorizados.

No contexto específico do Museu Paraense Emílio Goeldi, é substancial entender a relação dos colaboradores da pesquisa com a instituição, especialmente no que se refere aos projetos envolvendo comunidades indígenas. Para isso, a abordagem inicial da entrevista visa traçar esse histórico pessoal e profissional de cada pesquisador e participante da pesquisa, investigando seu envolvimento com o museu e suas parcerias com as comunidades indígenas.

Neste momento, destacam-se as trajetórias dos colaboradores da pesquisa com o Museu Emílio Goeldi, buscando compreender a relação de cada pesquisador com a instituição. Dessa maneira, inicia-se o diálogo a partir da seguinte pergunta: “*Há quanto*

tempo você participa dos projetos que o Museu Emílio Goeldi promove em parceria com as comunidades indígenas? Ou quando começou sua relação com o museu?”.

“Iniciei em 2003, como concursado, desenvolvendo trabalhos na área da linguística. No período que estava na faculdade participei de alguns estudos sobre as línguas indígenas, em um momento que muito se tinha o interesse em estudar outros dialetos, como: francês, italiano e inglês” (Pesquisador/Linguista).

Observa-se que a trajetória do pesquisador 1 (linguista), com o Museu Emílio Goeldi começou em 2003, quando ele foi contratado após aprovação em concurso e passou a desenvolver trabalhos na área da linguística. Contudo, ele menciona que, durante seu período como aluno, já participava de outras atividades com as comunidades indígenas. Isso ocorreu mesmo em uma época marcada por um grande interesse em estudos sobre outros dialetos, como italiano, francês e inglês. O que se percebe a priori é que esse histórico revela um comprometimento prévio e contínuo do pesquisador com as questões indígenas, evidenciando uma trajetória que se estende além do vínculo empregatício formal.

Por fim, será apresentada uma narrativa da técnica da Reserva “Curt Nimuendajú”, que compartilhará um pouco de sua jornada pessoal e profissional até sua chegada ao Museu Goeldi.

“Desde 2001, ano que entrei no museu” (Pesquisadora /Antropóloga).

Conforme observado, a trajetória da Pesquisadora 2 (Antropóloga), com o Museu Goeldi começou em 2001. Tanto ela quanto o Pesquisador/Linguista passaram a se dedicar aos projetos do Museu com as comunidades indígenas após estabelecerem vínculos profissionais com a instituição. Isso ressalta como a formalização do vínculo com o Museu serviu como um catalisador para a intensificação de seus trabalhos com as comunidades indígenas.

Posteriormente tem-se a narrativa da técnica da Reserva “Curt Nimuendajú”, em que ela conta um pouco da sua trajetória pessoal e profissional até a sua chegada no Museu Goeldi.

Quando eu fiz a universidade, passei no curso de Ciências Sociais, não tinha o curso de Antropologia [...] nessa época ninguém podia falar que era indígena [...], me formei em 1990. Em 1987 fiz estágio no museu, passei 4 (quatro anos) fazendo estágio, indo 1 ou 2 vezes. Em 1990 comecei a ficar mês lá, foi quando pedi minha transferência. Aí eu já sabia o que eu queria dentro do museu, era

uma forma de expor as ideias de cada grupo, a melhor parte foi quando encontrei, e comecei a fazer leituras, que você era obrigada quando estagiava lá. Aí depois fui conhecer o espaço da reserva técnica que era no parque e não no campus de pesquisa, foi quando encontrei os povos indígenas do Oiapoque da minha região [...] (Técnica da Reserva Técnica).

A fala da técnica é emblemática, refletindo suas próprias vivências como indígena em um contexto em que a identidade era frequentemente silenciada. Esse episódio destaca os desafios históricos enfrentados tanto pelas instituições museológicas em seu processo de democratização quanto pelos indígenas, que muitas vezes lutaram para afirmar sua identidade étnica em tempos passados. O fato de a estagiária, ao encontrar os povos indígenas do Oiapoque, ter reconhecido e se reconectado com suas raízes é um avanço significativo na autenticação e valorização da ancestralidade indígena.

Essa experiência de autoreconhecimento e pertencimento vai além de uma descoberta pessoal; é um reflexo do potencial transformador que os museus têm ao apoiar e amplificar tais vivências. É essencial que o Museu não apenas documente, mas celebre essas experiências de autoreconhecimento. Ao proporcionar uma plataforma para que as narrativas e práticas culturais dos povos indígenas ganhem visibilidade e respeito, o Museu reafirma seu compromisso com a inclusão e com um verdadeiro sentimento de pertencimento. A missão do Museu deve, portanto, ser a de potencializar esses processos, promovendo uma representação genuína e respeitosa das identidades e heranças indígenas.

No entanto, esse avanço também sublinha os desafios contínuos, como a necessidade de espaços apropriados para o armazenamento e a pesquisa, sugerindo que, embora haja progresso, ainda existem barreiras a serem superadas para integrar plenamente os modos "outros" de educar e viver dentro da estrutura museológica.

Linda Smith (2018) destaca que a luta para afirmar e reivindicar a humanidade dos povos indígenas é central nos discursos anticoloniais sobre colonização e opressão. Este esforço por humanidade está frequentemente inserido em um discurso mais amplo de humanismo, que abrange a reivindicação dos direitos humanos e a construção de um sujeito humano universal, capaz de criar história, conhecimento e sociedade. A afirmação da humanidade deve ser entendida dentro do estudo anticolonial do imperialismo, considerando os impactos desumanizantes que afetaram a linguagem, a economia, as relações sociais e a vida cultural nas sociedades coloniais.

Nesse contexto, a experiência da estagiária que encontrou os povos indígenas do Oiapoque e reconheceu suas próprias raízes representa um avanço significativo na

autenticação e valorização da ancestralidade indígena. Este momento de autoreconhecimento e pertencimento ilustra o potencial transformador dos museus ao apoiar e amplificar essas vivências. Para desempenhar um papel verdadeiramente significativo, o Museu deve transcender sua função tradicional de documentação e se tornar um espaço ativo de celebração da ancestralidade indígena. Deve oferecer uma plataforma dinâmica que permita às narrativas e práticas culturais dos povos indígenas obter a visibilidade e o respeito que merecem.

No entanto, o Museu ainda enfrenta desafios, como a necessidade de espaços apropriados para armazenamento e pesquisa, idealmente no parque e não apenas no campus de pesquisa. Esses desafios mostram que, apesar dos avanços, há barreiras a serem superadas para integrar plenamente os modos "outros" de educar e viver dentro da estrutura do museu.

Desse modo, os discursos anticoloniais destacam como é preciso descolonizar as práticas dos museus. Isso significa repensar as estruturas e métodos tradicionais, muitas vezes marcados por visões imperialistas, para realmente integrar os conhecimentos e modos de vida indígenas. É necessário um esforço contínuo para desfazer as práticas desumanizantes do passado e criar formas de incorporação a diversidade. Só assim poderemos construir uma sociedade que valorize a diversidade e a riqueza das culturas indígenas.

A seguir, apresentamos a narrativa de uma pesquisadora colaboradora do Museu Goeldi, na qual ela compartilha sua relação com o Museu Paraense Emílio Goeldi.

“Minha relação começa de ir ao Goeldi, entender qual é a profissão dela (minha mãe) com aquele espaço [...] Inclusive meu povo tem relação com essa exposição, uma das vitrines é somente com objetos dos povos indígenas do Oiapoque. Essa vitrine tem curadoria da Suzana Karipuna (minha mãe) e nelas têm objetos que foram feitos pela minha avó (materna) e pela segunda esposa do meu avô, que também é uma senhora Karipuna, importante liderança que faleceu em 2018 [...] é curioso para mim e ver como a história dessas mulheres, da minha família tá dentro do Museu Paraense Emílio Goeldi e como isso vai se articulando dentro desse processo histórico do povo Karipuna e da própria instituição”.
(Pesquisadora colaboradora)

A Pesquisadora Colaboradora compartilha uma experiência familiar e cultural vivida com o museu. Sua mãe, a técnica da reserva, atuou como curadora da exposição dedicada aos povos indígenas do Oiapoque, onde objetos feitos por sua avó e pela segunda esposa de seu avô são exibidos. Isso reforça a importância do Museu Goeldi na conservação e transmissão da história e cultura indígena através das gerações.

A seguir temos a narrativa do monitor da exposição Nheé’porã, a partir da mesma pergunta.

“Para a gente participar dessa exposição do museu, a gente recebeu um convite. Entraram em contato com a presidente da Associação e constataram que precisavam de mediadores para atuar na exposição “Nhe’ẽ Porã”. Aí eles mandaram uma lista para gente se inscrever, quem tivesse interessado. Eu coloquei meu nome, e foi chamaram a gente. Mandaram o local e horário, era para gente aprender um pouco como a se expressar, falar com o pessoal. O que a gente tinha que falar. Foi a primeira vez que eu fui no museu, no Goeldi. (Monitor na Exposição Itinerante Nhee’porã)

O Monitor na Exposição Itinerante Nhee’porã descreve como recebeu um convite para participar da exposição, destacando a importância do reconhecimento dos representantes indígenas em eventos que abordam suas culturas. A participação ativa dos indígenas como mediadores não só enriquece a experiência dos visitantes, mas também fortalece a voz indígena na preservação e transmissão de seus conhecimentos e tradições. E a partir desse trabalho de mediação, e do contato do visitante com o acervo, segundo (Penedo *apud*. Coelho 2024, p. 5) é produzido cultura, essas populações demonstram que existem, que são diversas e que possuem modos de vida múltiplos, ajudando a combater o mito segundo o qual todos os indígenas possuem uma única identidade.

A seguir temos a narrativa da representante da Associação Wyka Kwara.

“Se eu te disser que tenho experiência de estar no museu, se eu já conheço esses espaços, vou estar mentindo. Eu não conheço. Eu só soube que foi declarado terra indígena, e por sinal fomos convidados para dia seis estarmos numa celebração. Não temos nenhum tipo de adesão nesse espaço. Não sabia que existia uma representatividade indígena dentro do museu. Para mim está sendo novidade”. (Integrante da Associação Wyka Kwara)

Por outro lado, a representante da Associação Wyka Kwara revela uma falta de conexão com o Museu, indicando uma lacuna na comunicação e no envolvimento das comunidades indígenas com a instituição, ao menos quando se trata da Associação da qual é integrante. Ela menciona que apenas recentemente soube da representatividade indígena dentro do Museu (que a caso a priori mencionei em nossa conversa) e que associação foi convidada para uma celebração. Isso sugere que, embora existam esforços de inclusão, ainda há muito a ser feito para aumentar a conscientização e o engajamento das comunidades indígenas nesses espaços.

Todavia, é primordial entender que cada povo indígena tem uma maneira única de conceber as relações com seu patrimônio, diferente da abordagem tradicional do patrimônio cultural, que é claramente ligada à necessidade de se justificar dentro do sistema capitalista (Zanin, *et.al*, 2023). E como destaca o artista Gustavo Caboco Wapichana, “a arte indígena,

que sempre existiu, agora busca seu lugar para expressar as injustiças enfrentadas e se transforma em um símbolo de uma luta que já dura mais de 520 anos” (Machado, 2022).

A partir desses diálogos iniciais, observa-se uma narrativa multifacetada sobre a integração e a representatividade indígena em instituições museais. As experiências variam desde uma conexão ativa com os museus até um desconhecimento quase total da presença indígena nesses espaços. Essa diversidade de experiências destaca a importância de fortalecer os laços entre os museus e as comunidades indígenas, promovendo uma representatividade contínua e significativa.

A tabela a seguir organiza as principais categorias identificadas nas entrevistas com pesquisadores, técnicos e representantes indígenas sobre a relação com o Museu Paraense Emílio Goeldi. Ela destaca as experiências de envolvimento, desafios enfrentados, e o impacto das iniciativas do Museu na valorização e preservação cultural indígena. Essa organização visa facilitar a compreensão das dinâmicas e contradições na interação entre o Museu e as comunidades indígenas, revelando tanto avanços quanto áreas que precisam de mais atenção.

Tabela 1. Categorias principais das entrevistas

Categoria	Descrição	Referência
Experiência e Engajamento dos Pesquisadores	Trajetórias e envolvimento de pesquisadores com o Museu Emílio Goeldi e as comunidades indígenas, incluindo o início da colaboração e a evolução da relação.	Relato do Pesquisador/Linguista, Pesquisadora Antropóloga, Técnica da Reserva Técnica
Desafios na Inclusão e Representação	Desafios enfrentados por comunidades indígenas em relação à inclusão e representação dentro do Museu, incluindo a falta de comunicação e adesão.	Integrante da Associação Wyka Kwara
Reconhecimento e Valorização Cultural	Experiências de valorização e reconhecimento da cultura indígena através das exposições e curadorias do Museu, destacando o papel das lideranças e das tradições culturais.	Pesquisadora Colaboradora, Monitor na Exposição Itinerante Nhee'porã
Transformação e Autoreconhecimento	Processos de autoreconhecimento e transformação pessoal e cultural vividos por indígenas ao interagir com o Museu, incluindo a preservação e a ampliação da ancestralidade indígena.	Técnica da Reserva

Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

4.2 “DESDE O SÉCULO 20, GOELDI JÁ TINHA ESSAS COLABORAÇÕES COM OS POVOS INDÍGENAS”

Para aprimorar esta seção o intuito estava em levantar informações sobre o início da relação entre o Museu Goeldi e as comunidades indígenas por meio dos relatos dos pesquisadores.

Assim, a pergunta realizada foi *“Quando começaram os trabalhos e projetos do Museu Emílio Goeldi com os povos indígenas?”*

“Falando pela minha área, que é a linguística. No início dos anos de 1980, com a chegada de Dennis Moore no Goeldi que é linguística também, é aposentado, mas ainda realiza trabalhos com os povos, ele deixou um centro de documentações de linguísticas, mas já trabalhava desde 1970 com os povos indígenas em Rondônia, ficava semanas, ainda vai para campo, ele tem 78 anos, aproximadamente, fica semanas, antigamente era quase 1 (um) ano. Temos dentro da linguística um intercâmbio com as comunidades indígenas. Geralmente, no meu caso, quando você vai para as comunidades indígenas fazer uma pesquisa, esse relacionamento, logo já vira uma coisa pessoal, volta, fazendo outro trabalho com a comunidade, mantém relações de longa duração. As comunidades te conhecem, às vezes querem visitar para aprender. A gente tem as coleções, é patrimônio dos indígenas, meu avô sabe fazer isso ainda.”
(Pesquisador/Linguista)

Desde o século 20, Goeldi já tinha essas colaborações com os povos indígenas.
(Pesquisador/Antropóloga)

Nos relatos acima, destaca-se elementos significativos com base na resposta da pergunta 2, em que o pesquisador fundamenta sua análise contextualizando com a sua própria vivência, estabelecendo conexões com sua área de pesquisa, que é o seu campo de domínio. Este trecho do pesquisador/linguista ilustra a importância de construir relacionamentos duradouros e respeitosos com as comunidades indígenas. Ele também salienta o papel inato que os pesquisadores e as instituições culturais podem desempenhar na salvaguarda e valorização do patrimônio cultural indígena. O pesquisador destaca que a chegada de Dennis Moore na década de 1980 marca um período significativo para a linguística no museu, com a criação de um centro de documentação linguísticas e trabalhos de campo extensivos com povos indígenas. A inserção dessas práticas no trabalho acadêmico e a representação justa e colaborativa nas instituições culturais são essenciais para garantir que a riqueza cultural e linguística dos povos indígenas seja preservada e respeitada.

No documento fornecido com os projetos realizados pela Coordenação dos Programas de Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais - COCHS, o pesquisador desenvolve o projeto intitulado “A composição etnolinguística do sudeste de Rondônia: Os Aikanã, os Kwazá e seus vizinhos” (*The ethnolinguistic composition of southeastern Rondônia: The Aikanã, the Kwazá and their neighbours*). Esse projeto visa documentar de forma interdisciplinar a língua e a cultura das comunidades indígenas Aikanã e Kwazá, bem como das comunidades vizinhas (Latundê, Salamã e Kanoê), localizadas no sudeste de Rondônia. Devido ao fato de esses grupos estarem em uma área bastante afetada pelo desmatamento, suas línguas e culturas enfrentam o risco iminente de extinção. Portanto, a realização de estudos é considerada central, visto que ainda não havia sido feita uma investigação abrangente sobre a proposta (Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, 2013).

Na citação: “*As comunidades te conhecem, às vezes querem visitar para aprender. A gente tem as coleções, é patrimônio dos indígenas, meu avô sabe fazer isso ainda*”, percebe-se o empenho das comunidades com as quais trabalha acerca da importância de salvaguardar o patrimônio cultural das comunidades com as quais trabalha, e a disposição em aprender sobre esse processo. Ressaltando as dimensões epistemológicas e ontológicas transmitidas ao longo das gerações, reconhecendo que salvaguardar esses conhecimentos e memórias evita que elementos fundamentais que compõem grupos sociais caiam no esquecimento, diferenciando cada comunidade a partir de suas subjetividades. “As peças de arte indígena têm formas e significados únicos, ligados à sua cultura, espiritualidade e cosmologia específicas, representando “um patrimônio cultural vivo da humanidade” (Ballivián, 2014, p. 14).

Essa reflexão evidencia a valorização dos saberes tradicionais e a consciência da importância de sua preservação para a identidade cultural e a continuidade da ancestralidade das comunidades indígenas. Cabe destacar, que:

“Assim como a cultura e identidade de qualquer povo, o artesanato indígena também se transforma e se adapta às necessidades e possibilidades contemporâneas. Os indígenas atualizam seus produtos, incorporando novos recursos e materiais para usos modernos, como chapéus, leques, abajures e bijuterias. Esse processo ilustra as mudanças decorrentes do contato intercultural e a constante recriação e construção da cultura” (Zico Fojit Ribeiro, engenheiro agrônomo Kaingang, em Ribeiro, Z.F., 2014, p. 13).

Por sua vez, a pesquisadora 2 revela que a relação entre o Museu Paraense Emílio Goeldi e os povos indígenas começou no século XX. Ela compartilha um trabalho importante que examina a longa e significativa parceria entre o Museu e a comunidade Mebêngôkre-Kayapó. Segundo a pesquisadora, essa colaboração tem aberto canais de diálogos e atender às

necessidades políticas das sociedades nativas, além de permitir que esses grupos se apropriem dos espaços do museu.

Essa presença ativa tem dado visibilidade às suas lutas pela preservação de sua identidade e cultura, mostrando como o museu pode ser um aliado importante na luta pela sobrevivência física e cultural dessas comunidades (Sandaj *et al.*, 2022, p. 4).

Segundo, as autoras López e Karipuna (2021) existem evidências que o Museu Goeldi veio a estabelecer relações com diversas comunidades indígenas, mediante o trabalho de “adquirir, organizar e guardar coleções de objetos indígenas”. Segundo Ribeiro e Velthem (1992), no século XIX, os artefatos etnográficos eram valorizados principalmente por sua capacidade de testemunhar os estágios primitivos da cultura humana. Esses objetos serviam para confirmar a ideia de um passado comum que reforçava a visão de triunfo e superioridade europeia. Dessa forma, é primordial a compreensão de que o objeto museológico, enquanto portador de significados, carrega ideologias e como as narrativas que ele reflete são resultados de processos sociais marcados por disputas sobre o que deve ser lembrado e o que acaba sendo relegado ao esquecimento (Tolentino, 2018).

O trabalho do Museu Goeldi, então, pode ser entendido como uma continuidade e, ao mesmo tempo, uma transformação dessa prática. Enquanto no século XIX a coleta de artefatos indígenas servia para validar a supremacia europeia, no contexto contemporâneo, essas práticas podem ser reavaliadas como parte de um esforço para documentar e preservar as culturas indígenas, potencialmente contribuindo para uma maior valorização e reconhecimento dessas culturas dentro da sociedade brasileira.

Para compreender as colaborações entre o Museu Paraense Emílio Goeldi e os povos indígenas, é útil destacar os principais saberes e processos educativos mencionados pelos entrevistados. Eles oferecem uma visão sobre como essas interações começaram e se desenvolveram ao longo do tempo.

A tabela a seguir resume as informações principais, destacando os saberes e as práticas importantes que surgiram dessas colaborações. Ela mostra como o Museu Goeldi tem contribuído para a preservação cultural e a adaptação das práticas indígenas ao longo dos anos.

Tabela 2. Categorias principais das entrevistas

Categoria	Descrição	Referência
Saberes Linguísticos	Métodos e práticas de documentação e ensino das línguas indígenas, incluindo a construção de relacionamentos duradouros entre pesquisadores e comunidades.	Relato do Pesquisador/Linguista
Valorização do Patrimônio Cultural	Atividades focadas na preservação e valorização do patrimônio cultural indígena, incluindo coleções e artefatos que ajudam a evitar a extinção cultural.	Relato do Pesquisador/Linguista
História de Colaboração e Diálogo	Evolução das parcerias entre o Museu Goeldi e as comunidades indígenas, com foco na construção de diálogos e no atendimento às necessidades culturais e políticas das comunidades.	Relato da Pesquisadora/Antropóloga

Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

4.3 “OS OBJETOS REFLETEM UMA METODOLOGIA, TECNOLOGIA QUE ELES RECONHECEM, E ELES PODEM AJUDAR A EXPLICAR, POR QUE TEM ESSES BURQUINHOS, ESSA ALÇA”

Abaixo temos alguns relatos, com base na seguinte pergunta: *“Qual contribuição você acredita que os projetos do Museu Emílio Goeldi em parceria com as comunidades indígenas podem trazer para a comunidade em si e para os povos indígenas?”*.

“Para as pessoas de fora não tem muita diferença nesse sentido, mas para os povos indígenas o acesso as suas histórias no museu, podem ajudar a tornar as pessoas menos preconceituosas com relação a eles”. (Pesquisador/Linguista)

A partir da resposta do pesquisador/Linguista podemos refletir acerca de como o trabalho realizado no museu se torna uma ferramenta política, social e cultural para estes povos, que entendem a importância das atividades realizadas pela instituição, onde defendem o direito de suas existências. Todavia, essa relação inicialmente se deu por exploração e apropriação cultural como foi tratado acerca do processo histórico da formação do acervo do Museu Goeldi.

O acesso dos povos indígenas às suas histórias preservadas no museu tem o potencial de reduzir o preconceito, aumentando a compreensão e o respeito das pessoas de fora em relação às culturas indígenas, visto que “os museus passaram a ser espaços onde objetos ligados à vida cotidiana, social, cultural, espiritual e íntima das comunidades indígenas são exibidos abertamente” (Mazur, 2021).

A maioria das pessoas podem não ter conhecimento acerca dos trabalhos realizados por indígenas nas curadorias do MPEG, mas a participação deles tem ajudado os pesquisadores do museu, a desenvolver um trabalho com exatidão. Assim, o protagonismo deste trabalho recai sobre os indígenas e pesquisadores do museu para que a sociedade tenha acesso a tudo que tem sido realizado, mas que nosso olhar, possa compreender os olhares indígenas sobre as coleções etnográficas e seus cuidados (Lopéz e Karipuna, 2021).

A partir dessa reflexão acerca da colaboração entre os povos indígenas e o Museu Goeldi revela como o museu pode se transformar em um espaço com inúmeras narrativas, de inúmeros povos. Embora a relação tenha começado com aspectos de exploração e apropriação, hoje ela pode ser desenvolver como uma ferramenta democrática e acessível. O envolvimento dos indígenas na curadoria e no acesso às suas próprias memórias salvaguardadas não só ajuda a combater a imagem forjada que se consolidou sobre eles, mas também promove um entendimento mais profundo sobre suas culturas, e permite que possamos olhar para as muitas outras histórias que ainda não foram contadas ou que foram suprimidas. Ou seja, quando ocorre esse esforço conjunto entre indígenas e pesquisadores do museu é garantindo que as coleções não apenas sejam exibidas, mas também respeitadas e compreendidas sob a perspectiva daqueles que as criaram.

Abaixo temos a narrativa do pesquisador/Linguista acerca do que vem sendo discutido.

“O que vejo na Arqueologia é que os povos estão interessados nessa história. Não tem muito conhecimento sobre um passado de mais de 200 anos, fica difícil. Achados arqueológicos de 3.000 anos atrás, é difícil entender o que aconteceu naquela época, quem foram, que idioma falavam. Os objetos refletem uma metodologia, tecnologia que eles reconhecem, e eles podem ajudar a explicar por que tem esses buraquinhos, essa alça.” (Pesquisador/Linguista)

Nesse contexto, o pesquisador ressalta a contribuição da arqueologia para os museus, reforçando como os objetos arqueológicos auxiliam na identificação e compreensão da história de uma comunidade. Enfatizando, o desejo das próprias comunidades em acessar e compreender sua própria história.

Na citação: “*Os objetos refletem uma cosmologia, tecnologia que eles reconhecem, e eles podem ajudar a explicar “porque tem esses burauinhos, essa alça”*”, percebe-se que os objetos são vistos com ferramentas essenciais pelas comunidades, sendo elementar aprender com eles para absorver cada aspecto desses objetos, incluindo sua forma e função. Ressaltando o que é bem evidente, segundo Daiara Tukano (2021) muitos desses objetos foram adquiridos historicamente sem o consentimento das comunidades indígenas e carregam marcas da violência colonial. E isso fica ainda mais claro, quando paramos para assimilar sobre os últimos acontecimentos que envolve os artefatos indígenas e os museus, como o manto Tupinambá que se encontrava no Museu Nacional dinamarquês e que foi “doado” para o Museu Nacional do Rio de Janeiro em 2024.

Assim, fortalecer a ideia de que cada etnia indígena possui sua própria cosmovisão, cultura e saberes é o básico. E apreender que as produções, a criatividade e os espaços ocupados pelos artistas indígenas hoje vão muito além do 'eu'. Não é mais somente sobre o 'eu', mas é sobre o 'nós', e é para o 'nós'. Isso vai muito mais além de apenas uma pintura, um vídeo ou uma exposição. Essas produções têm o poder de inspirar pessoas, resgatar a ancestralidade e trazer vidas (Wapichana e Manoki, 2023).

Há um empenho significativo dos povos indígenas em compreender e conectar-se com as suas memórias ancestrais, que tendem a ser obscurecidas pela falta de registros. E é aqui que os estudos e os achados arqueológicos são oportunizados em mostrar o seu potencial, visto que servem como pontes para esse reconhecimento histórico, permitindo que os indígenas se reconectem com suas práticas e saberes ancestrais. Já que durante muito tempo não existia um espaço, na verdade, para falar sobre a existência desses povos indígenas, mas existe um apagamento sistemático de suas existências.

Dessa forma, percebe-se que os objetos pertencentes às comunidades indígenas desempenham um papel na compreensão de cada detalhe e a razão de sua forma única. Isso reafirma que cada etnia indígena possui sua própria cosmologia, cultura e saberes. Portanto, é indispensável realizar estudos sobre esses processos museológicos, para que elementos importantes não sejam perdidos e para que se possa catalogar adequadamente os achados.

Enfatiza-se a importância dos estudos acerca dos processos museológicos para evitar a perda de elementos determinantes e para se catalogar o que foi descoberto. Conforme observado por Melo e Pereira (2021), “o museu é um espaço importante, pois a história pode se apagar, porque existem pessoas que não se interessam pela história, mas havendo um museu, sabemos que temos histórias para contar”.

O Pesquisador/Linguista continua:

São muitas vertentes que têm nessas contribuições. Em primeiro lugar, as pesquisas que a gente desenvolve aqui, ao longo do século XX, e o que vem na história do museu sempre teve essa relação entre os pesquisadores e os povos indígenas e como tem contribuído além de publicar artigos e livros.

Vou falar de um pesquisador muito interessante, Darrell Posey e a relação com o povo Mebêngôkre-Kayapó. Quais foram as contribuições dele? Ele ajudou muito no fortalecimento da organização política do povo, nos 80, que foi na primeira tentativa de criar Belo Monte, na época se chamava Kararaô, e o acompanhamento desse pesquisador, ético e político que teve junto com os Mebêngôkre-Kayapó, conseguiu parar Belo Monte na época. Então, além dessas contribuições acadêmicas, também tem essas contribuições em termos de organização em defesa dos territórios, esse engajamento político forte, que acho que tem sido umas características que desenvolvemos aqui no museu.

A Lúcia (Coordenadora) tem contribuído muito na elaboração de relatórios acerca de identificação de terras indígenas. São ações que estão dentro do campo da produção acadêmica, mas que também tem envolvimento e engajamento ético e político com os povos indígenas. O papel político que desenvolve nos acervos, das coleções etnográficas, tem contribuído muito nesse fortalecimento cultural. Muitos dos povos indígenas que vêm aqui, ficam entusiasmados de ver que ainda se guarda memórias de atividades culturais que já não tem mais em suas aldeias, e eles falam se a gente quer voltar a fazer isso, sabemos que aqui estão os nossos objetos, se inspirar neles, e ver como eles foram elaborados para gente continuar fazendo essas atividades nas nossas aldeias.

As contribuições são muitas, muitos os trabalhos que o museu tem feito com os povos indígenas.” (Pesquisadora/Antropóloga)

Para este momento destacamos o seguinte trecho *“O papel é político que desenvolve nos acervos, das coleções etnográficas, tem contribuído muito nesse fortalecimento cultural. Muitos dos povos indígenas que vêm aqui, ficam entusiasmados de ver que ainda se guarda memórias de atividades culturais que já não tem mais em suas aldeias, e eles falam se a gente quer voltar a fazer isso, sabemos que aqui estão os nossos objetos, se inspirar neles, e ver como eles foram elaborados para gente continuar fazendo essas atividades nas nossas aldeias.”*

O relato do pesquisador ressalta um pouco da sua experiência com as comunidades as quais trabalha e como existe um reconhecimento desses povos diante da importância do trabalho que o museu desenvolve na preservação e conservação dos objetos etnográficos e arqueológicos que colaboraram para o não apagamento e esquecimentos dessas culturas, contando também com a colaboração deles na curadoria.

As contribuições de pesquisadores como Darrell Posey não se limitam ao campo acadêmico, mas também incluem um engajamento ético e político significativo, ajudando a

fortalecer a organização política dos povos indígenas e defendendo seus territórios contra projetos de desenvolvimento prejudiciais.

Dessa forma, segundo Lopéz e Karipuna (2021) apreende-se que o Museu Goeldi em parceria com as comunidades indígenas, desvelam a importância da troca de conhecimentos onde o indígena tem a possibilidade de rever as coisas do passado e ao mesmo tempo colaborando com seus conhecimentos e fortalecendo a documentação dos objetos do acervo.

A pesquisadora/antropóloga diz que:

Todas as ações já ditas, estão contribuindo para autoafirmação desses povos. Nós não só produzimos livros e artigos, produzimos livros didáticos que são de interesse para o trabalho nas escolas, textos em línguas indígenas, então todas essas ações estão contribuindo de fato para a autoafirmação dos povos indígenas. O trabalho dos linguistas do museu. Eles perdem livros nas suas línguas, só eles vão poder entender o conteúdo desses livros, mas servem para outras escolas, pois tem narrativas em português também. (Pesquisador/Antropóloga)

“Nós não só produzimos livros e artigos, produzimos livros didáticos que são de interesse para o trabalho nas escolas, textos em línguas indígenas, então todas essas ações estão contribuindo de fato para a autoafirmação dos povos indígenas”. Neste trecho destacado, a pesquisadora enfatiza acerca de como essa relação do MPEG com os povos indígenas tem sido importante para autoafirmação desses povos. Podemos enfatizar que essa relação colaborativa tem aproximado os indígenas dos não indígenas, e rompendo aos poucos com essa relação de poder, contribuindo com a descolonização das práticas museais, e segundo Fanon (2022) “a descolonização é um processo que só pode ser completamente compreendido quando se reconhece e entende o contexto histórico que a molda”. Em outras palavras, para entender a descolonização, é necessário olhar para a história e perceber como os eventos e movimentos históricos deram forma e conteúdo a esse processo.

A preservação de objetos culturais nos museus serve como fonte de inspiração para os povos indígenas, auxiliando-os na revitalização e continuidade de tradições culturais que podem ter sido perdidas ou enfraquecidas em suas aldeias. Desta forma, compreende-se que a tecnologia contemporânea não só amplia o acesso e a interpretação, mas também estabelece uma ponte entre a memória histórica e a memória coletiva, garantindo que esta última não seja “roubada” de seus legítimos detentores (Mensch, 2009). Para os indígenas, o museu é toda a aldeia e o território, onde a riqueza e o conhecimento estão presentes e vivos. Assim como um museu tradicional, há pessoas dedicadas a cuidar desse patrimônio diariamente. Portanto, a aldeia inteira é um museu vivo que não pode ser negligenciado (Rocha, 2023).

Destarte, a colaboração contínua entre museus e povos indígenas resulta em várias contribuições positivas, desde a produção acadêmica até o fortalecimento cultural e organizacional das comunidades indígenas.

A seguir, apresentamos uma visão detalhada dessas contribuições, conforme relatado pelos envolvidos.

Tabela 3. Categorias principais das entrevistas

Categoria	Descrição	Referência
Contribuição para a Redução do Preconceito	O acesso dos povos indígenas às suas histórias preservadas no museu pode ajudar a reduzir o preconceito, aumentando a compreensão e o respeito das pessoas de fora.	Pesquisador/Linguista
Papel dos Objetos na Compreensão Cultural	Os objetos arqueológicos ajudam as comunidades indígenas a entenderem a metodologia e tecnologia de seus ancestrais, esclarecendo aspectos como design e função.	Pesquisador/Linguista
Engajamento Político e Social	Contribuições dos pesquisadores não se limitam ao campo acadêmico, incluindo engajamento ético e político, fortalecendo a organização política dos povos indígenas e defendendo seus territórios.	Pesquisador/Linguista, Pesquisadora/Antropóloga
Fortalecimento Cultural e Autoafirmação	A colaboração com os povos indígenas tem contribuído para a autoafirmação dessas comunidades, incluindo a produção de materiais didáticos e textos em línguas indígenas.	Pesquisadora/Antropóloga,

Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

4.4 “TEM POVOS QUE SIM, VÃO QUERER QUE SUAS PEÇAS ESTEJAM ALI, OUTROS QUE NÃO, E OUTROS QUE VÃO QUERER QUE SUAS PEÇAS SEJAM RETOMADAS”

E partindo disso, prosseguiu-se com a seguinte pergunta “Como os projetos do Museu Goeldi tendem a colaborar com as comunidades indígenas?”. Tivemos a seguinte resposta da pesquisadora colaboradora:

Acho que é muito relativo. A minha mãe trabalha com oficinas dentro do Goeldi. Então, muitas vezes tem projeto que levam, por exemplo, parentes do povo Kayapó para dentro do museu, e eles tem contato com aquelas peças, isso é só um exemplo, vai um povo lá e tem contato com uma peça e aquela peça não é mais feita por eles, e acabam tendo a oportunidade de retomar esse conhecimento, de ver como aquela peça foi pensada, com que materiais ela foi feita, para quem

sabe retomar e fazer aquele objeto novamente dentro da sua comunidade mas tem povos que não se sentem bem de entrar na reserva, pois aqueles objetos foram feitos por pessoas que já morreram. Ou seja, aqueles objetos têm potência forte dentro da reserva, pois dentro daquelas peças para elas tem espíritos, para alguns povos elas estão dormindo, para outros estão mortos, pois estão dentro de um espaço, que é o museu, e não é o espaço do território, para meu povo essas peças estão vivas, elas têm espíritos, tem personalidade, elas têm querer, elas têm agência. Então, quem tem muita sensibilidade, pode sentir isso ao entrar dentro da reserva técnica. (Pesquisadora colaboradora)

Na narrativa acima, a pesquisadora menciona o que pode vivenciar no trabalho de sua mãe no museu "*trabalha com oficinas dentro do Goeldi*" e que muitas vezes há projetos que levam parentes do povo Kayapó para dentro do museu. Esse contato proporciona uma oportunidade valiosa para os indígenas retomarem conhecimentos ancestrais, observando peças que não são mais produzidas em suas comunidades. "*Eles acabam tendo a oportunidade de retomar esse conhecimento, de ver como aquela peça foi pensada, com que materiais ela foi feita, para quem sabe retomar e fazer aquele objeto novamente dentro da sua comunidade.*" Esse ponto destaca o papel positivo que os museus podem desempenhar na preservação e revitalização de culturas indígenas.

A pesquisadora seguiu dizendo:

Tem povos que sim, vão querer que suas peças estejam ali, outros que não, e outros que vão querer que suas peças sejam retomadas, tem a repatriação, como o caso de uma peça do povo Krenak que até onde eu entendi que para eles ela foi expropriada por um pesquisador do museu, que já até faleceu, que levou aquela peça para lá, sem o consentimento deles. Então, eles estão tentando esse processo de repatriação dessa peça. (Pesquisadora colaboradora)

“Muitas das vezes quando são peças do final do século XIX até os dias atuais, muitos grupos indígenas já perderam. Eles têm esse direito de tocar, sentir. Tem indígena que fala que teria vontade de ter alguma coisa que represente a gente aqui “museu”. Tem outros que não querem ver por que representa a morte, e outros querem ver”. (Técnica da Reserva)

A pesquisadora chama a atenção para a questão da repatriação de objetos, um ponto de destaque em sua análise. Ela cita um caso específico envolvendo uma peça do povo Krenak, expropriada por um pesquisador do museu, já falecido, sem o consentimento da comunidade. Esse exemplo ilustra dilemas éticos na aquisição de artistas indígenas por instituições museológicas. A repatriação desses itens é vital para corrigir injustiças históricas e garantir o respeito aos direitos culturais dos povos indígenas. Conforme Daiara Tukano, a repatriação de objetos indígenas é um ato sagrado e político, promovendo a cura tanto individual quanto coletiva. Tukano argumenta que esse processo permite a recuperação de memórias ancestrais

encapsuladas em obras de arte indígena, memórias que permanecem vivas nos corpos dos indígenas, frutos de experiências compartilhadas ao longo de gerações (Mazur, 2021).

Por sua vez, a técnica da reserva destaca a diversidade de opiniões entre os próprios indígenas sobre a presença desses objetos nos museus. Muitos artigos, datados do final do século XIX até os dias atuais, foram perdidos por grupos indígenas. Alguns indígenas expressaram o desejo de tocar e sentir esses objetos, vendo-os como representações de sua cultura e identidade no museu. Outros não os vejam, pois esses objetos evocam memórias dolorosas. Essa diversidade de perspectivas reforça a necessidade de um diálogo contínuo e sensível entre museus e comunidades indígenas.

A partir desses diálogos, observa-se a complexidade dessas questões que sublinha a importância de abordagens que respeitem as diferentes visões e necessidades dos povos indígenas.

A seguir, apresentamos uma fala bem impactante sobre o papel do museu na sociedade, conforme narrado pela pesquisadora colaboradora. Ela afirmou o seguinte:

O museu é algo muito relativo, pois para alguns pode ter um aspecto positivo e para outros ele pode não ter o aspecto não tão positivos assim, mas eu acho que o museu tem que se ampliar cada vez mais para o debate com a comunidade. Tem ações educativa, como o museu de portas abertas, que recebe as escolas indígenas, tem as oficinas que são feitas com alguns parentes, se você é indígena e chega no museu e diz que você quer ver as peças do seu povo, você tem direito a ver essas peças, a gente não pode impedir a pessoa de fazer uma visita a reserva técnica, mas acho que falta mais os museus se abrirem para algo com as comunidades indígenas e também com os não indígenas, por que o que eu percebo aqui na cidade, é que muitos parentes não sabem que tem objetos do povo dele ali dentro daquele espaço, vem e pensam que o museu é só aquele espaço zoológico, lá no centro, que tem os animais, que têm as exposições, mas não sabem que tem muita pesquisa por trás disso. (Pesquisadora colaboradora)

A fala da pesquisadora traz uma crítica válida à forma de como os museus se conectam com as comunidades indígenas. Ela destaca que, apesar de iniciativas positivas como o "Museu de Portas Abertas" e oficinas comunitárias, ainda existe uma grande desconexão. Muitos indígenas não sabem que objetos de seus povos estão guardados nos museus, pois veem esses espaços apenas como locais de exposições de animais e outras exposições visíveis ao público. Essa falta de conhecimento reflete uma comunicação inadequada e uma acessibilidade limitada.

A pesquisadora também destaca que os museus precisam ir além de serem apenas guardiões de artefatos; eles devem se tornar facilitadores de diálogos e colaborações reais com

as comunidades indígenas. Isso significa que os museus devem se abrir mais, garantindo que os indígenas possam acessar, entender e participar ativamente da preservação de sua própria herança cultural. Afinal, os esquecimentos e os silêncios da história revelam os mecanismos de manipulação da memória coletiva (Le Goff, 2013). Em outras palavras, é uma chamada urgente para que os museus se transformem em verdadeiros centros de conhecimento compartilhado e inclusão.

Ao refletir sobre essas questões, fica claro que a transformação dos museus em espaços mais acessíveis e colaborativos não é apenas uma necessidade, mas um imperativo ético. Museus que promovem uma troca genuína de conhecimentos e experiências com as comunidades indígenas têm o potencial de enriquecer a compreensão pública sobre as culturas indígenas e de fortalecer a preservação das memórias e tradições desses povos. É através dessa abertura e colaboração que os museus podem realmente cumprir o seu papel educativo e cultural.

A seguir, continuamos com a narração da pesquisadora colaboradora:

A Suzana não foi a primeira indígena no Goeldi, tem muitos parentes que colaboraram com a instituição antes disso, mas ela foi a primeira indígena funcionária pública, é algo que me entristece muito que até hoje é de ela ser a única indígena funcionária do museu, seria muito importante que outros parentes ocupassem esse espaço, e trabalhando com as histórias do seu povo ali dentro. (Pesquisadora colaboradora)

A pesquisadora lamenta a ausência de funcionários indígenas no museu, destacando: "A Suzana não foi a primeira indígena no Goeldi; muitos parentes colaboraram com a instituição antes disso, mas ela foi a primeira indígena funcionária pública." Esse ponto levanta uma questão fundante sobre representatividade. A pesquisadora expressa sentimentos de tristeza pela baixa presença indígena na equipe do museu, afirmando: "É algo que me entristece muito que, até hoje, ela seja a única indígena funcionária do museu." Esse toque pessoal sublinha a premência de abordar essas questões com sensibilidade e empatia, ressaltando a necessidade de mudanças que promovam maior inclusão e valorização dos povos indígenas na gestão e preservação de sua própria herança cultural.

Essa questão de representatividade e inclusão também é ecoada por outras vozes indígenas em diferentes instituições culturais. A primeira curadora indígena do MASP, por exemplo, decidiu deixar o cargo após a exclusão de fotos do MST em uma mostra, afirmando: "Eu não poderia mais estar no MASP se eu não puder contribuir da minha maneira. Sou uma mulher indígena que vem de outro processo de ocupar os espaços. Minha decisão é individual,

mas o meu corpo representa o coletivo indígena, de mulheres, homens e crianças." Essa fala poderosa reforça a importância de garantir que as vozes indígenas além de serem ouvidas, sejam também valorizadas dentro das instituições culturais. A experiência pessoal da curadora sublinha a urgência de uma representatividade que vá além da presença simbólica, declarou Benites (2022).

Esses relatos oferecem uma perspectiva rica e multifacetada sobre a relação entre as comunidades indígenas e as instituições museológicas. Destacando que a interação das comunidades indígenas com as peças do museu pode ser complexa e variada. Por exemplo, enquanto algumas comunidades veem a visita ao museu como uma oportunidade de reconectar-se com objetos de seu passado e até mesmo de resgatar conhecimentos perdidos, outras podem sentir desconforto ou até mesmo repulsa ao entrar em contato com artefatos que consideram possuir fortes energias espirituais.

Segundo Rizzi (1998):

Os itens que compõem as coleções museológicas podem estar relacionados a histórias familiares, tendo pertencido a pessoas que viveram, amaram ou ainda amam. Esses artefatos podem ter sido usados em rituais de sobrevivência, nascimento ou casamento, por exemplo. Cada um carrega e cria suas próprias histórias (Rizzi, 1998).

Ou seja, esses objetos são testemunhos vivos de experiências humanas, enriquecendo a narrativa cultural e promovendo uma compreensão mais abrangente das tradições e vivências das comunidades que os originaram. A presença de Suzana, como indígena pertencente ao quadro de funcionários permanente, é vital para fortalecer essa conexão. Sua presença não só enriquece a interpretação e a gestão dos acervos com uma perspectiva informada e sensível, mas também ajuda a promover uma visão mais precisa e enriquecedora das comunidades indígenas no ambiente museal.

O conceito de museu como espaço de preservação e exibição pode ser percebido de maneira diferente pelas diversas comunidades indígenas. Enquanto para alguns, pode representar uma forma de manter viva a memória e a cultura, para outros, pode estar associado a experiências de expropriação e perda. O processo de repatriação de artefatos, como no caso da peça do povo Krenak, exemplifica os esforços de algumas comunidades para reivindicar o retorno de objetos considerados importantes para sua identidade e história, visto que os objetos representam a materialização de relações sociais e jamais serão meros objetos, pois incorporam diversas subjetividades que podem ser verificadas e manifestas em diferentes

situações e contextos. Ademais, os objetos possuem agência, assim com as pessoas, influenciando a vida de indivíduos ao provocar emoções, ações e reações (Silva, 2016).

Além disso, os relatos ressaltam a importância do diálogo e da colaboração entre o museu e as comunidades indígenas. Iniciativas como o museu de portas abertas e as oficinas realizadas com os membros das comunidades mostram um esforço para criar espaços de intercâmbio de conhecimento e experiência. Latour (2007) argumenta que o futuro dos museus depende de estabelecer conexões com as comunidades que produziram os objetos. Ele afirma que tais relações beneficiam tanto as comunidades quanto as instituições, pois os objetos adquirem significados mais apropriados através dessa interação, algo que não seria possível de outra forma. No entanto, ainda há um apelo por uma maior abertura do museu para dialogar com as comunidades indígenas, tanto para promover um maior entendimento sobre o acervo do museu entre os próprios indígenas quanto para facilitar uma participação mais ativa dessas comunidades na gestão e preservação de seu patrimônio cultural.

Em suma, o museu pode ser uma ponte para que todos os povos se reapropriem e revivam conhecimentos culturais que podem ter sido perdidos, ao terem contato com objetos tradicionais que não são mais produzidos em suas comunidades.

Apresentamos a seguir uma tabela que oferece uma visão geral das temáticas discutidas, facilitando a compreensão dos pontos críticos e das contribuições dos entrevistados para a análise do papel do museu na sociedade e nas comunidades indígenas.

Tabela 4. Categorias principais das entrevistas

Categoria	Descrição	Referência
Relevância do Contato com Peças	O contato com peças permite que indígenas retomem conhecimentos ancestrais e vejam como as peças foram feitas, podendo estimular a recriação desses objetos.	Pesquisadora colaboradora e Técnica da Reserva
Repatriação de Objetos	A repatriação é importante para corrigir injustiças históricas, como exemplificado pelo caso da peça do povo Krenak que foi expropriada sem consentimento.	Pesquisadora colaboradora
Diversidade de Opiniões Indígenas	Há opiniões divergentes entre indígenas sobre a presença de objetos nos museus; alguns desejam vê-los, enquanto outros preferem não os ver devido a conotações de morte.	Técnica da Reserva
Papel do Museu na Sociedade	O museu deve ampliar o debate com a comunidade e melhorar a comunicação sobre a	Pesquisadora colaboradora

	pesquisa e os objetos, promovendo uma inclusão mais ampla.	
Acesso e Inclusão nos Museus	Existe uma falta de comunicação sobre a presença de objetos indígenas no museu; há necessidade de maior abertura e colaboração com as comunidades.	Pesquisadora colaboradora
Representatividade e Inclusão no Quadro de Funcionários	A presença de funcionários indígenas, como Suzana, é vital para interpretar e gerir o acervo com sensibilidade e promover maior inclusão.	Pesquisadora colaboradora

Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

4.5 “EU NÃO SABIA SOBRE O QUE QUE ERA O MUSEU, PARA MIM ERA SÓ SOBRE ALGUMA EXPOSIÇÃO E ATIVIDADE”

Desde sua fundação em 1866, o Museu Paraense Emílio Goeldi tem desempenhado um papel importante na preservação e estudos das culturas indígenas da Amazônia. Ao longo dos anos, a abordagem do museu passou por uma transformação significativa. O que antes era caracterizado por uma perspectiva colonialista e distante, hoje se aproxima de um modelo de reconciliação. Atualmente, o museu não apenas conserva as histórias e tradições dos povos indígenas, mas também os envolve em atividades que acontecem no museu, o que ainda é pouco.

Diante disso, fez-se os seguintes questionamentos: “Como você vê a relação atual entre o Museu Goeldi e os povos indígenas? E na sua concepção que maneira essa transformação reflete uma mudança mais ampla na abordagem dos museus em relação às culturas que representam?”

Eu não sabia sobre o que que era o museu, para mim era só sobre alguma exposição e atividade, e depois que vi o que era, eu vejo que eles estão lado a lado da gente, que eles mostram, eles estão dispostos a mostrar a realidade, mostrar as coisas dos antepassados, do que aconteceu. Tanto que muita gente que é interessado nisso e não vai só por curiosidade para saber o que é, eles fazem muitas perguntas, muitos tem dúvidas. Quando a gente tá lá, eu por exemplo, estou lá há duas semanas e eu pude tirar muitas dúvidas, muitas pessoas não conhecem, como que é, ainda tem a visão que a gente vive diferente, que a gente não tá com uma mentalidade criada ou formada, pensam como se fossemos como antigamente, e isso mudou, as crianças chegam lá curiosas. Eu vejo que esse espaço que o museu criou para passar a realidade é excelente, para mim, porque muda a visão de muitas pessoas. [...] o museu dando esse espaço para o pessoal entender o que é as coisas cria a ideia para eles verem que a gente tá no meio

deles, onde estiverem, a gente vai tá lá, a gente não tá mais excluído como era antes. (Monitor da Exposição Itinerante)

O monitor confessa: "Eu não sabia sobre o que era o museu, para mim era só sobre alguma exposição e atividade." Essa admissão revela uma falta de conhecimento inicial comum a muitos visitantes. No entanto, essa percepção evolui com a experiência no museu, mostrando sua capacidade de surpreender e educar, ultrapassando expectativas superficiais.

Com o tempo, o monitor percebe um propósito mais profundo no museu: "Eles estão lado a lado da gente, mostram a realidade, as coisas dos antepassados, do que aconteceu." Isso indica que o museu não apenas exhibe artistas, mas também conta histórias, salvaguarda memórias e conecta o presente ao passado.

Ele também observa que o interesse dos visitantes no Museu Paraense Emílio Goeldi vai além da mera curiosidade. Eles fazem muitas perguntas e demonstram um desejo real de compreensão. Especialmente as crianças, que chegam ao museu com grande curiosidade, evidenciam o papel educativo que o museu desempenha. Esse interesse ajuda a moldar as percepções das gerações mais jovens, promovendo uma maior compreensão e respeito pelas culturas indígenas.

O monitor faz uma reflexão bem pertinente sobre como o museu ajuda a combater estereótipos e preconceitos: "*Muitas pessoas não conhecem como vivemos atualmente; ainda têm a visão de que vivemos de maneira arcaica, como se não tivéssemos uma mentalidade moderna.*" Essa declaração me fez pensar sobre a potência e impacto que os museus podem ter na sociedade. Ao apresentar a realidade contemporânea dos povos indígenas, o museu não só desafia esses equívocos, mas também destaca as modificações dentro dessas comunidades.

"Nos museus, muitas vezes se trata mais sobre os povos indígenas do passado e menos sobre o passado dos povos indígenas. Essa distinção é fundamental" (Lima, 2023). Assim, quando os museus focam na história viva e nas culturas atuais, eles nos ajudam a enxergar que essas comunidades estão em constante transformação, desafiando a percepção equivocada de que permanecem estáticas no tempo. Isso nos convida a revisitar nossas ideias e abrir espaço para novas perspectivas.

Nora (2009) argumenta que os museus, ao exteriorizarem memórias, colaboram para o fortalecimento do sentimento de pertencimento a um grupo ou a uma identidade cultural específica. Contudo, ao mesmo tempo em que atuam como guardiões do poder memorial e portadores de discursos de verdade, eles refletem os conflitos decorrentes da transmissão social da memória. Questões como o que é transmitido, como é transmitido, quem transmite e

por que se transmite são essenciais na análise das narrativas performativas que moldam memórias e identidades dentro dos museus.

A importância do espaço criado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi fica evidente nas palavras de um dos monitores: "Eu vejo que esse espaço que o museu criou para passar a realidade é excelente para mim, porque muda a visão de muitas pessoas." Essa mudança de percepção é vital para a integração e facilidade das culturas indígenas na sociedade. Para ele, o museu desempenha um papel fundamental na quebra de barreiras e preconceitos, promovendo a inclusão. Ou seja, o museu não apenas exhibe artistas culturais, mas também promove a compreensão e desmistificação das culturas indígenas.

Dessa forma, para alcançar essa inclusão plena, é requerido entender as memórias contadas e os saberes transmitidos pelos próprios indígenas, que devem ser considerados e tratados como curadores e interlocutores legítimos nessas exposições. Ter acesso a história indígena brasileira a partir dos museus não é apenas entender "o outro", mas implica refletir sobre nós mesmos e sobre a sociedade na qual vivemos (Freire, 2016, p. 3).

A presença de monitores e educadores indígenas no museu transforma a experiência dos visitantes, criando um espaço de verdadeiro diálogo e aprendizado. Esses profissionais têm a capacidade de esclarecer dúvidas e compartilhar histórias de forma autêntica, oferecendo uma visão mais rica e pessoal das culturas indígenas. Com eles, o museu se torna um lugar onde as narrativas são contadas de maneira vivencial e direta.

Concluindo, a atuação do Museu Paraense Emílio Goeldi ilustra a importância de envolver as comunidades indígenas de forma ativa no processo de curadoria e educação museológica. Esses espaços devem transcender a função de meros repositórios de artefatos; devem se transformar em plataformas de diálogo e colaboração. Esse engajamento não apenas enriquece a experiência museológica, mas também fortalece o respeito e a conscientização sobre a diversidade cultural e a história viva desses povos.

Os resultados obtidos sugerem várias direções para futuras investigações. Estudos adicionais poderiam focar na avaliação mais detalhada do impacto das práticas de integração das comunidades indígenas sobre suas percepções e identidades culturais. Além disso, a análise de modelos de colaboração bem-sucedidos em outros contextos museológicos poderia fornecer insights valiosos para aprimorar as práticas do Museu Emílio Goeldi. Pesquisas futuras também poderiam explorar a eficácia das estratégias de envolvimento das comunidades indígenas e como essas estratégias podem ser ajustadas para melhorar a colaboração e a representação cultural.

A tabela abaixo resume as percepções e observações dos entrevistados sobre o papel do Museu Paraense Emílio Goeldi, destacando a evolução na compreensão do museu, o impacto educativo e a importância da integração das comunidades indígenas na curadoria e educação museal.

Tabela 5. Categorias principais das entrevistas

Categoria	Descrição	Referência
Percepção Inicial do Museu	Inicialmente, o monitor não sabia o que era o museu, achando que se tratava apenas de exposições e atividades. Após o envolvimento, percebeu que o museu está comprometido em mostrar a realidade e a história dos povos indígenas.	Monitor da Exposição Itinerante
Reconhecimento do Papel Educativo	O monitor observou que o museu não só exibe artefatos, mas também promove o entendimento e a conexão com a realidade dos povos indígenas, educando os visitantes e desafiando estereótipos.	Monitor da Exposição Itinerante
Impacto no Interesse dos Visitantes	A presença de visitantes curiosos, especialmente crianças, demonstra a capacidade do museu em despertar interesse e promover a compreensão sobre as culturas indígenas.	Monitor da Exposição Itinerante
Desafios na Percepção das Culturas Indígenas	O monitor notou que muitas pessoas ainda têm uma visão arcaica dos povos indígenas e como o museu ajuda a mudar essa percepção mostrando a realidade contemporânea.	Monitor da Exposição Itinerante
Valor do Espaço Criado pelo Museu	A inserção de monitores e educadores indígenas no museu oferece uma perspectiva mais autêntica e direta, promovendo um verdadeiro diálogo e aprendizado sobre as culturas indígenas.	Monitor da Exposição Itinerante
Integração dos Indígenas na Curadoria	A presença de funcionários indígenas, como Suzana, é vital para interpretar e gerir o acervo com sensibilidade e promover maior inclusão.	Monitor da Exposição Itinerante

5. TECENDO SABERES: CONSIDERAÇÕES “FINAIS” E CAMINHOS FUTUROS POSSÍVEIS

A proposta inicial da pesquisa revela as camadas profundas por trás das exposições e da curadoria do Museu Paraense Emílio Goeldi, permitindo uma compreensão mais ampla dos processos educativos que sustentam suas atividades. Este trabalho buscou desvelar os processos que atravessam a educação museal no Goeldi, analisar projetos colaborativos com os povos indígenas e destacar o protagonismo desses povos em suas resistências.

No decorrer da pesquisa observa-se que o Museu Goeldi desempenha um papel de relevância na região amazônica ao preservar saberes e memórias locais. Há cerca de um século, pesquisadores do museu colaboram com os povos amazônicos, evidenciando a importância dessa parceria na troca de conhecimentos e no aprimoramento dos espaços museológicos para promover a interação entre diversas culturas e curadorias.

A curadoria, no entanto, vai além das paredes do museu. Os primeiros curadores são, em muitos aspectos, os próprios povos tradicionais, que preservam suas tradições e artefatos mesmo diante de todo o processo de subalternização. Os museus têm o potencial de moldar identidades e desafiar estereótipos arraigados na sociedade, oferecendo uma plataforma para a verdadeira expressão e fortalecimento das culturas indígenas.

Considerar a perspectiva indígena na museologia é um passo para descolonizar o campo, que historicamente tem sido dominado por narrativas eurocêntricas. Os museus devem refletir sobre o tipo de relação que desejam estabelecer com o passado e buscar representar os povos indígenas a partir das narrativas autorais.

A presente pesquisa examinou o Museu Paraense Emílio Goeldi e sua interação com as comunidades indígenas, destacando tanto os avanços significativos quanto os desafios enfrentados. Através desta análise, foi possível identificar como o museu tem integrado os saberes e modos de vida indígenas em seus processos educativos e qual o impacto dessa integração nas relações entre o museu e os povos originários.

O Museu Paraense Emílio Goeldi tem demonstrado avanços notáveis na incorporação dos conhecimentos indígenas em suas atividades educativas. E partindo das vivências na construção dos dados da presente pesquisa, tratar a exposição "Nhe'ê Porã: Memória e Transformação", com curadoria de profissionais indígenas, simboliza um passo importante

para a concepção legítima das culturas indígenas e do discurso museológico que permeiam e circulam nesses ambientes, visto que os objetos e textos de uma exposição formam um discurso integrado, influenciando a percepção ao visitante. Além disso, o envolvimento das comunidades indígenas em atividades e eventos educativos evidencia um esforço contínuo para integrar essas comunidades no processo educativo do museu, enriquecendo a experiência museológica e proporcionando ao público uma visão mais abrangente e realista das culturas indígenas.

Uma educação museal numa perspectiva decolonial é possível de se identificar nas experiências do Museu Goeldi na atualidade, mas essa é uma vertente essencial nesse processo de transformação, que também tem suas raízes na própria dinâmica do Museu. As mudanças nas práticas educativas do Museu Goeldi, que agora incorporam os saberes e perspectivas indígenas, reflete um esforço para descolonizar o discurso museológico e criar um ambiente de aprendizado mais representativo. No entanto, é fundamental reconhecer que, apesar desses avanços, ainda existem desafios a serem enfrentados.

É necessário aprimorar as práticas para evitar generalizações e garantir que as contribuições indígenas sejam efetivamente integradas em todas as etapas dos projetos museológicos. As parcerias estabelecidas precisam ser fortalecidas para assegurar uma colaboração mais produtiva e reflexiva das realidades e perspectivas indígenas.

O discurso museológico também precisa ser revisado para refletir uma compreensão mais real sobre as culturas indígenas. Isso envolve não apenas a inserção de narrativas indígenas, mas a criação de espaços onde essas narrativas possam ser transmitidas como realmente são. O desenvolvimento de museus indígenas, que são geridos e curados por indígenas, representa uma forma significativa de avanço nesse sentido, por exemplos, o Museu das Culturas Indígenas em São Paulo, o espaço promove programas educativos com a equipe do Museu composta por Mestre de Saberes, Educadora e Assistente de formação. Os Mestres de Saberes representam a presença viva dos povos indígenas e a conexão direta com o público, transmitindo suas narrativas e revelando a riqueza da diversidade cultural no Brasil. Eles compartilham seus distintos modos de falar e educar, tornando-se a essência mais significativa da visita (Museu das Culturas Indígenas, 2024).

Esses museus oferecem uma plataforma para a verdadeira expressão e fortalecimento das culturas indígenas, rompendo com estereótipos, valorizando não apenas a presença indígena, mas também a maneira como eles ocupam, se apropriam e fazem pleno uso do espaço que conquistaram, transformando-o em um reflexo de suas vivências e identidades.

A pesquisa também revelou a importância dos saberes indígenas na formação dos processos educativos do museu. A integração dos modos de vida e práticas culturais dos povos indígenas tem sido evidente nas atividades museológicas. Esse envolvimento direto das comunidades contribui para uma interpretação mais honesta e completa das culturas amazônicas, oferecendo ao público uma perspectiva enriquecedora sobre a diversidade cultural da própria região. Até o presente momento, podemos observar que o Museu Goeldi tem conseguido promover um diálogo entre as tradições indígenas e o público visitante, ampliando a compreensão e apreciação das culturas originárias.

Portanto, a presente pesquisa enfatiza a necessidade de uma transformação mais profunda nas práticas museológicas e educativas numa perspectiva decolonial a partir do Sul Global. Sendo imprescindível um esforço contínuo para dismantelar as hierarquias coloniais e promover um diálogo genuíno e respeitoso com os povos indígenas. E para construir um futuro em que todos tenham voz e oportunidades iguais é necessário refletir constantemente sobre as práticas e políticas das instituições (como escolas, governos, museus) para garantir que essas práticas sejam justas e equitativas. Além disso, é fundamental ter um compromisso com a justiça epistemológica e social, ou seja, reconhecer e valorizar diferentes formas de conhecimento e cultura, especialmente aquelas que historicamente foram marginalizadas ou ignoradas. Em outras palavras, é sobre criar um ambiente onde todos os saberes e culturas tenham o mesmo valor e reconhecimento.

Em suma, o Museu Paraense Emílio Goeldi tem avançado na integração dos saberes indígenas em suas práticas educativas, demonstrando um comprometimento com os povos indígenas. Para consolidar esses avanços e enfrentar os desafios persistentes, deve-se continuar no aprimoramento das práticas do museu e fortalecer a colaboração com as comunidades indígenas. Este estudo oferece uma visão dos progressos realizados a partir de uma breve análise histórica da relação entre o Museu Goeldi e os povos indígenas, bem como diálogos com pesquisadores e representantes indígenas que possuem ou possuíam alguma relação com o Museu. Os avanços e as áreas que requerem atenção contínua são destacados, sublinhando a importância de um diálogo aberto e adaptativo para que a sociedade compreenda a história mais recente dos povos originários, conheça e reflita sobre o passado, entenda o presente e, assim construir um futuro em que todas as vozes e narrativas sejam ouvidas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Camila. Aloisio. O uso de narrativas biográficas em investigações: quais valores, posturas e métodos adotar? **Revista Portuguesa de Educação**, 33(2), 279-294, 2020.
- ARNAUD, Expedito. A expansão dos índios Kayapó-Gorotire e a ocupação nacional (região sul do Pará). **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. 32, p. 73-129, 1987.
- BALLIVIÁN, José Manuel Palazuelos (org.). **Tecendo relações além da aldeia: artesão indígenas em cidades da região sul**. São Leopoldo: Oikos; Comin, 2014.
- BANIWA, Denilson. 2018. “Performance Pajé-Onça Hackeando a 33a Bienal de Artes de São Paulo.” (HD vídeo, 16:9, cor, som, 15min), 17 November.
- BANIWA, Denilson. Entrevistado por Leando Muniz. **Arte indígena. Como exportar? Museus e galerias reveem seus modos expositivos na apresentação de arte indígena**. 22 jun. 2021. Disponível em: <<https://select.art.br/arte-indigena-como-exportar/>>. Acesso em: 22 jun. 2024
- BANIWA, Denilson. 2021b. “At Least 23 Worlds: A Conversation between Denilson Baniwa and Ana Vaz. 2001.” Non-Fiction. Issue 3: The Living Journal, 24 August. Accessed December 2021. Transcript available on <https://opencitylondon.com/non-fiction/issue-3-space/at-least-23-worlds/>
- BARBOSA, Yasmine Martins. **O Museu Indígena Pitaguary: Proposta de incorporação do horto de plantas medicinais na coleção museológica**. 2019. 128 f. Dissertação (Mestrado em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.
- BENJAMIN, Walter. Espaços que suscitam sonhos, museus, pavilhões de fontes hidrominerais. In *Revista do Patrimônio*, nº 31. Brasília: Iphan, 2006, pp. 133-147.
- Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, 2009. Belém: MPEG, 2009. V. 4 n. 3. pp: 489-503.
- BONIN, Iara Taiana. E por falar em povos indígenas... uma conversa sobre práticas pedagógicas que ensinam sobre identidades e diferenças. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007, Porto Alegre/RS.
- BORBA, Rogério Augusto. No apagar das luzes do governo Bolsonaro. In: **Rede Brasil Atual**. Blog na Rede. 18 nov. 2022. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/blogs/blog-na-rede/no-apagar-das-luzes-governo-bolsonaro-mud>> Acesso em 11 de março de 2023.

BRULON, Bruno. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para repensar os museus. **Anais Do Museu Paulista: História e Cultura Material**, 28, e1. (2020) <https://doi.org/10.1590/1982-02672020v28e1>.

Campus de Pesquisa. Museu Paraense Emílio Goeldi. Disponível em: <https://www.museu-goeldi.br/assuntos/o-museu/campus-de-pesquisa>. Acesso em: 25 jan. 2024.

CANDAU, Joel. Memória e identidade. 1 ed. São Paulo: **Contexto**, 2012.

CANALLI, Maria Lucimar. História/Memória no museu visconde de Guarapuava: Visibilidades e apagamentos da escravidão negra. 2020. 156 f. **Dissertação** (Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava - PR.

CARVALHO, Josué. As memórias e os lugares: território, identidade étnico-cultural e museus indígenas. In: CURY, Marília Xavier. (Org.). **Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações**. São Paulo: SEC-SP, ACAM Portinari, Museu Índia Vanuúre, MAE-USP, 2020. p. 156-173. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/464>.

COELHO-FERREIRA, Márlia Regina; LÓPEZ-GARCÉS, Claudia Leonor (org.). **Mebêngôkre nhõ pidj'y: remédios tradicionais Mebêngôkre-Kayapó: pesquisas colaborativas sobre plantas medicinais nas aldeias Las Casas (TI Las Casas) e Moikarakô (TI Kayapó) - PA**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2020.

CONSELHO Internacional de Museus (ICOM). **Nova Definição de Museu**. Definição aprovada em 24 de agosto de 2022 durante a Conferência Geral do ICOM em Praga. Disponível em: <https://www.icom.org.br/?page_id=2776> Acesso em 22 novembro de 2023

CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes. Paulo Freire: uma leitura de seu pensamento social e pedagógico crítico a partir do sul. **REVISTA PRÁXIS EDUCACIONAL**. v. 17, n. 47, p. 121-143, ago. | 2021 VITÓRIA DA CONQUISTA | BAHIA | BRASIL

COSTARD, Larissa. Gênero, currículo e pedagogia decolonial: anotações para pensarmos as mulheres no ensino de História. **Revista Fronteiras e Debates**. Macapá, v.4, n.7, p. 159-175, jan. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.unifap.br/index.php/fronteiras/article/view/3635>>. Acesso em: 09 de março. 2023.

CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. Carlos Estêvão de Oliveira (1880-1946). In: CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. **Talento e atitude: estudos biográficos do Museu Emílio Goeldi, I**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989. p. 103-121.

CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. **TALENTO E ATITUDE: Estudos Biográficos do Museu Emílio Goeldi, I**. MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. COLEÇÃO ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA. Belém - Pará Outubro 1989. Disponível em: <https://repositorio.museu-goeldi.br/bitstream/mgoeldi/679/1/Talento%20e%20Atitude%20CHARLES%20FREDERIC%20HARTT.pdf>. Acesso em 19 out. 2023.

_____, Osvaldo Rodrigues da. (2009). Jacques Huber (1867-1914). **Boletim Do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, 4(3), 489–502.
<https://doi.org/10.1590/S1981-81222009000300010>

CURY, Marília Xavier. **Museus e indígenas: saberes e ética, novos paradigmas em debate** / Marília Xavier Cury (org). São Paulo: Secretaria da Cultura: ACAM Portinari: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2016.

CURY, Marília Xavier. Circuitos museais para a visitação crítica: descolonização e protagonismo indígena. **Revista Iberoamericana de Turismo- RITUR**, Penedo, v. 7, Dossiê Número 3, dez. 2017, p. 87-113.<http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>. ISSN: 2236-6040. DOI: 10.2436/20.8070.01.65.

CURY, Marília Xavier. Lições indígenas para a descolonização dos museus: processos comunicacionais em discussão. **Cadernos CIMEAC** – v. 7. n. 1, 2017

DUSSEL, Enrique. 1942: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade. Conferência de Frankfurt / Enrique Dussel. Tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 1993. ISBN 85-326-1045-5.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação: crítica à ideologia da exclusão**. São Paulo: Paulus, 2005.

ESBELL, Jader. Entrevistado por Caroline Oliveira e Raquel Setz. **Jaider Esbell: “Arte indígena desperta uma consciência que o Brasil não tem de si mesmo”**. Revista Brasil de Fato. São Paulo (SP), 03 de novembro de 2021. Disponível em:
<https://www.brasildefato.com.br/2021/11/03/jaider-esbell-arte-indigena-desperta-uma-consciencia-que-o-brasil-nao-tem-de-si-mesmo>. Acesso em: 22 jun. 2024.

Estação Científica Ferreira Penna. Museu Paraense Emílio Goeldi. Disponível em:
<https://www.museu-goeldi.br/assuntos/o-museu/estacao-cientifica-ferreira-penna>. Acesso em: 20 mar. 2024.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. Educação & Sociedade, São Paulo, ano 23, n. 79, p.257-272, ago. 2002. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf> Acesso em 25/02/2023.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Parque da cidade, museu da nação: nacionalismo, modernismo e instituições científicas na Amazônia, 1930-1945. In: FAULHABER, P.; TOLEDO, P. M. (org.). Conhecimento e Fronteira: História da Ciência na Amazônia. Belém: MPEG; Brasília: Paralelo 15, 2001. p. 181-204.

FLOREZ, Lilina. Suescun.; SANJAD, Nelson; OKADA, Wanda. Construção do Espaço Museal: ciência, educação e sociabilidade na gênese do Parque Zoológico do Museu Goeldi (1895-1914). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 26, e. 15, 2018.

FRANCO, Maria Mantovani. Museus: agentes de inovação e transformação. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 57, n. 13, p. 13-27, 2019.

FREIRE, José Ribamar Bessa. Cinco ideias equivocadas sobre o índio. **Revista Ensaios e Pesquisa em Educação**, v. 1, n. 2, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrrj.br/index.php/repecult/article/view/578/578>. Acesso em: 26 jun. 2023.

FUNARTE. **Você sabe o que é Art Nouveau?** Disponível em: <https://www.gov.br/funarte/pt-br/assuntos/noticias/todas-noticias/voce-sabe-o-que-e-art-nouveau>. Acesso em: 11 maio. 2024.

GALLAIS, Estevão. O apóstolo do Araguaia: Frei Gil missionário dominicano. São Paulo: **Revista dos Tribunais**, 1942.

GOELDI, Emílio. Relatório apresentado pelo Director do Museu Paraense ao Sr. Dr. Lauro Sodré, Governador do Estado do Pará. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*, v. 1, n. 3, p. 217-239, 1895.

GOELDI, Emílio. Relatório apresentado pelo Director do Museu Paraense ao Sr. Dr. Lauro Sodré, Governador do Estado do Pará. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*, v. 2, n. 1, p. 1-27, 1897a.

GOELDI, Emílio. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Lauro Sodré, Governador do Estado do Pará, pelo Director do Museu Paraense. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*, v. 2, n. 3, p. 257-287, 1897b.

GOELDI, Emílio. Relatório sobre o Museu, relativo ao ano de 1901, apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Secretário de Estado da Justiça, Interior e Instrução Pública pelo Dr. Emílio Augusto Goeldi, Diretor do mesmo Museu. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*, v. 4, n. 1, p. 1-30, 1904.

GOELDI, Emílio. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Paes de Carvalho, Governador do Estado do Pará, pelo Director do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia. 1899. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*, v. 3, n. 2, p. 105-134, 1901.

GRANDO, Beleni Salete. Educação escolar indígena e o processo de integração dos povos indígenas à sociedade brasileira: um movimento histórico de luta e resistência cultural. In: 23ª Reunião Anual da ANPED - Educação não é privilégio (centenário de Anísio Teixeira), 2000, Caxambu/MG. 23ª Reunião Anual da ANPED - Programa e Resumos. Caxambu/MG: ANPED, 2000. v. 1. p. 127-127.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. 1998. Coleções e Expedições Vigeadas: Os Etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil. São Paulo: Hucitec/Anpocs. 341 pp.

HEIN, George E. **Museum Education**. IN: MACDONALD, Sharon (org.). *A companion to Museum Studies*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2011.

HOBBSAWN, Eric. RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997 (Coleção Pensamento Crítico; v.55)

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (Ibram). **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: Ibram, 2018. Disponível em:

<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-daPNEM.pdf>. Acesso em: 05 de abril de 2020.

JACOBS, Júlia. SMALL, Zachary. *Field Museum cobre algumas exposições nativas enquanto novas regras entram em vigor*. Entrevista cedida a The New York Times. New York, 2024.

JUNGHANS, Miriam. Emília Snethlage (1868-1929): uma naturalista alemã na Amazônia. In: **Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008, V.15, suplemento, p. 243-255, jun. 2008.

KAYAPÓ, Bekó et al. (org.). *Me à yry Tekrejarôtire: os trabalhos artesanais dos Mebêngôkre-Kayapó da aldeia Las Casas*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2013.

KOPENAWA, Davi.; ALBERT, Bruce.; *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: **Editora Companhia das Letras**, 2015.

KRENAK, Ailton. 2019. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: **Companhia das Letras**, 85p.

KRUEL, Viviane *et al.* *Biocultural collections and participatory methods: old, current and future knowledge*. In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino et al. (org.). *Methods and techniques in ethnobiology and ethnoecology*. 2. ed. New York: Humana Press, 2019. p. 215-228.

LEAL, Diego Rodrigo Guimarães. Trajetórias profissionais e instituições científicas na Era Vargas a atuação científica e política de Carlos Estêvão de Oliveira (1930-1941). *Revista Brasileira de História da Ciência*. v. 16 n. 1 (2023).

DOI: <https://doi.org/10.53727/rbhc.v16i1.841>

LÓPEZ GARCÉS, Cláudia; DOS SANTOS KARIPUNA, Susana Primo. “Curadorias do invisível”: conhecimentos indígenas e o acervo etnográfico do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 101–114, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/35492>. Acesso em: 24 abr. 2023.

FRANÇA, Juliana Mesquita Zikan. A “atmosfera senhorial” no Museu do Estado de Pernambuco: um ensaio sobre a exposição de longa duração Pernambuco Território e Patrimônio de um Povo. 2019. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

LIMA, Leilane. Patrícia de. Entre lembranças e esquecimentos: reflexões sobre a presença de memórias indígenas em museus de história. **Cadernos do Ceom**, História ambiental – v. 36, n. 59 (Out/2023) – ISSN 2175-0173 DOI: <http://dx.doi.org/10.22562/2023.59.15>

LÜDKE, Menga.; ANDRÉ, Marli. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, SP: **Editora Pedagógica e Universitária**, 1986.

MELO, Paula Maria Correa de Oliveira et al. Coleções etnobotânicas no Brasil frente à estratégia global para a conservação de plantas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**.

Ciências Humanas, Belém, v. 14, n. 2, p. 665-676, 2019. DOI: 10.1590/1981.81222019000200020.

MELO, Elias de, PEREIRA; S. Lipu, D. J. Museu *Worikg* e as mulheres Kaingang. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 22–33, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/36180>. Acesso em: 22 abr. 2023.

MENESES, Maria Paula. **‘Ecologia de saberes’ para descolonizar nossas mentes**. Entrevista para História Ciências Saúde-Manguinhos, por Marina Lemle. Disponível em: <<https://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/ecologia-de-saberes-para-descolonizar-nossas-mentes/>>. Acesso em: 4 jun. 2024

MENSCH, Peter Van. Notas sobre os arredores: patrimônio e novas tecnologias. *Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia*, n.4, nov. 2009. Disponível em: www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/musas20120327.pdf. Acesso em: 02 jun. 2024.

MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: **Editorial Gedisa**, 2007.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, Dossiê: literatura, língua e identidade, n. 34, p.287-324. 2008. Disponível em: <http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Deslandes. Suely Ferreira; Gomes. Romeu. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade - Série Manuais Acadêmicos**. Editora Vozes, 2016.

MUSEU DAS CULTURAS INDÍGENAS (MCI). Disponível em: <https://museudasculturasindigenas.org.br/transformacao-e-saberes/programa-educativo/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. *Relação do Material Etnográfico do Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém do Pará, 1939-1940*. MPEG, Coordenação de Ciências Humanas, Reserva Técnica Curt Nimuendajú.

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. Disponível em <<http://linguistica.museu-goeldi.br/>> Acesso em 20 de janeiro de 2023.

MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira / Daniel Munduruku; ilustrações Mauricio Negro**. - 2ª. ed - São Paulo: Editora Global, 2009.

MUNIZ, Leandro (2021). **Arte indígena. Como expor?** Museus e galerias reveem seus modos expositivos na apresentação de arte indígena. Reportagem de Denilson Baniwa à seLecT.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: Projeto História, São Paulo, nº.10, dez, 1993.

NORA, Pierre. Memória: da liberdade à tirania. IN: Revista MUSAS, n. 4, p. 6- 10, 2009.

Nostalgia Belém. Museu Emílio Goeldi em 1949. In: **Nostalgia belém.blogspot.com**. 06 Mar. 2014. Disponível em: <Nostalgia Belém: Museu Emílio Goeldi em 1949 (nostalgiaelem.blogspot.com)> Acesso em 14 de mar. de 2023.

OHANA, Victor. **1ª curadora indígena do Masp pede demissão após exclusão de fotos do MST em mostra**. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/1a-curadora-indigena-do-masp-pede-demissao-apos-exclusao-de-fotos-do-mst-em-mostra/>>. Acesso em: 4 jun. 2023.

OLIVEIRA, Cecilia. Helena. De Salles. Museu Paulista da USP: percursos e desafios. **Estudos Avançados**, v. 25, n. 73, p. 229–240, 2011.

Portal do Museu Paraense Emílio Goeldi < <https://www.Museu Emílio Goeldi - História> > Acesso em: 19 de fevereiro de 2023.

PORTAL DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI <Etnografia - Museu Emílio Goeldi> Acessado em 20 de fevereiro de 2023.

PACHÁ, Patrícia. Moreira, Lúcia Vaz de Campos. **Entrevista Narrativa Como Técnica de Pesquisa**. Synesis, v.14, n.1, p. 157-168, jan/jul 2022, ISSN 1984-6754. Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil.

PENEDO, Paula. **Arte indígena catalisa resistência e valoriza diversidade**. Jornal da Unicamp. EDIÇÃO 705 | Campinas, 29 de abril a 06 de maio de 2024.

PORTO, Nuno. **Para Uma Museologia do Sul Global: multiversidade, descolonização e indigenização dos museus**. Multiversidade, descolonização e indenização dos museus. Revista Mundaú. Maceió, n. 1, p. 59-72, 2016. Disponível em: < <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistamundau/article/view/2367>>. Acesso em: 25 fev. 2023.

QUIJANO. Anibal. **Colonialidad del poder y clasificación social**. Journal of World-Systems, v.11, n.2, 2000, p.342-86.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

REZENDE, A. C. NASCIMENTO, S. M. Lógicas do Sistema Mundo Moderno Colonial e violências contra os Povos Indígenas no Brasil. **Revista de Estudos em Relações Interétnicas | Interethnics**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 90–111, 2018. DOI: 10.26512/interethnic.v21i2.12243. Disponível em:<https://periodicos.unb.br/index.php/interethnica/article/view/12243>. Acesso em: 12 jun. 2022.

ROCA, Andrea. Acerca dos processos de indigenização dos museus: uma análise comparativa. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 123-155, jan/abr. 2015. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/mana/a/PJzW9KdN6DHSj5YvGBJJKpt/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 março de 2023.

ROQUE, Maria Isabel Rocha. O museu de arte perante o desafio da memória. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências. Humanas, Belém, v. 7, n. 1, p. 67-85, jan.-abr. 2012.

SANJAD, Nelson.; SILVA, João. Batista. Poça. Da. Três contribuições de Emílio Goeldi (1859-1917) à arqueologia e etnologia amazônica. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 4, n. 1, p. 94–99, jan. 2009.

SANJAD, Nelson. **A coruja de Minerva**. O Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907). Belém: MPEG; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2010.

SANJAD, Nelson et al. Documentos para a história do mais antigo jardim zoológico do Brasil: o Parque Zoobotânico do Museu Goeldi. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 7, n. 1, p. 197-258, 2012. DOI: 10.1590/S1981-81222012000100013.

SANJAD, Nelson; LÓPEZ-GARCÉS, Cláudia; COELHO, M. C.; SANTOS, R. A.; DE ROBERT, P. **Para além do colonialismo: a sinuosa confluência entre o Museu Goeldi e os Mebêngôkre**. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, [S. l.], v. 30, p. 1-36, 2022. DOI: 10.1590/1982-02672022v30d1e30. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/191587>. Acesso em: 23 abr. 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) Epistemologias do Sul. São Paulo; **Editora Cortez**. 2010. 637p.

SILVA, Edson. (2014). **Ensino e sociodiversidades indígenas: possibilidades, desafios e impasses a partir da Lei 11.645/2008**. Mneme, 15(35), 21-37. Disponível em <<https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/7485/5816>> Acessado em 25 de fevereiro de 2023.

TOLENTINO, Àtila Bezerra. **EDUCAÇÃO PATRIMONIAL DECOLONIAL: PERSPECTIVAS E ENTRAVES NAS PRÁTICAS DE PATRIMONIALIZAÇÃO FEDERAL**. Sillogés – v.1, n.1, jan./jul. 2018 - ISSN 2595-4830 41..

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva, 1928- T759Í Introdução à pesquisa em ciências sociais : a pesquisa qualitativa em educação / Augusto Nivaldo Silva Triviños. --São Paulo: Atlas, 1987.

TUKANO, Daiara. Alento. MAR 360o. 2021. Disponível em<<https://acessibilidade.mar360.art.br/obra/alento/#:~:text=%E2%80%9CAlento%E2%80%9D%20%C3%A9%20uma%20proposi%C3%A7%C3%A3o%20da,est%C3%A3o%20em%20todos%20os%20lugares>>. Acesso em 17 de jun. 2024.

QUADROS, Helena do Socorro Alves. **A epistemologia da educação museal na Amazônia paraense: um estudo sobre o programa do Museu Goeldi de portas abertas**. Orientador: Carlos Jorge Paixão. 2019. 265 f. Tese (Doutorado em Educação), Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/11912>.

Regimento do MPEG. PORTARIA Nº 3.458, DE 10 DE SETEMBRO DE 2020 - DOU - Imprensa Nacional <PORTARIA Nº 3.458, DE 10 DE SETEMBRO DE 2020 - PORTARIA Nº 3.458, DE 10 DE SETEMBRO DE 2020 - DOU - Imprensa Nacional (in.gov.br)> Acesso em 17 de março de 2023.

RIBEIRO, Zico Fojit. “**Adaptações e demandas no artesanato indígena**”. In: BALLIVIÁN, José Manuel Palazuelos (org.). Tecendo relações além da aldeia: artesão indígenas em cidades da região sul. São Leopoldo: Oikos; Comin, 2014. pp. 13-14.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. **Além do artefato**: apreciação em museus e exposições. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 8: 215-220, 1998.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. Diálogo Educ., Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set./dez. 2006. Disponível em: <http://alfabetizarvirtualtextos.files.wordpress.com/2011/08/as-pesquisasdenominadas-do-tipo-estado-da-arte-em-educac3a7c3a3o.pdf> Acesso em 25/02/2023.

VOORT, Der Van Hein. **Fala fictícia fossilizada**: o tempo futuro em Aikanã. Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências humanas [Internet]. 2013. May;8(2):359–77. Available from: <https://doi.org/10.1590/S1981-81222013000200009>

VEJA. Revista. Leia mais em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/museu-emilio-goeldi-reflete-crise-na-ciencia-brasileira/> . Por Luiza Queiroz. Publicado em 22 set 2017.

WAPICHANA, Gustavo Caboco. MANOKI, Tipuici. Isso tudo não me diz nada de permanência como ponto de encontro no Arquivo Histórico da Bienal de São Paulo. A Picada Livros, 2023.

ZANIN, Nauíra Zanardo., et al. Arte indígena na cidade: reflexões sobre patrimônio e territorialidade. **Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, 10 (23): 115-134, maio a agosto de 2023. ISSN: 2358-5587.

APÊNDICE A

ROTEIRO PARA A ENTREVISTA

1. Há quanto tempo você participa dos projetos que o Museu Emílio Goeldi promove em parceria com as comunidades indígenas?
2. Conte sobre sua relação com o Museu Goeldi. Quando e como começou sua ela iniciou?
3. Qual contribuição você acredita que os projetos do Museu Emílio Goeldi em parceria com as comunidades indígenas podem trazer para a comunidade externa, seja ela os visitantes, as escolas, as comunidades etc.?
4. Você saberia dizer quando começaram os trabalhos e projetos do Museu Emílio Goeldi com os povos indígenas?
5. Qual contribuição você acredita que os projetos do Museu Emílio Goeldi em parceria com as comunidades indígenas podem trazer para a comunidade em si e para os povos indígenas?
6. Como você vê a relação atual entre o Museu Goeldi e os povos indígenas?
7. Na sua concepção que maneira essa transformação reflete uma mudança mais ampla na abordagem dos museus em relação às culturas que representam?"

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistada e/ou participar na pesquisa de campo referente à pesquisa intitulada “*MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI E OS POVOS ORIGINÁRIOS: um estudo sobre os saberes e modos de vida indígenas na Amazônia*” da Mestranda Michelly da Silva Fernandes.

Pesquisa orientada pelo Professor Dr. Sérgio Roberto de Moraes Corrêa a quem poderei contatar a qualquer momento que julgar necessário por meio do e-mail sergio.correa@uepa.br.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos deste estudo e, após esclarecimentos, autorizo a utilização do meu nome verdadeiro para valorizar a autenticidade da minha contribuição. Minha participação se fará por meio de gravação de voz, com os dados coletados acessíveis exclusivamente à pesquisadora e ao seu orientador para fins de análise. Ao assinar esta autorização, consinto com a coleta e uso de minha identidade real, assegurando minha participação de forma consciente e informada."

Belém, _____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

Assinatura do(a) orientador: _____



**Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Travessa Djalma Dutra s/n – Telégrafo
66113-200 – Belém-PA**

